

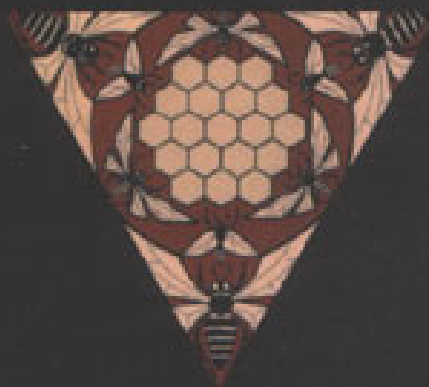
DANIEL QUINN

AUTOR DO PREMIADO *ISMAEL*

"O plano de Quinn é inspirador e diabolicamente inteligente."

John Briggs, autor de *A sabedoria do caos*

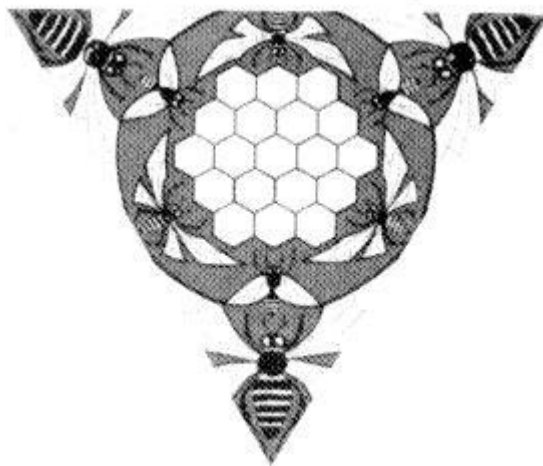
ALÉM DA CIVILIZAÇÃO



A PRÓXIMA GRANDE AVENTURA
DA HUMANIDADE

editora fundação
Peirópolis

ALÉM DA CIVILIZAÇÃO



A Próxima Grande Aventura da Humanidade

DANIEL QUINN

Tradução

Dinah de Abreu Azevedo

Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada devido à sua incomensurável importância para a humanidade visando proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

[Distribua este livro livremente!](#)

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)

Largadores Virtuais

Agradecemos e valorizamos a Editora Peirópolis pela corajosa publicação desta e demais obras do autor.

A Editora Fundação Peirópolis tem como missão contribuir na divulgação dos valores humanos e publicar livros cujos temas estejam afinados com o propósito de construir um mundo mais justo, ético e harmônico.

Se você tiver dificuldade para encontrar nossos livros em sua cidade, entre em contato diretamente com a Editora Fundação Peirópolis pelo telefone (5511) 3816 0699, fax (55 11) 3816-6718, escrevendo para a Rua Girassol, 128 — Vila Madalena CEP 05433-000, São Paulo — SP ou pelo e-mail: vendas@editorapeiropolis.com.br

Visite o *site* da Fundação Peirópolis:

www.peiropolis.org.br

E o *site* da Editora:

www.editorapeiropolis.com.br

Para aqueles que sentiram afinidade com esta obra e suas idéias poderão visitar na Internet o único site brasileiro que trata de temas aqui relacionados:

<http://www.largue.cjb.net>

ORELHA DO LIVRO:

Uma das crenças mais fundamentais da nossa cultura é a de que a *civilização* deve continuar a qualquer custo, sejam quais forem as circunstâncias. Implícita nessa crença está outra: a de que a civilização é a mais *importante* invenção humana e *jamais* deve ser abandonada.

Daniel Quinn, conhecido por seu transformador romance *Ismael*, adotado em escolas e universidades de mais de vinte países, questiona em *Além da Civilização* a forma como o homem se posiciona em relação ao restante da comunidade da vida, orientando-nos a viver como membros dessa comunidade, e não como senhores dela.

Em uma prosa densa, mas leve e agradável, ele nos apresenta uma série de pequenos ensaios de uma página, com idéias e reflexões que nos fazem vislumbrar uma nova alternativa para salvar o mundo, que envolve a

desconstrução da civilização e a revisão de antigos paradigmas de nossa sociedade.

Por que a civilização planta o alimento para trancá-lo e depois obriga os indivíduos a ganhar dinheiro para comprá-lo de volta? Por que não progredimos *além da civilização* e abandonamos o estilo hierárquico de vida que causa grande parte de nossos problemas sociais?

Usando metáforas criativas e bastante eficazes, Quinn desfila para nós suas idéias sobre os problemas da sociedade humana e aponta caminhos rumo a um novo território, “além da civilização”. Esse território não é um espaço geográfico, mas um inexplorado espaço cultural, social e econômico situado “do outro lado” da organização hierárquica da civilização.

A jornada que conduz a esse território não representa um modo de demolir a hierarquia da civilização, mas, antes, apresenta uma maneira de deixá-la para trás. É a “rota de escape” para um futuro no qual as pessoas comuns podem reivindicar sua dignidade, alegria, igualdade e autoconfiança. Essa rota está, é claro, escondida; de outro modo, teria sido descoberta anteriormente. Mas, como Quinn demonstra, está escondida onde se encontram todos os grandes segredos: bem à vista de todos.

O Autor

Daniel Quinn nasceu em Omaha, Nebraska, em 1935. Estudou na Universidade de St. Louis, na Universidade de Viena e na Universidade Loyola de Chicago. Em 1975, Quinn abandonou uma longa carreira de editor

para tornar-se *escritor free lance*.

A primeira versão do livro que veio a ser *Ismael* — seu livro premiado — foi escrita em 1977. Seguiram-se seis outras versões até o livro encontrar sua forma final, como ficção, em 1990. Quinn passou a aprofundar as origens e experiências de Ismael numa autobiografia altamente inovadora, com o título: *Providence — The Story of a Fifty Year Vision Quest*.

A respeito de sua nova obra de ficção, Quinn escreveu: “Durante anos, preocupei-me com a possibilidade de jamais igualar — muito menos ultrapassar — o que consegui em *Ismael*. Essa dúvida apagou-se, para mim, com *A História de B*. Ismael certamente aprovaria esse livro”.



“A articulação de um modo de vida mais simples (feita por Quinn) vai conquistar aqueles que a globalização deixou de fora”. *Publishers Weekly*

*O que aconteceria se forjássemos
deliberadamente nossas soluções
sociais nas chamas do caos criador?*

John Briggs e F. David Peat

*Para Rennie e para Hap Veerkamp e C. J. Harper, com agradecimentos
especiais aos participantes do seminário realizado em Houston em 1998, que
desempenharam um papel absolutamente crucial na criação deste livro, e
para Scott Valentine e Sara Walsh, em particular — vocês nos dão força para
continuar e mantêm minha sanidade mental.*

*Os moradores de rua e os jovens estão convergindo rapidamente para o
território sócio-econômico que identifiquei neste livro como um território que
se encontra “Além da civilização”. A maior parte dos moradores de rua
foram lançados nele involuntariamente, ao passo que muitos jovens anseiam
inconscientemente por ele, como qualquer pessoa que deseja mais da vida do
que apenas a chance de comer na manjedoura onde o mundo está sendo
engolido. É a eles e a suas esperanças que este livro é particularmente
dedicado.*

PARTE UM

Definição do problema

“Ouvi essa história do meu avô, claro!, que a ouviu do seu avô, que também a ouviu do seu avô, e assim sucessivamente, voltando centenas de anos atrás. O que significa que essa história é muito antiga. Mas não vai desaparecer, porque a ofereço a meus filhos, que a contarão a seus filhos, e assim por diante.”

Lazaros Harisiadis, cigano contador de histórias.

Citado por Diane Tong em Gypsy folk tales.

Uma fábula para começar

Há muito, muito tempo, a vida evoluiu num certo planeta, produzindo muitas organizações sociais — alcatéias, matilhas, cardumes, manadas, bandos, rebanhos, e assim por diante. Uma espécie cujos membros eram particularmente inteligentes desenvolveu uma organização social singular chamada “tribo”. O tribalismo funcionou bem para eles durante milhões de anos, mas chegou um momento em que decidiram experimentar uma nova organização social (chamada “civilização”), que era hierárquica e não-igualitária. Não se passou muito tempo e aqueles que ficavam no topo começaram a ter uma vida de grande luxo, usufruindo de um lazer perfeito e tendo o melhor de todas as coisas. Abaixo deles, uma classe formada por um número maior de pessoas vivia muito bem e não tinha do que queixar. Mas as massas que viviam na base da hierarquia não gostavam nem um pouco daquilo. Trabalhavam e viviam como animais de carga, lutando só para continuarem vivos.

“Isso não está dando certo”, disseram as massas. “O modo de vida tribal era melhor. Deveríamos voltar a viver daquela forma”.

Mas o chefe, que ficava no ponto mais alto da hierarquia, disse:

“Abandonamos para sempre aquela vida primitiva. Não podemos voltar a ela”. “Se não podemos voltar”, responderam as massas, “então vamos em frente — na direção de algo diferente”.

“Não, não pode ser”, disse o chefe, “porque nada diferente é possível. Nada pode existir *além* da civilização. A civilização é um invento final, insuperável”.

“Mas nenhum invento é insuperável para sempre. A máquina a vapor foi

suplantada pelo motor a gasolina. O rádio foi suplantado pela televisão. A calculadora foi suplantada pelo computador. Por que seria diferente com a civilização?”

“Não sei *por que* é diferente”, disse o chefe, “mas *é*”.

Mas as massas não acreditaram — nem eu.

Manual de transformação

Minha primeira concepção deste livro refletiu-se no título original — *O manual de transformação*. Pensei nele porque não há nada que as pessoas de nossa cultura desejam mais do que transformação. Querem desesperadamente transformar a si mesmas e o mundo que as cerca. Não é difícil descobrir o motivo disso. Sabem que algo está errado — algo está errado nelas, algo está errado no mundo.

Em *Ismael* e em meus outros livros, apresentei uma nova forma de entender o que há de errado por aqui. Achava ingenuamente que seria o bastante. Em geral, é o bastante. Quando você sabe o que está errado em alguma coisa — o carro, o computador, a geladeira, a televisão — o resto é comparativamente fácil. Achei que seria a mesma coisa, mas está claro que não é. Muitas e muitas vezes, literalmente milhares de vezes, as pessoas me disseram de viva voz ou me escreveram: “Entendo o que você está dizendo — você mudou minha maneira de ver o mundo e o nosso lugar nele —, mas o que acha que devemos FAZER a esse respeito?”.

Eu devia ter perguntado:

“Não é óbvio?”.

Mas, obviamente, *não é* — nem remotamente óbvio.

Neste livro, espero que isso fique óbvio.

O que está em jogo é o futuro da humanidade.

Quem são os membros da “nossa cultura?”

É fácil identificar as pessoas que pertencem a “nossa” cultura. Quando você vai a um lugar — qualquer lugar do mundo — e vê que a comida está trancada a sete chaves, sabe que está entre membros da nossa cultura. Podem ter diferenças extremas em questões relativamente superficiais — forma de se vestir, costumes conjugais, festas que celebram, e assim por diante. Mas, quando se trata da mais fundamental de todas as coisas — conseguir comida para manter a vida —, são todos iguais. Nesses lugares, toda a comida *pertence* a alguém e, se você quiser um pouco dela, vai ter de comprá-la. É o que se espera nesses lugares; os membros da nossa cultura não conhecem outra forma de viver.

Transformar a comida numa mercadoria a ser possuída por alguém foi uma das grandes inovações da nossa cultura. Nenhuma outra cultura da história trancou a comida a sete chaves — e a posse de comida é a pedra fundamental da nossa economia, pois, se ela não estivesse sob sete chaves, quem iria trabalhar?

Que significa “salvar o mundo”?

Quando falamos de salvar o mundo, de que mundo estamos falando? Não do globo em si, claro! Mas também não é do mundo biológico — o mundo da vida. O mundo da vida, por estranho que pareça, não corre perigo (embora milhares e talvez milhões de espécies corram). Até em nosso pior momento, em nosso momento mais destrutivo, não conseguiremos deixar este planeta sem vida. Hoje, estima-se que duzentas espécies se extinguem por dia, graças a nós. Se continuarmos a matança de nossos vizinhos nesse ritmo, chegará inevitavelmente o dia em que uma dessas duzentas espécies será a nossa.

Salvar o mundo também não significa preservar o mundo tal como ele *é agora*. Essa parece ser uma idéia muito boa, mas também é impraticável. Mesmo se toda a espécie humana desaparecesse amanhã, o mundo não ficaria como está hoje. Nunca conseguiremos, aconteça o que acontecer, interromper o processo de transformação deste planeta.

Mas, se salvar o mundo não significa salvar o mundo da vida nem preservá-lo tal como está, inalterado, do que estamos falando? Salvar o mundo só pode significar uma coisa: salvar o mundo *enquanto hábitat humano*. Conseguir isso vai significar (*deve* significar) salvar o mundo enquanto hábitat para o maior número possível de espécies. *Só* podemos salvar o mundo como hábitat se pararmos a matança catastrófica da comunidade da vida, pois a nossa própria vida depende dessa comunidade.

Velhas cabeças com programas novos

Em meu romance *A história de B*, o volume do meio da trilogia que começa com *Ismael* e termina com *Meu Ismael*, escrevi: “Se o mundo for salvo, não vai ser com cabeças velhas e programas novos, mas com cabeças novas e programa nenhum”. Receio que esse seja um caso em que falar é fácil, mas os pensamentos são fugidios. Vou reformular a idéia: se continuarmos como estamos, não vamos continuar por aqui por muito tempo — algumas décadas, um século no máximo. Se ainda estivermos por aqui daqui a mil anos, vai ser porque *deixamos* de viver como vivemos agora.

Como isso vai acontecer? Como vamos deixar de viver como vivemos agora?

É assim que as cabeças velhas pensam em fazer-nos deixar de viver como agora: pensam que vão levar-nos a deixar de viver como agora da mesma maneira que acabaram com a pobreza, da mesma maneira que acabaram com o vício em drogas, da mesma maneira que acabaram com o crime — com programas. Os programas são galhos fincados no leito de um rio para impedir-nos de seguir a correnteza. Os galhos atrapalham *realmente* o curso da correnteza. Um pouco. Mas nunca a impedem de seguir um curso, e nunca desviam o rio.

É por isso que posso prever com a maior segurança que, *se* o mundo for salvo, não vai ser porque algumas cabeças velhas chegaram com alguns programas novos. Os programas nunca acabam com as coisas que eles se propõem acabar. Nenhum programa jamais acabou com a pobreza, com o vício em drogas, nem com o crime, e nenhum programa *jamais* acabará com eles. E nenhum programa jamais nos impedirá de devastar o mundo.

Novas cabeças e nenhum programa

Se o mundo for salvo, não será com cabeças velhas e programas novos, mas com cabeças novas e absolutamente nenhum programa.

Por que não cabeças novas e *programas* novos? Porque onde quer que encontre pessoas trabalhando com programas você não vai encontrar cabeças novas — vai achar cabeças velhas. Programas e cabeças velhas andam juntos como carroças e cavalos.

O rio que mencionei é o rio da visão. O rio da visão de nossa cultura está nos levando para a catástrofe. Os galhos fincados no leito atrapalham a correnteza do rio, mas não precisamos atrapalhar a correnteza — precisamos desviar o rio para um curso inteiramente novo. Se algum dia o rio da visão da nossa cultura começar a nos levar para longe da catástrofe e em direção de um futuro sustentável, os programas serão supérfluos. Quando o rio segue na direção em que você quer que ele siga, não precisa fincar galhos em seu leito para atrapalhar a correnteza.

As cabeças velhas perguntam:

Como impedir que essas coisas ruins aconteçam?

As cabeças novas perguntam:

Como fazer que as coisas sejam como queremos que sejam?

Absolutamente nenhum programa?

Os programas fazem que pareçamos estar muito ocupados com coisas que têm o maior sentido mesmo quando estamos *fracassando*. Se os programas fizessem realmente o que as pessoas esperam que façam, a sociedade humana seria um paraíso: os governos funcionariam, as escolas funcionariam, os sistemas de leis funcionariam, os sistemas de justiça funcionariam, os sistemas penais funcionariam, e assim por diante.

Quando os programas fracassam (como ocorre invariavelmente), a culpa é de coisas como concepção ruim, falta de dinheiro e de pessoal qualificado, má administração e treinamento inadequado. Quando os programas fracassam, as pessoas procuram substituí-los por outros que tenham concepção melhor, mais dinheiro e pessoal mais qualificado, uma administração mais competente e um treinamento melhor. Quando esses programas não dão certo, a culpa é da concepção ruim, da falta de dinheiro e de pessoal qualificado, da má administração e do treinamento inadequado.

É por isso que gastamos cada vez mais com os nossos fracassos a cada ano. A maioria das pessoas aceitam essa situação sem reclamar porque sabem que estão *tendo* mais a cada ano que passa: orçamentos maiores, mais leis, mais policiamento, mais prisões — mais de tudo o que não funcionou no ano passado, nem no anterior, nem no outro.

As cabeças velhas pensam:

*Se não deu certo no ano passado,
vamos nos esforçar MAIS este ano.*

As cabeças novas pensam:

*Se não deu certo no ano passado,
vamos fazer OUTRA coisa este
ano.*

Se não for com programas, com que então?

Encontraram um homem no meio do deserto sentado numa coisa feita de pedras, pedaços de madeira e pneus velhos, que ele “dirigia” com o maior cuidado, como se fosse um veículo de verdade.

Quando lhe perguntaram o que estava fazendo, o homem respondeu:

“Estou indo para casa”.

“Com isso aí, você nunca vai chegar”, disseram-lhe. E ele replicou:

“Se não for com isso, vou chegar com quê?”.

Somos como esse homem, ocupadíssimos em dirigir para o futuro com um amontoado de programas à Rube Goldberg*, que nunca nos leva mais longe que a coisa daquele homem. Mesmo depois de reconhecer que os programas não funcionam e nunca funcionaram parece natural perguntar:

“Se não for com programas, com que então?” Gostaria de reformular a pergunta:

“Se os programas não funcionam, *o que* funcionaria então?”

Na verdade, tenho uma forma melhor ainda de fazer a pergunta:

“O que funciona tão bem que torna os programas supérfluos? O que funciona tão bem que nunca ocorre a ninguém criar programas para *fazer isso* funcionar?”

A resposta a todas essas perguntas é: *visão*.

*Comunista americano que satirizava a preocupação americana com a tecnologia. Seu nome é lembrado quando qualquer “processo simples torna-se estranhamente complicado”. (N. do E).

A invisibilidade do sucesso

Quando as coisas funcionam, as forças que as *fazem* funcionar são invisíveis. O universo como um todo é um exemplo notório disso. Foi preciso que aparecesse um gênio fantástico para reconhecer as leis do movimento e da gravitação universal que agora nos parecem quase tediosamente óbvias. A genialidade de Newton consistiu exatamente em ver o que é tão evidente que chega a ser invisível. Todo avanço da ciência torna visível uma atividade que é dissimulada por seu próprio sucesso.

O conselho da bailarina é: “Nunca deixem ver você suar”. Quando se trata das leis do universo, esse conselho passa a ser: “Nunca deixem ver você: faça que deduzam sua existência”. E, na verdade, as leis do universo nunca são diretamente observáveis e por isso não temos outra forma de descobri-las a não ser por meio da dedução.

Aquilo que faz a comunidade dos seres vivos funcionar está igualmente dissimulado por seu sucesso. As leis básicas da ecologia têm a beleza e a simplicidade de um conto de fadas, mas só começaram a suspeitar de sua existência há um século.

A invisibilidade do sucesso tribal

As pessoas ficam fascinadas ao descobrir que a vida comunitária dos leões dá certo, que a vida comunitária dos babuínos dá certo, que a vida comunitária dos patos dá certo, mas, em geral, relutam em reconhecer por que a vida comunitária de uma tribo humana dá certo. A vida dos seres humanos que vivem em tribos deu certo neste planeta durante três milhões de anos antes de nossa revolução agrícola e não tem tido menos êxito hoje, onde quer que tenham conseguido sobreviver intactos, mas os membros de nossa cultura não querem ouvir falar disso. Na verdade, negam enfaticamente essa verdade. Quando você explica por que a vida comunitária dos elefantes dá certo ou por que a vida comunitária das abelhas dá certo, eles não têm nenhuma dificuldade de entender. Mas, quando você procura explicar por que a vida comunitária das tribos dá certo, acusam-no de “idealizá-las”. Mas, do ponto de vista da etologia ou da biologia evolutiva, o êxito da vida comunitária das tribos humanas é tão idealizado quanto o êxito dos bisontes que viviam em manadas, ou dos cardumes de baleias.

Nossa desculpa cultural para o fracasso é que os seres humanos são “naturalmente” imperfeitos — gananciosos, egoístas, míopes, violentos, e assim por diante, o que significa que *qualquer* coisa que você fizer com eles vai dar errado. Para legitimar essa desculpa, as pessoas *querem* que o tribalismo dê errado. Por esse motivo, para as pessoas que querem preservar a nossa mitologia cultural, qualquer sugestão de que o tribalismo teve êxito é traduzida como ameaça.

Tornar o sucesso tribal visível é o intuito dos meus outros livros e não será repetido aqui.

Sucesso evidente, fonte invisível

Nossa cultura tem sido evidentemente bem sucedida, no sentido de ter conquistado o mundo. Durante a maior parte da nossa história, esse êxito foi visto apenas como algo inevitável, o desenrolar do destino humano. Não fazem indagações sobre ele, como não fazem indagações sobre a lei da gravidade. Quando os europeus “descobriram” o Novo Mundo, consideraram um dever sagrado conquistá-lo. Os povos que viviam aqui eram apenas um obstáculo, como as árvores, as pedras ou os animais selvagens. Não tinham o menor direito de estar aqui, como estavam. Para nós, conquistar esse hemisfério era apenas parte do grande plano (o plano divino, presumivelmente) de conquista do mundo inteiro — por nós.

O fato de termos *conseguido* conquistar esse hemisfério (e, na verdade, o mundo inteiro) não nos surpreende. É apenas o que *tinha* de ser e, por isso, *ocorreu* naturalmente. Ninguém se surpreende quando as nuvens produzem chuva.

Antes de Newton, as pessoas não se perguntavam por que os objetos sem apoio eram compelidos a cair no chão. Só se perguntavam: “Que mais eles podem fazer?” *Têm* de cair no chão, e pronto! Nossos historiadores sempre estiveram na mesma situação quando se trata do nosso tremendo sucesso cultural. Não se perguntam o que nos levou a conquistar o mundo. Apenas se perguntam: “O que mais *poderíamos* ter feito?” *Tínhamos* de conquistar o mundo, e pronto!

A visão é como a gravidade

A visão está para a cultura assim como a gravidade está para a matéria. Quando você vê uma bola rolar para fora da mesa e cair no chão, pensa: “A gravidade está em ação aqui”. Quando vê uma cultura surgir e se espalhar em todas as direções até conquistar o mundo inteiro, você pensa: “A visão está em ação aqui”.

Quando você vê um grupinho de pessoas começar a se comportar de uma forma diferente, que depois se espalha por todo um continente, deve pensar: “A visão está em ação aqui”. Quando digo que o grupinho que tenho em mente são os seguidores de um pregador do século I chamado Paulo e que o continente é a Europa, você sabe que a visão é o cristianismo.

Dúzias e talvez centenas de livros abordaram as razões do sucesso do cristianismo, mas nenhum deles foi escrito antes do século XIX. Antes desse século, parecia a todos que o cristianismo não precisava de razões para ter êxito, assim como a gravidade. Estava fadado a dar certo. Seu sucesso foi promovido pelo destino.

Exatamente pela mesma razão, ninguém jamais escreveu um livro que abordasse os motivos do sucesso da Revolução Industrial. É perfeitamente óbvio para nós que a Revolução Industrial estava fadada a dar certo. Não poderia deixar de dar certo, assim como uma bola que rola para fora de uma mesa não pode cair no teto.

Esse é o poder da visão.

A visão se propaga

Toda visão se autopropaga, mas nem todas propagam-se da mesma forma. De certo modo, o mecanismo propagador *é* a visão.

O mecanismo propagador da nossa cultura foi o crescimento populacional: *Multipliquem-se, depois conquistem mais terras, aumentem a produção de alimentos e depois multipliquem-se um pouco mais.* O mecanismo propagador do cristianismo foi a conversão: *Aceite Jesus, depois faça que outros o aceitem.* O mecanismo propagador da Revolução Industrial foi o progresso: *Melhore alguma coisa, depois se esforce para que os outros a melhorem mais ainda.*

É evidente que todos os mecanismos propagadores têm algo em comum: oferecem benefícios aos que os propagam. Aqueles que conseguem mais terras, aumentam a produção de alimentos e se multiplicam são recompensados com riqueza e poder. Aqueles que aceitam Jesus e fazem que outros o aceitem são recompensados com o céu. Aqueles que aperfeiçoam alguma coisa e se esforçam para que outros a aperfeiçoem mais ainda são recompensados com respeito, fama e riqueza. Mas os benefícios obtidos não devem ser confundidos com o mecanismo em si. Nossa cultura não foi disseminada porque as pessoas tornaram-se ricas e poderosas. O cristianismo não foi propagado por pessoas que ganharam o céu, e a Revolução Industrial não foi difundida por pessoas que conquistaram respeito, fama e riqueza.

A visão: sucesso sem programas

Quando um químico coloca água num tubo de ensaio e acrescenta sal, vem um anjo que dissolve o sal, transformando-o em partículas eletricamente carregadas chamadas íons. Como achamos que o universo se autogoverna de acordo com princípios internamente coerentes e compreensíveis, o anjo dessa história parece-nos inteiramente supérfluo. Por isso o dispensamos, cortando-o da história com a navalha de Occam*.

Embora hoje em dia os historiadores procurem os motivos do sucesso do cristianismo, não estão procurando programas. O cristianismo floresceu no mundo romano porque as pessoas daquela época estavam prontas para ele, e os historiadores não esperam deparar programas em ação no cristianismo, assim como os químicos não esperam deparar anjos trabalhando em seus tubos de ensaio. (Poderiam dizer que o Edito de Milão, assinado por Constantino, que dava aos cristãos a liberdade de culto, foi um programa de apoio, mas, na verdade, só permitiu o que dois séculos e meio de perseguições não conseguiram impedir, assim como a Emenda 21** à Constituição norte-americana só permitiu o que catorze anos de Lei Seca não conseguiu impedir.)

Da mesma forma, a propagação da nossa cultura nunca teve de ser promovida por nenhum programa. Nunca levantou uma bandeira sequer por um único instante, e podemos dizer a mesma coisa da Revolução Industrial.

* *Princípio de Guilherme de Occam (1285-1349), filósofo e teólogo inglês, segundo o qual 'não é necessário multiplicar as essências sem necessidade'. (N. do E.)*

***A emenda 21, aprovada em 22 de fevereiro de 1933, proibia o transporte e a importação de bebidas alcoólicas para distribuição ou consumo em quaisquer Estados, territórios ou possessões dos Estados Unidos. (N. do E.)*

Quando a visão perde o encanto

Quando o rio da visão começa a levar as pessoas para uma direção que não querem tomar, elas começam a fincar galhos em seu leito para atrapalhar a correnteza. São esses galhos que chamamos de programas.

A maioria dos programas assume essa forma: *Proíba aquilo que o incomoda, prenda as pessoas que fazem aquilo que o incomoda e ponha-as na cadeia.*

As cabeças velhas pensam:

Temos de promulgar leis mais Rigorosas e mais abrangentes.

As cabeças novas pensam:

Nenhum comportamento indesejável jamais foi eliminado com a promulgação de uma lei contra ele.

O fato de esse tipo de programa fracassar invariavelmente não preocupa a maioria das pessoas.

As cabeças velhas pensam:

Se não deu certo no ano passado, vamos nos esforçar MAIS este ano.

As cabeças novas pensam:

Se não deu certo no ano passado, vamos fazer OUTRA coisa este ano.

Todo ano, sem falta, proibimos mais coisas, prendemos mais pessoas que estão fazendo as coisas proibidas e as colocamos na cadeia. O comportamento proibido nunca desaparece porque, direta ou indiretamente, tem o apoio da força vigorosa, invisível e invencível chamada visão. Isso explica por que as autoridades policiais têm muito mais probabilidade de cometer um crime do que os criminosos de fazer valer a lei. Isso se chama “deixar-se levar pela correnteza”.

Os programas não são ruins, apenas inadequados

Quando alguém recebe ferimentos num acidente de carro que põem sua vida em risco, os médicos da ambulância fazem tudo o que podem para mantê-lo vivo até chegarem ao hospital. Os primeiros socorros são essenciais, mas, em última instância, insuficientes, como todos sabem. Se não houver um hospital no fim da estrada, o paciente vai morrer porque a ambulância simplesmente não dispõe dos recursos de um hospital.

Pode-se dizer a mesma coisa dos programas. Hoje, há muitos programas implementados que estão adiando a nossa morte — programas para proteger o meio ambiente da degradação em curso. Como os primeiros socorros da ambulância, esses programas são essenciais, mas, em última instância, insuficientes. São insuficientes em última instância porque são essencialmente reativos. Como os médicos da ambulância, não têm condições de fazer coisas boas acontecerem, mas apenas impedir as ruins de ficarem piores ainda. Não fazem surgir uma coisa boa, só adiam, com muito esforço, algo ruim.

Se não houver um hospital no fim da estrada, o paciente que está na ambulância vai morrer porque os primeiros socorros (por mais úteis que sejam) simplesmente não têm condições de mantê-lo vivo indefinidamente. Se não houver uma nova visão para nós no fim da estrada, nós também vamos morrer porque os programas (por mais úteis que sejam) simplesmente não têm condições de nos manter vivos indefinidamente.

Como viver sem um programa?

Certa vez na terra das pernas quebradas os habitantes ouviram boatos de que numa outra terra muito distante as pessoas andavam livremente de um lado para outro, pois ninguém tinha pernas quebradas. Eles zombavam dessas histórias dizendo: “Mas como alguém pode andar por aí sem muletas?”

Se dissermos que a Revolução Industrial é um exemplo fantástico do que as pessoas podem fazer sem um programa não estaremos dizendo toda a verdade. É um exemplo que confunde. Desde a época em que Giambattista della Porta sonhou com a primeira máquina a vapor “moderna”, há quase quatrocentos anos, esse vasto movimento que transformou o mundo foi impulsionado somente pela visão: *Melhore alguma coisa, depois se esforce para que os outros a melhorem mais ainda*. A Revolução Industrial jamais teve necessidade de apresentar um único programa. Ela seguiu seu curso levada pela certeza de milhões de cabeças que achavam que mesmo uma insignificante idéia nova, até mesmo uma inovação ou um aperfeiçoamento modesto em alguns inventos anteriores, poderia melhorar a vida de um modo que talvez nem seus sonhos mais delirantes acalentassem. Durante alguns breves séculos, milhões de cidadãos comuns, motivados quase inteiramente pelo egoísmo, transformaram o mundo humano disseminando idéias e descobertas e promovendo essas idéias e descobertas e levando-as, passo a passo, a novas idéias e descobertas. Reconhecer tudo isso não é transformar a Revolução Industrial num evento abençoado — e condená-la como uma catástrofe também não deixa de fazer dela a maior explosão de criatividade da história humana.

Mas, então, como vamos viver?

Nenhum paradigma tem condições de imaginar o paradigma seguinte. É quase impossível um paradigma imaginar que *haverá* outro um dia. As pessoas que viveram na Idade Média não achavam que estavam no “meio” de coisa nenhuma. Para eles, a forma como estavam vivendo era a forma como as pessoas viveriam para sempre. Mesmo que você conseguisse persuadi-las de que uma nova era estava prestes a chegar, elas não conseguiriam lhe dizer uma única palavra a respeito dela — e, em particular, não conseguiriam lhe dizer o que faria dela uma *nova* era. Se tivessem conseguido descrever a Renascença no século XIV, já *seria* a Renascença.

Não somos diferentes. Por mais que falemos de novos paradigmas e de paradigmas emergentes, é um pressuposto incontestável entre nós que nossos descendentes remotos serão exatamente como nós. Seus aparelhos domésticos, sua moda, sua música etc. certamente serão diferentes, mas temos certeza de que sua mentalidade será idêntica — porque não conseguimos imaginar que as pessoas possam ter nenhuma outra mentalidade. Mas, na verdade, se realmente conseguirmos sobreviver aqui, vai ser por termos entrado numa nova era, tão diferente da nossa quanto a Renascença foi da Idade Média — e tão inimaginável para nós quanto a Renascença na Idade Média.

Como chegar a uma visão que sequer imaginamos?

Como sempre foi feito: *um* meme *de cada vez*. Sei que essa frase precisa de explicação. O melhor seria você ler *O gene egoísta*, de Richard Dawkins, mas, caso não seja possível fazer isso neste exato minuto, vou resumir. Em poucas palavras: *os* memes *estão para as culturas como os genes para o corpo*.

Seu corpo é um conjunto de células. Toda célula do seu corpo tem uma série completa de todos os seus genes, que Dawkins compara a uma série de projetos de construção do corpo humano — e do seu corpo em particular. Depois da concepção, você é uma célula única — uma única série de projetos de construção de seu corpo; metade dessa série você recebeu de sua mãe e a outra metade, de seu pai. Essa única célula divide-se depois em duas células, e cada uma delas contém a série completa de projetos de construção do seu corpo. Mais tarde, essas duas células dividem-se em quatro, as quatro em oito, as oito em dezesseis, e assim por diante — e todas elas contêm a série completa de projetos de construção do seu corpo.

Uma cultura também é um conjunto de células, que são seres humanos individuais. Você (e seus pais, seus irmãos e amigos) tem dentro de si uma série completa de *memes*, que são os projetos de construção conceitual da nossa cultura. Dawkins cunhou o termo *meme* para designar o que ele entendia ser o equivalente cultural do gene.

A transmissão dos genes e dos “memes”

Dawkins sugere que os *memes* se reproduzem e formam um “patrimônio memético” (que eu chamo de “cultura”) de forma análoga à dos genes, que se reproduzem e formam um “patrimônio genético”, isto é, são transmitidos de uma cabeça a outra assim como os genes são transmitidos de um corpo a outro. Os genes passam de um corpo para outro por meio da reprodução. Os *memes* passam de uma cabeça para outra mediante comunicação: nos acalantos ouvidos no berço, nos contos de fadas, na conversa dos pais durante as refeições, em piadas, nos desenhos animados da televisão, nas histórias em quadrinhos, nos sermões, nas fofocas, em palestras, em livros didáticos, em filmes, em romances, em jornais, nas letras das músicas, nas propagandas, e assim por diante.

Muita tinta (real e virtual) já foi gasta com os *memes* de Dawkins. Algumas autoridades descartaram-nos como inexistentes ou absurdos. Outras chegaram a se perguntar se eles existem no cérebro num sentido físico como os dendrites ou as neuroglias. Deixo a seu critério.

Toda cultura é um conjunto de indivíduos, e todo indivíduo tem na cabeça uma série completa de valores, conceitos, regras e preferências que, combinados, constituem os projetos de construção daquela cultura em particular. Chamá-los de *memes* ou *marglefarbes* é irrelevante. Não há a menor dúvida de que existem.

Pequenas porcentagens, grandes diferenças

A menos que, por acaso, você seja um geneticista, provavelmente vai ficar surpreso de saber que as diferenças entre nós e os chimpanzés se reduzem a uma porcentagem muito pequena de genes. Esperaríamos que fosse o contrário. Somos tão evidentemente diferentes dos chimpanzés que esperamos que haja um abismo genético entre nós. Obviamente, os genes que *não* temos em comum são os que “fazem diferença” de algum modo. Mas seria um erro pensar que, sem esses genes, os seres humanos seriam chimpanzés — ou que, com esses genes, os chimpanzés se tornariam seres humanos. Os seres humanos não são apenas chimpanzés com alguns genes extras, nem os chimpanzés são apenas seres humanos sem alguns genes. Nada no mundo da genética (ou, por falar nisso, em qualquer outro mundo) é simples assim.

Só uma porcentagem muito pequena de *memes* diferencia a Renascença da Idade Média, mas é óbvio que os novos “fazem diferença”. A autoridade da Igreja desvaneceu-se, novos ideais humanistas surgiram, o desenvolvimento da imprensa deu às pessoas novas idéias sobre o que poderiam saber e pensar etc. Para produzir a Renascença, não foi necessário mudar noventa por cento dos *memes* da Idade Média — nem oitenta por cento, sessenta por cento, trinta, nem mesmo vinte por cento. E os novos *memes* não tiveram de entrar em ação todos ao mesmo tempo. A Renascença já estava pronta para Andrea del Verrocchio muito tempo antes de estar pronta para Martinho Lutero.

Que “memes” precisamos mudar?

Essa pergunta *é* muito mais fácil de responder do que poderíamos imaginar. Os *memes* que precisamos mudar são os *memes letais*.

Richard Dawkins define a questão com uma simplicidade irreduzível: “Um gene letal é aquele que mata seu possuidor”. Você pode muito bem achar injusto e, de certo modo, até absurdo que coisas como genes letais cheguem a existir. Também pode perguntar-se como é que os genes letais conseguem manter-se no patrimônio genético. Se matam seus possuidores, por que não são eliminados? A resposta é que os genes não entram em ação todos ao mesmo tempo. A maioria deles começa, obviamente, a atuar no estágio fetal, quando o corpo está sendo construído. Alguns, de forma igualmente óbvia, ficam em estado latente até o início da adolescência. É claro que os genes letais que entram em ação antes da adolescência são eliminados rapidamente do patrimônio genético, porque seus possuidores não têm condições de transmiti-los por meio da reprodução. Os genes letais que entram em ação no começo da adolescência também tendem a ser eliminados, mas os que entram em ação na meia-idade ou na velhice mantêm-se no patrimônio genético, pois seus possuidores quase sempre conseguem transmiti-los por meio da reprodução antes de sucumbir ao seu efeito mortal.

“Memes” letais

Um *meme* letal é aquele que mata seu possuidor. Por exemplo: os adeptos do Heaven’s Gate* possuíam um *meme* letal que tornava o suicídio irresistivelmente atraente para eles — mas não estou interessado em *memes* letais para os indivíduos. Estou interessado naqueles que são letais para as culturas (e para a nossa cultura em particular).

Os genes letais não começam como elementos benignos que depois se tornam letais. No início, não têm efeito nenhum, ou têm um outro efeito, que só mais tarde se torna letal. Podemos dizer a mesma coisa dos *memes* letais. As primeiras testemunhas semitas dos nossos primórdios culturais viram que seus vizinhos haviam colhido alguns *memes* da árvore da sabedoria dos deuses. Disseram: “Nossos vizinhos do norte tiveram a idéia de que devem governar o mundo. Esse *meme* é benigno nos deuses, mas é mortal nos seres humanos”. A previsão deles foi acurada, mas não se transformou imediatamente em realidade. Os *memes* que fizeram de nós os donos do mundo são letais, mas não tiveram um efeito letal dez mil anos atrás — ou cinco mil, ou dois mil. Estavam em atividade, transformando-nos em *donos* do mundo, mas seu efeito letal só se tornou evidente no século XX, quando começaram a transformar-nos em *devastadores* do mundo.

Livrar-nos desses *memes* é uma questão de vida e morte, mas é algo que *pode* ser feito. Sei disso porque já foi feito — por outros. Muitas vezes.

*. *Grupo religioso fundado nos Estados Unidos que acredita em objetos voadores não identificados e defende a renúncia e o sacrifício, como a castração. Em março de 1997, trinta e nove membros do grupo cometeram suicídio coletivo em San Diego, Califórnia. (N. do E).*

PARTE DOIS

Definição do processo

“... foi destruída e abandonada...

... o colapso final da cidade...

Seja o que for que tenha acontecido...

... a cidade foi destruída...

O colapso pode ter sido causado por...

... regiões foram abandonadas...

... as cidades foram abandonadas...”

Past worlds: The Times atlas of archaeology

Dispositivos de sobrevivência dos genes

Cada um de nós é uma mistura de genes recebidos de nossa mãe e de nosso pai e, logicamente, nossa mãe e nosso pai são misturas de genes recebidos de seus respectivos pais e mães. Sabendo disso, tendemos a pensar que nossos genes são elementos que nos mantêm vivos geração após geração. Mas aqui está uma imagem mais próxima da realidade: se os genes pensassem, acreditariam que *nós é* que *os* mantemos vivos geração após geração.

Digo que é uma imagem mais próxima da realidade porque, na verdade, não sobrevivemos como indivíduos, mas os genes, sim. Você e eu, como qualquer outro ser vivo, somos residências temporárias dos genes que recebemos de nossos pais, e nossa tarefa (do ponto de vista de nossos genes) é garantir uma residência para esses genes na próxima geração — em nossos filhos, obviamente. No que diz respeito aos genes, quando uma unidade individual de residência temporária não tem mais valor reprodutivo, está pronta para ser reciclada. Isso deve mostrar-lhe claramente o que está havendo por aqui. Tendemos a pensar em nós como os VIPs da Terra, os mandachuvas e figurões, mas, na verdade, somos apenas veículos descartáveis em que os genes viajam rumo a imortalidade. “Dispositivos de sobrevivência dos genes” é o nome que Richard Dawkins dá a esses veículos descartáveis.

Dispositivos de sobrevivência dos “memes”

Da mesma forma, somos veículos descartáveis em que os nossos *memes* viajam rumo à imortalidade. Esses *memes* chegaram até nós por meio de todos os seres humanos que falaram à nossa volta durante toda a época de nosso desenvolvimento — pais, irmãos, amigos, vizinhos, professores, pregadores, chefes, colegas de trabalho e todos os outros envolvidos na produção de coisas como livros didáticos, romances, gibis, filmes, *shows* de televisão, jornais, revistas, *sites* da internet, e assim por diante. Todas essas pessoas repetem constantemente umas para as outras (e, logicamente, para seus filhos, para seus alunos, para seus empregados etc.) os *memes* que receberam durante a vida toda. Todas essas vozes constituem a voz da Mãe Cultura.

Caso seja necessário dizer, a imortalidade de que estou falando aqui não é absoluta. Nossos genes não sobreviverão à morte do nosso planeta, daqui a alguns bilhões de anos, e nossos *memes* têm uma expectativa de vida bem menor que essa.

A fidelidade da cópia

Digamos que você criou um documento de uma página em seu computador e o imprimiu. Se tirou uma xerox desse original numa boa máquina, vai ter dificuldade de distinguir o original da cópia, que vamos chamar de A. Mas, se você usar A para fazer outra cópia, B, e usar B para fazer C, e usar C para fazer D e usar D para fazer E, vai ser muito fácil distinguir esta última cópia do original. Isso mostra que alguma coisa do original se perdeu em cada geração de cópias. Entre uma geração e a seguinte, nenhuma perda é visível a olho nu, mas um acúmulo de perdas é claramente visível entre um original e a cópia E. Isso acontece porque você usou uma copiadora analógica.

Mas, se voltar ao documento de seu computador e copiar o que está na tela como o arquivo A, depois copiar o arquivo A com o nome de arquivo B, copiar o arquivo B com o nome de arquivo C, e assim sucessivamente, pode passar o dia inteiro fazendo cópias desse documento, uma após outra, que, no fim do dia, é muito provável que nenhuma diferença possa ser detectada entre o original e a última cópia. Isso ocorre porque você usou uma copiadora digital em vez de uma copiadora analógica. Essa fidelidade da cópia é a base mesma da revolução digital.

A reprodução genética e memética

Os genes copiam a si mesmos com uma impressionante fidelidade — mas não se pode dizer a mesma coisa dos *memes*, a não ser que acrescentemos algumas ressalvas. Entre os povos tribais que viviam tranquilamente (como, por exemplo, no Novo Mundo antes da incursão européia), a transmissão dos *memes* de uma geração para outra em geral ocorria com uma fidelidade praticamente perfeita. É por isso que eles acham que viviam desse modo “desde o começo dos tempos”. Portanto, para nós, as culturas tribais parecem estáticas (uma palavra que, para nós, tem um quê de pejorativo) em comparação com a nossa, que parece dinâmica (uma palavra que, para nós, tem um quê de admirável).

Nossa cultura é dinâmica porque (tal como a vemos) os nossos *memes* costumam ser muito voláteis: nascido numa geração, ascende ao poder na seguinte, capenga na seguinte e é ridiculamente antiquado na seguinte. Apesar disso, há um núcleo central de *memes* culturalmente fundamentais que transmitimos com toda a fidelidade desde os primórdios da nossa cultura, há dez mil anos, até hoje. Não é muito difícil identificar esse núcleo e já o teríamos feito há muito tempo se alguém tivesse pensado no assunto.

A melhor maneira de viver

Um dos *memes* fundamentais é *Cultivar sua própria comida é a melhor maneira de viver*. À parte alguns antropólogos (que sabem perfeitamente bem que essa é uma questão de opinião), esse *meme* continua inquestionável em nossa cultura. E, quando digo que alguns antropólogos sabem que essa é uma questão de opinião, quero dizer que saber disso é um dever profissional deles. Como antropólogos, sabem que os bosquímanos da África não concordariam que cultivar a própria comida é a melhor maneira de viver, nem os ianomâmis do Brasil, nem os alawas da Austrália, nem os gebusis da Nova Guiné. Mas, como indivíduos, praticamente todos esses antropólogos considerariam essa a melhor maneira de viver e a escolheriam para si sem hesitar, de preferência a qualquer outra. Fora dessa profissão, seria difícil encontrar *um* membro de nossa cultura que não assinasse embaixo da crença de que derivar toda a nossa comida da agricultura é a melhor maneira de viver.

É impossível duvidar que esse *meme* entrou em nossa cultura no momento mesmo de seu nascimento. Não nos teríamos tornado agricultores de tempo integral se não acreditássemos que essa era a melhor maneira de viver. Ao contrário: é evidente por si mesmo que começamos a cultivar toda a nossa comida exatamente pela mesma razão que *ainda* cultivamos toda a nossa comida — porque estamos convencidos de que essa é a melhor maneira de viver.

Ou...

Será que simplesmente foram se acostumando com essa maneira de viver?

É tentador pensar que a agricultura representa a linha de menor resistência para as pessoas ganharem a vida, mas, de fato, nada está mais longe da verdade. Cultivar a própria comida é a linha de *maior* resistência e, quanto mais você cultiva, tanto maior a resistência. Está comprovado sem a menor sombra de dúvida que existe uma correspondência exata entre a quantidade de trabalho que você tem de fazer para continuar vivo e a magnitude de sua dependência da agricultura. Quanto menos você se dedica à agricultura, tanto menos você trabalha, e aqueles que mais se dedicam à agricultura são os que mais trabalham. A quantidade de energia necessária para pôr cem gramas de milho numa lata com água na prateleira do supermercado é quase inacreditável, assim como a quantidade de horas que você tem de trabalhar para possuir esses cem gramas de milho.

Não, os fundadores da nossa cultura não foram simplesmente se acostumando com um modo de vida de total dependência da agricultura, foram obrigados a adotá-lo com chicotadas, e o chicote que usaram foi esse *meme: Cultivar toda a sua comida é a melhor maneira de viver.*

Nada mais poderia ter feito esse impressionante passe de mágica.

Será que não estavam apenas passando fome?

Um caçador-coletor que necessita de 2.000 calorias por dia para viver só precisa gastar 400 calorias para obter todas elas, porque essa é a proporção do rendimento da caça e da coleta: 1 caloria de trabalho lhe fornece 5 calorias de comida. Por outro lado, um agricultor que precisa de 2.000 calorias por dia para viver tem de gastar 1.000 para obtê-las, porque essa é a proporção do rendimento da agricultura: 1 caloria de trabalho lhe fornece 2 calorias de comida.

Uma pessoa faminta trocar a caça-coleta pela agricultura é como uma pessoa que está precisando de dinheiro trocar um emprego que paga 5 dólares por hora por outro que paga 2 dólares a hora. É um absurdo completo e, quanto mais necessidade você tem, menos sentido faz a troca.

A agricultura é menos eficiente para acabar com a fome do que a caça e a coleta, mas não há dúvida de que oferece outros benefícios (o mais notável deles é a base para a fixação num lugar e, com o tempo, para a civilização), e foi para garantir esses benefícios que os fundadores da nossa cultura acabaram adotando um modo de vida de dependência total da agricultura. A partir desse ponto, tornou-se uma questão de convicção profunda entre nós que cultivar toda a comida é a melhor maneira de viver. Investimos nesse *meme* e, no futuro, protegeríamos esse investimento a todo o custo.

Alguns habitantes do Novo Mundo adotam o “meme”

Não fomos o único povo dos tempos antigos a reconhecer os benefícios de cultivar toda a nossa comida. Entre os povos notáveis que adotaram esse *meme* no Novo Mundo estavam os maias, os olmecas, o povo de Teotihuacán, os hohokans, os anasazis, os astecas e os incas.

O que tem importância para o estudo desse *meme* tão fundamental é que, na época que os europeus chegaram ao Novo Mundo, no fim do século XV, só as civilizações mais recentes entre todas aquelas — os astecas e os incas — ainda eram adeptos dele.

Os maias

Os maias provavelmente se tornaram agricultores de tempo integral pouco depois de nós, mas (como nós) só começaram a parecer construtores de civilização muitos milhares de anos depois. Suas primeiras grandes cidades surgiram em Yucatán por volta de 2000 a.C., a mesma época da fundação do Médio Império no Egito e cerca de duzentos anos antes da fundação da Babilônia.

Os maias floresceram durante quase três mil anos. Depois, no início do século IX da era cristã, as cidades do sul começaram subitamente a ser abandonadas e em pouco tempo estavam vazias. As cidades do norte continuaram florescendo durante algum tempo sob o domínio dos toltecas, mas entraram em colapso quando os próprios toltecas se desintegraram no século XIII. Mayapán, a oeste, surgiu então como o último grande baluarte da civilização maia, mas esse sobrevivente estava, ele próprio, a somente duzentos anos de sua queda.

Esse é o tipo de descrição que você encontra nas enciclopédias ou atlas históricos comuns. Embora comece falando dos povos, transforma-se imediatamente na história de uma outra coisa, algo como uma embarcação imensa navegando pelo tempo. Leva passageiros, lógico, mas eles servem apenas como lastro, pois, sem eles, o barco vira e vai a pique.

Os olmecas e Teotihuacán

Os agricultores olmecas das regiões litorâneas de Veracruz e Tabasco construíram grandes centros cerimoniais, principalmente em San Lorenzo e em La Venta. San Lorenzo, o mais antigo, floresceu de 1200 a.C. a 900 a.C., quando (segundo dizem) a cidade “foi destruída e abandonada”. Exatamente a mesma coisa aconteceu em La Venta cinco séculos depois. Centros menos importantes continuaram ocupados durante algum tempo, mas a destruição de La Venta marcou o fim do domínio olmeca na região.

Cerca de duzentos anos depois, uma das grandes cidades do mundo antigo começou a ser construída na região central do México. Teotihuacán estava destinada a se tornar a sexta maior cidade do mundo em 500 d.C. Durante duzentos e cinquenta anos, floresceu como o núcleo de seu império e então, de repente, aconteceu o que costuma acontecer. “Foi destruída” — incendiada e talvez até “ritualmente” varrida da face da Terra. As ruínas foram ocupadas durante algum tempo, mas a cidade estava morta.

Os hohokans e os anasazis

O povo que ocupou as terras desertas do sul do Arizona mais ou menos a partir do início da era cristã nos dá mais a impressão de pessoas que trabalhavam duro do que de construtores de civilização. Seus empreendimentos memoráveis, que se iniciaram por volta de 700 d.C., não foram cidades e sim vastas redes de canais de irrigação que lhes possibilitavam cultivar a própria comida. Os canais, de cerca de 7,5 metros de largura e 4,5 metros de profundidade, estendiam-se por até 25,5 quilômetros, e uma rede ao longo do rio Salt ligava 240 quilômetros de canais. A obra começou a ser abandonada no começo do século XV e, em poucas décadas, os trabalhadores transformaram-se nos hohokans — “aqueles que desapareceram”, na língua dos índios pimas dessa região.

Os anasazis ocuparam a região dos Four Corners, área que hoje corresponde aos Estados do Arizona, Novo México, Utah e Colorado. Floresceram por pouco tempo, a partir de cerca de 900 d.C., e não construíram grandes cidades, mas chegaram a ter um padrão de vida notável em cidades pequenas e moradias construídas no alto dos penhascos. Tudo foi abandonado pouco depois de 1300.

Em busca das personagens

Ao escrever essas histórias resumidíssimas, adotei o modelo popular dessas narrativas, começando na voz ativa, com as pessoas *fazendo* coisas, e terminando na voz passiva, com as coisas *sendo feitas* — de “centros” a “cidades” e “civilizações”. O fim sempre ocorre quando os centros são “abandonados”, “destruídos”, “incendiados” ou “dessacralizados” — nunca se sabe por quem. Ficamos com uma vaga impressão de mistério, como se essas coisas tivessem ocorrido no Triângulo das Bermudas ou na Zona de Penumbra.

Os autores dessas narrativas estão claramente incomodados com a verdade, que é: civilizações foram todas destruídas e abandonadas exatamente pelos povos que as construíram. Os maias saíram de suas cidades por vontade própria — não foram seqüestrados por discos voadores. Os próprios olmecas destruíram e abandonaram San Lorenzo e La Venta, e Teotihuacán foi incendiada por seus próprios habitantes. Certo dia, os responsáveis pelos canais de irrigação do sul do Arizona largaram suas ferramentas e foram embora e, num outro dia, os aldeões e os moradores dos penhascos do desfiladeiro do Chaco e de Mesa Verde também se foram.

Todos esses povos fizeram algo mais estranho ainda, tão estranho que quase não há referências a isso nesse tipo de narrativa. Terem abandonado suas civilizações já foi bem esquisito, mas o que fizeram depois é praticamente impensável: *pararam de cultivar a terra*. Pararam de cultivar toda a comida que consumiam.

Desistiram da melhor maneira de viver que existe.

“Aqueles que desapareceram”

Num sentido bem palpável, todos eles merecem ser chamados de hohokans, esses povos estranhos que despiram suas roupas magníficas, largaram as ferramentas que haviam usado para criar obras de arte imortais, jogaram no lixo os projetos de construção de pirâmides e templos, descartaram-se da escrita, da matemática e dos calendários mais avançados do mundo, destinando ao esquecimento religiões tradicionais primorosas e sistemas políticos inteiros... e fundiram-se com todas as paisagens a que tinham acesso — selvas tropicais, planícies exuberantes ou desertos tórridos. É claro que nenhum deles desapareceu realmente. Só adotaram modos menos visíveis de obter seu sustento, como a coleta ou uma mistura de coleta e agricultura.

Mas, seja como for que você veja a questão, eles rejeitaram o que pensamos ser a melhor maneira de viver nesse mundo por algo inferior. Eles sabiam o que estavam fazendo e, de uma forma ou de outra, fizeram o que achavam que devia ser feito... muitas e muitas e muitas vezes. Claro que há explicações para isso. O antropólogo Jeremy A. Sabloff observou que dezenas de hipóteses foram levantadas para explicar o colapso maia, até mesmo o esgotamento do solo, terremotos, furacões, mudanças climáticas, doenças, pragas de insetos, revoltas camponesas e invasões”, e os maias não são exceção. Essas e outras hipóteses foram apresentadas para explicar os outros colapsos. Todos eles têm algo em comum, como conclui concisamente o professor Sabloff: “Nenhuma dessas explicações mostrou ser totalmente satisfatória”.

Por que NUNCA nenhuma será satisfatória

Nenhuma dessas explicações jamais será satisfatória, porque todos nós sabemos do seguinte:

- O solo pode estar esgotado *aqui*, mas não está esgotado em *todos os lugares*.
- Terremotos e furacões não duram para sempre.
- As mudanças climáticas podem ser suportadas.
- As doenças seguem o seu curso, e acabam.
- As pragas de insetos vêm e vão.
- As revoltas de camponeses podem ser vencidas — ou consolidadas.
- Os invasores podem ser repelidos — ou absorvidos.

Não podem ter sido coisas desse tipo que levaram essas populações a abandonar tudo; basta olhar para *nós*. Essas coisas são meros incômodos comparados ao que *nós* enfrentamos — todas essas coisas, e muito piores: fomes, guerras de todo tipo, inquisições, governos mantidos pela tortura e pelo assassinato, índice incessantemente crescente de criminalidade, corrupção, tirania, loucura, revolução, genocídio, racismo, injustiça social, pobreza em massa, água envenenada, ar poluído, duas guerras mundiais devastadoras, mais a perspectiva de um holocausto nuclear, guerra biológica e extinção. Enfrentamos tudo isso e mais — e nunca, nem uma única vez, fomos tentados a abandonar a nossa civilização.

Deve ter havido algo mais em jogo — ou em falta — entre esses povos. E *houve* realmente algo mais.

Que diferença faz um _____!

Dois sujeitos num avião. Um deles salta e, um momento depois, o outro. O primeiro sujeito arrebenta-se no chão como um tomate maduro. O segundo aterrissa sobre os próprios pés, levanta-se e sai andando. É óbvio que o segundo tinha algo que o primeiro não tinha, e o que ele tinha é óbvio: um pára-quedas.

Dois sujeitos enfrentam um pistoleiro. Um deles leva uma bala no peito e cai morto. O outro leva uma bala no peito e depois atira com a maior calma e mata o pistoleiro. Aqui também é óbvio que o segundo tinha algo que o primeiro não tinha, e o que ele tinha também é óbvio: um colete a prova de balas.

Duas civilizações. Uma delas vai muito bem durante um certo tempo e então talvez alguma coisa ruim aconteça (ou talvez não) e, de repente, todos simplesmente a abandonam. A outra civilização vai muito bem durante muito mais tempo, sofrendo constantemente todo tipo de catástrofe imaginável — mas ninguém sequer sonha em abandoná-la nem mesmo por um segundo.

Aqui também é óbvio que a segunda civilização tinha algo que a primeira não tinha — mas *o que* exatamente não é tão óbvio assim.

Era um *meme*.

Por falta de um “meme”, uma civilização foi esquecida

Bem podemos imaginar quão desesperadamente os pontífices, potentados, soberanos, príncipes, grandes e pequenos, rajás, hierofantes, sacerdotes, sacerdotisas e guardas palacianos de todas essas civilizações eminentes devem ter desejado implantar na cabeça de seus súditos vacilantes esse conceito muito simples: *A civilização tem de continuar a QUALQUER custo e não pode ser abandonada em NENHUMA circunstância.*

Mas ninguém disse que só implantar uma idéia basta. Para fazer efeito, um *meme* tem de ser aceito de forma inquestionável. Você não consegue fazer as pessoas aceitarem de supetão uma idéia absurda como essa. Elas têm de ouvi-la desde que nascem. Tem de vir de todas as direções e estar incrustada em todas as comunicações, como ocorre conosco.

Todos esses povos começaram acreditando que a melhor maneira de viver era cultivando toda a comida. Por que mais teriam se tornado agricultores de tempo integral? Começaram assim e assim ficaram durante muito tempo. Mas algumas coisas muito previsíveis começaram a acontecer. Por exemplo: os maias, os olmecas e o povo de Teotihuacán tornaram-se rigidamente estratificados em elites ricas e onipotentes e massas empobrecidas e impotentes que naturalmente faziam todo o trabalho pesado que tornou essas civilizações magníficas. As massas *agüentam* essa vida miserável — bem sabemos! —, mas começam, inevitavelmente, a ficar descontentes. Sabemos disso também.

Quando a classe baixa fica descontente

Nossa história é cheia de insurreições, revoltas, rebeliões, motins e revoluções das classes baixas, mas nem uma única delas acabou com as pessoas simplesmente fazendo-as *largar tudo e ir embora*. Porque nossos cidadãos *sabem* que a civilização tem de continuar a qualquer custo e não pode ser abandonada em nenhuma circunstância. Assim, as pessoas *vão* enlouquecer, *vão* destruir tudo o que estiver à vista, *vão* assassinar todos os membros da elite em que conseguirem colocar as mãos, *vão* queimar, estuprar e pilhar — mas nunca vão simplesmente *largar tudo e ir embora*.

É por isso que o comportamento dos maias, dos olmecas e dos outros é tao imperscrutavelmente misterioso para os nossos historiadores. Para eles, parece *evidente por si mesmo* que a civilização tem de continuar a qualquer custo e nunca pode ser abandonada em nenhuma circunstância. Como, então, os maias, os olmecas e os outros poderiam *não* saber disso?

Mas era exatamente isso o que faltava na cabeça desses povos. Quando deixaram de gostar do que estavam construindo, *conseguiram* largar tudo e ir embora, porque *não* tinham na cabeça a idéia de que era preciso continuar a qualquer custo e não abandonar sua civilização em nenhuma circunstância.

Esse *meme* faz a mesma diferença entre eles e nós que faz o pára-quedas entre os dois sujeitos que pularam do avião ou o colete a prova de balas entre os dois sujeitos que enfrentaram o pistoleiro.

E os outros?

Não há provas de que os hohokans e os anasazis tenham-se dividido em classes superiores onipotentes e classes inferiores impotentes. Mas há alguma evidência de que os hohokans estavam tomando essa direção. Montes de terra ou pedras no estilo meso-americano (construídos *por* quem senão por uma classe baixa emergente?) começaram a aparecer aqui e ali, assim como quadras para jogos de bola da classe ociosa (construídas *para* quem senão para uma classe superior emergente?). O experimento anasazi foi o mais breve entre aqueles que investiguei aqui e também foi a civilização menos desenvolvida (se é que merece ter esse nome). Apesar disso, a mesma coisa pode-se dizer de todas elas. Quando — qualquer que tenha sido o motivo — esses povos deixaram de gostar do que estavam construindo, *conseguiram* largar tudo e ir embora porque não tinham na cabeça a idéia de que tinham de continuar a qualquer custo e não podiam abandonar sua civilização em nenhuma circunstância.

Mencionei (mas não discuti) as outras duas grandes civilizações do Novo Mundo: os incas e os astecas. Seu desenvolvimento inicial e seu apogeu seguiram as linhas gerais traçadas pelos maias e pelos olmecas, mas seu fim não esteve em suas mãos, pois foram destruídos pelos exércitos espanhóis no século XVI. Obviamente, é impossível saber como teriam se saído se tivessem sido deixados em paz, mas tenho o palpite de que (na falta daquele *meme* crítico) teriam seguido o exemplo dos outros.

A Falácia Cultural

Para nós, o *meme* *A civilização tem de continuar a qualquer custo e não pode ser abandonada em nenhuma circunstância* parece intrínseco à mente humana — evidente por si mesmo, como *A menor distância entre dois pontos é uma linha reta*. Uma cabeça que não tenha esse *meme* nem nos parece ser humana.

Achamos que a humanidade *nasceu* com esse *meme* na cabeça. O *Homo habilis* sabia que devia ser civilizado, mas não tinha cérebro para tanto. O *Homo erectus* sabia que devia ser civilizado, mas não tinha habilidade para tanto. O *Homo sapiens* sabia que devia ser civilizado, mas não tinha como descobrir o que era necessário para tanto. O *Homo sapiens sapiens* sabia que devia ser civilizado, tinha cérebro e habilidade para tanto, e pôs mãos à obra assim que descobriu que o que era necessário para tanto era a agricultura. Naturalmente, sabia que tinha de continuar a todo o custo e não podia abandonar a civilização em nenhuma circunstância.

O que, então, havia de *errado* com esses construtores de civilizações do Novo Mundo? É difícil para nós admitir a idéia de que havia algo muito misterioso neles. Eles sabiam (porque é evidente por si mesmo) que a civilização não pode ser abandonada *em nenhuma circunstância* — mas abandonaram-na assim mesmo.

Esse é um exemplo de Falácia Cultural, que é: *Os memes de nossa cultura derivam da estrutura mesma da mente humana e, se você não os tiver, deve haver algo de errado com você.*

Isso também é um *meme*, lógico!

O outro mistério das “Civilizações Perdidas”

O primeiro mistério dos construtores das civilizações do Novo Mundo é fácil de identificar porque ele se manifesta como algo que eles *fizeram*: destruíram o que haviam construído. O segundo mistério é menos fácil de identificar porque só se manifesta como algo que eles *não* fizeram: não conquistaram o mundo.

No auge do seu desenvolvimento, os maias ocupavam uma área que não era maior que o Arizona. Na época em que alcançamos o mesmo nível de desenvolvimento que eles, ocupávamos todo o Oriente Médio e a Europa e grande parte da Índia e do sudeste da Ásia. Não havia ninguém por perto em condições de se opor a um avanço maia para o norte ou para o sul de sua terra natal em Yucatán e na Guatemala se eles tivessem optado por isso. Poderiam ter civilizado o hemisfério todo durante os milhares de anos de sua existência — se tivessem optado por isso. Estranhamente, misteriosamente, não optaram por isso.

Os olmecas contentaram-se em ocupar uma área menor que Connecticut e, se a metrópole Teotihuacán tivesse sido construída no centro de Los Angeles, o alcance de seu império não teria chegado aos limites da cidade.

O que havia de errado com esses povos? O que lhes faltava que nós temos?
Vá em frente, adivinhe.

O “meme” perdido

Ao contrário dos soldados que os precederam, os habitantes do Novo Mundo não arrastavam suas fronteiras nacionais atrás de si. O que eles arrastavam atrás de si era uma fronteira *cultural comum*. Do outro lado dessa fronteira, os povos da Europa, do Oriente Médio e do Extremo Oriente fixavam-se comodamente lado a lado, porque eram irmãos culturais. Viessem da Inglaterra, da China, da Turquia, da Rússia, da Irlanda, do Egito, da Tailândia ou da Dinamarca, eram muito mais parecidos entre si do que os selvagens do lado de cá dessa fronteira (e, naturalmente, não saíam por aí à caça de escravos, exceto do outro lado da fronteira).

Isso não era exclusivo do Novo Mundo. Era assim desde o início. Fronteira que se expandia para todos os lados partindo do Crescente Fértil não era uma fronteira nacional — era cultural. Não foram os soldados que conquistaram o Velho Mundo, foram os agricultores, que ensinaram seus vizinhos, que ensinaram seus vizinhos, que ensinaram seus vizinhos, levando a mensagem para fora, num círculo cada vez maior, até abranger tudo, exceto o Novo Mundo, que ainda não fora descoberto, do outro lado do planeta.

O *meme* que trouxemos conosco para o Novo Mundo não tinha nada de novo. Começamos a disseminá-lo desde o início: *O nosso é o único modo de vida CERTO e todos devem viver como nós*. Com esse *meme*, tornamo-nos missionários culturais no mundo inteiro, o que não ocorreu com os maias, os olmecas e outros, que não tinham esse *meme*.

Dever sagrado

Quando Colombo partiu para o oeste e atravessou o Atlântico, não estava em busca de um continente vazio para colonizar — buscava uma rota comercial para o Oriente. E, se não tivesse tropeçado na América em vez de dar com os costados na Ásia, os povos da Europa teriam dito a si mesmos: “Vamos fazer uns negócios com esses orientais”. Ninguém teria sonhado em dizer: “Vamos conquistar isso aqui, acabar com os orientais e pegar a Ásia para nós”.

Mas Colombo não tropeçou na Ásia, tropeçou na América, que, como vimos, estava desocupada (com exceção de alguns selvagens). Quando os povos da Europa ficaram sabendo disso, não disseram a si mesmos: “Vamos conquistar isso aqui, acabar com os selvagens e pegar a América para nós”. Não se tratava de ganância predatória e sim de um dever sagrado. Quando um agricultor limpa um campo e o cultiva, não acha que está tomando aquele campo de todos os seres vivos para os quais esse campo é um lar. Não o está roubando, está fazendo dele o uso a que Deus o destinou desde o começo. Antes de ser cultivada, essa terra estava simplesmente inaproveitada. E foi assim que os colonos viram o Novo Mundo. Os nativos estavam deixando tudo aquilo ser desperdiçado e, ao tomar tudo deles e cultivar aquelas terras, estavam cumprindo um dever sagrado.

O Novo Mundo não foi vencido pela espada, mas por um *meme*.

Os construtores de pirâmides

As hordas de operários que construíram as pirâmides da América Central não eram mais miseráveis que aquelas que construíram as pirâmides do Egito. Os operários da América Central achavam simplesmente que tinham uma alternativa à miséria, que foi o que acabaram vivendo (quando foram embora). Nós, não; continuamos a nos arrastar, construindo um zigurate aqui, uma Grande Muralha ali, uma Bastilha acolá, uma Linha Maginot mais além — e assim sucessivamente —, até o momento presente, quando nossas pirâmides não estão sendo construídas em Gizé ou Saqqarah, mas na Exxon, na Du Pont, na Coca-Cola, na Proctor & Gamble e no McDonald's.

Costumo ir muito a escolas bater papo com estudantes e, de uma forma ou de outra, eles sempre me fazem chegar a um ponto em que pergunto quantos deles estão a pique de ir até lá e começar a trabalhar nas pirâmides em que seus pais trabalharam durante a vida toda, e os pais destes antes deles. A pergunta incomoda-os porque sabem que *esperam* que eles fiquem absolutamente empolgados com a perspectiva de sair de lá correndo com hambúrgueres para os clientes, pôr gasolina no carro deles e verificar os estoques do mundo real. Todo mundo lhes disse que são os garotos mais sortudos do mundo — pais, professores, livros didáticos — e acham desleal não levantar as mãos para mim. Mas não levantam.

Faraós

Khufu levou vinte e três anos para construir sua grande pirâmide em Gizé, cuja obra exigiu cerca de mil e cem blocos de pedra, cada um deles pesando umas duas toneladas e meia, que tiveram de ser extraídos das pedreiras, transportados e colocados em seu devido lugar *todos os dias* durante a temporada anual de construção, que durava aproximadamente quatro meses. Poucos comentadores desses fatos resistem à observação de que essa façanha é um testemunho impressionante do controle férreo que o faraó tinha sobre os operários do Egito. Eu, ao contrário, acho que o faraó Khufu não precisou exercer um controle maior sobre seus operários em Gizé do que o faraó Bill Gates o faz sobre seus operários na Microsoft. Acho que os operários egípcios, falando em termos relativos, ganharam tanto com a construção da pirâmide de Khufu quanto os operários da Microsoft ganham com a construção da pirâmide de Bill Gates (que certamente é centenas de vezes maior que a pirâmide de Khufu, embora, evidentemente, não seja construída com pedras).

Nenhum controle especial é necessário para transformar as pessoas em construtores de pirâmides — se elas acharem que não têm outra escolha a não ser construir pirâmides. Construirão qualquer coisa que as mandarem construir, seja pirâmide, seja estacionamento ou programa de computador.

Karl Marx reconheceu que os operários sem alternativa são operários acorrentados. Mas sua proposta para quebrar as correntes consistia em que depuséssemos os faraós e depois construíssemos pirâmides para *nós mesmos*, como se erguer pirâmides fosse algo que simplesmente não conseguimos deixar de fazer, uma coisa que adoramos fazer.

A solução maia

O *meme* está tão forte hoje entre nós quanto esteve entre os carregadores de pedras do antigo Egito: *A civilização tem de continuar a qualquer custo e não pode ser abandonada em nenhuma circunstância*. Estamos tornando o mundo inabitável para nossa espécie e correndo rumo à nossa própria extinção, mas *a civilização tem de continuar a qualquer custo e não pode ser abandonada em nenhuma circunstância*.

Esse *meme* não era letal no Egito dos faraós, nem na China da dinastia Han, nem na Europa medieval, mas é letal para nós. Literalmente, é nós ou esse *meme*. Um de nós vai ter de desaparecer — e logo.

Mas...

Mas...

Mas... *Mas, sr: Quinn, o senhor não está sugerindo que a gente volte a viver nas cavernas e traga o jantar na ponta da lança, está?*

Nunca sugeri uma coisa dessas e nunca cheguei nem perto de sugerir uma coisa dessas. Dadas as realidades da nossa situação, voltar à vida de caça e coleta é uma idéia tão boba quanto a de criar asas e voar de volta para o céu. Podemos tomar o caminho oposto ao da pirâmide, mas não mais confundir-nos com a selva. A solução maia está inteiramente fora de nosso alcance, pela simples razão de que a própria selva já desapareceu e há seis bilhões de seres humanos. Esqueça a idéia de *voltar*. Não há volta. A volta não existe mais.

Mas ainda podemos tomar o caminho oposto ao da pirâmide.

Além da pirâmide

Se já tomamos o caminho oposto ao da pirâmide e não podemos confundir-nos com a selva, o que, diabos, *vamos* fazer? O gorila sábio de *Ismael* deu a seguinte resposta: “Vocês se orgulham de ser inventivos, não se orgulham? Pois então inventem”. Não é de surpreender que seu discípulo tenha descartado essa resposta por não considerá-la uma resposta — e tenho certeza de que a maioria dos leitores o seguiu. Fizeram isso porque, em nosso *meme* sobre a civilização, há um outro *meme* implícito: *A civilização é a invenção SUPREMA da humanidade e nunca será suplantada*. É exatamente *por isso* que tem de ser levada para a frente a qualquer custo: porque não pode haver nenhuma invenção que a supere. Se abandonássemos a civilização (gulp!), estaríamos *acabados*!

Se houver um futuro qualquer para nós, nossa primeira invenção tem de ser um exterminador de *memes*. Precisamos destruir em nós e nas pessoas que nos rodeiam o *meme* que proclama que a civilização é uma invenção insuperável. Afinal de contas, é *só* um *meme* — só uma idéia peculiar à nossa cultura. Não é uma lei da física, apenas algo em que nos ensinaram a acreditar, em que nossos pais foram ensinados a acreditar — como foram seus pais, e seus pais, e seus pais, desde Gizé e Ur, desde Mohenjo-Daro e Cnossos, e antes ainda.

Como não há nenhum exterminador de *memes* melhor do que outro *meme*, experimente esse para ver se dá certo:

Algo MELHOR que a civilização está à nossa espera.

Algo *muito* melhor — a não ser que você seja um daqueles raros indivíduos que simplesmente *adoram* carregar pedra.

PARTE TRÊS

O caminho oposto ao das pirâmides

“Saí para comprar transcendência
e voltei com um telefone.”

Anthony Weir

“Tenho vinte e dois anos
e não vou esperar mais”.

Scott Valentine

Organização social e seleção natural

Ninguém ficaria surpreso de descobrir que as abelhas organizam-se de uma maneira que dá certo para elas, que os lobos organizam-se de uma maneira que dá certo para eles, que as baleias organizam-se de uma maneira que dá certo para elas. A maioria das pessoas compreende, de uma forma geral, que a organização social de qualquer espécie dada evoluiu do mesmo modo que outras características da espécie. As formas de organização inaceitáveis foram eliminadas exatamente da mesma forma que os traços físicos inaceitáveis — por um processo chamado “seleção natural”.

Mas existe um preconceito estranho, que ninguém discute, contra a idéia de que exatamente o mesmo processo modelou a organização social do *Homo* durante os três ou quatro milhões de anos de sua evolução. Ninguém fica surpreso de descobrir que a forma de uma garra ou uma certa cor chegou até hoje porque deu certo para o possuidor daquela garra ou daquela cor, mas muitos relutam em examinar a idéia de que toda a organização social pode ter chegado ao presente pelo mesmo motivo.

Definições e exemplo

Modo de vida (ou maneira de viver): uma forma de um indivíduo ou grupo obter seu sustento. Caçar e coletar é um modo de vida. Cultivar toda a sua comida é um modo de vida. Comer carniça (como entre os abutres, por exemplo) é um modo de vida. Colher frutos (como entre os gorilas) é um modo de vida.

Organização social: uma estrutura cooperativa que ajuda um grupo a melhorar seu modo de vida. As colônias de formigas são organizadas numa hierarquia de três castas, que consistem em reprodutores (rei e rainha), operários e soldados. Os caçadores-coletores humanos organizam-se em tribos.

Cultura: a totalidade do que é comunicado por uma geração de pessoas a outra por meio da linguagem e do exemplo. Os ianomâmis brasileiros e os bosquímanos africanos têm o mesmo modo de vida (caça e coleta) e a mesma organização social (tribalismo), mas não têm a mesma cultura (exceto num sentido muito geral).

A misteriosa persistência

Nossa visão cultural foi modelada por pessoas que estavam inteiramente satisfeitas com a idéia de que o universo que viam estava em sua forma final e que havia surgido com essa forma — de um golpe só, por assim dizer. A história da criação contada no Gênesis não foi a origem dessa idéia, só a reforçou: Deus fez sua obra, viu que não havia necessidade de melhorar nada — isso foi tudo.

Não tem sido nada fácil abandonar essa idéia e, na verdade, muita gente ainda se apegava a ela inconscientemente, mesmo ao falar de evolução. É por isso que o desaparecimento das civilizações do Novo Mundo parece misteriosa para os nossos historiadores. Se sua visão de mundo fosse fundamentalmente darwinista e não aristotélica, perceberiam que o que estão vendo nesses desaparecimentos é apenas a seleção natural em atividade, e a aura de mistério se desvaneceria.

Durante os nossos três ou quatro milhões de anos neste planeta, não há dúvida de que milhares de experimentos culturais foram feitos pelos seres humanos. Os bem-sucedidos sobreviveram — e aqueles que não deram certo desapareceram, pela simples razão de que, com o passar do tempo, não havia ninguém por perto que quisesse perpetuá-los. As pessoas (normalmente) só agüentam o sofrimento por algum tempo. Extraordinários e misteriosos não são os que não agüentam, somos nós que de algum modo conseguimos nos persuadir de que temos de persistir em nosso sofrimento qualquer que seja o custo e não podemos abandoná-lo nem sequer diante da calamidade.

Alguns querem REALMENTE mais que adequação

Antes de se tornarem agricultores de tempo integral, os maias, os olmecas e todos os outros povos praticaram caça e coleta ou uma combinação de agricultura e coleta. *O fato de terem-se tornado agricultores de tempo integral não indica que não estavam inteiramente satisfeitos com esses modos de vida?* É exatamente isso que indica.

Em um momento qualquer, a idéia de tirar todo o seu sustento da agricultura pareceu mais atraente do que os meios tradicionais. Isso não significa necessariamente que detestavam a vida anterior, mas com certeza quer dizer que julgaram a vida agrícola mais promissora. Muito provavelmente não consideravam a incursão na vida agrícola um experimento, mas uma opção permanente e irrevogável. Nesse caso, essa atitude não nega o papel da seleção natural nesse processo — essa atitude o enfatiza. Todos esses povos começaram por abandonar um modo de vida tradicional, trocando-o por uma inovação que parecia prometer mais do que eles queriam. Quando a inovação acabou lhes dando menos do que queriam, abandonaram-na e retomaram o modo de vida anterior. Em cada um desses casos, a inovação não passou no teste.

Mas isso não indica que seu modo de vida tradicional não era inteiramente perfeito? Com toda a certeza. A seleção natural é um processo que separa o praticável do impraticável, não o perfeito do imperfeito. Nada que resulta da evolução é perfeito — só é incrivelmente difícil melhorar.

Tribalismo, um modo de vida praticável

Como já disse, quando você nota que a vida na colméia dá certo para as abelhas, que a vida em bando dá certo para os babuínos, que a vida em alcatéia dá certo para os lobos, você não será questionado, mas, se notar que a vida tribal dá certo para os seres humanos, não se surpreenda se for atacado com uma ferocidade quase histórica. Seus adversários nunca lhe censurarão o que você disse e sim as coisas que eles *inventaram* que você disse, como, por exemplo, que a vida tribal é “perfeita”, “idílica”, “nobre” ou simplesmente “maravilhosa”. Não importa que você não tenha dito essas coisas — eles ficam tão indignados quanto se você as tivesse dito.

A vida tribal não é perfeita, idílica, nobre ou maravilhosa, mas, onde quer que você a encontre intacta, descobre que dá certo, que funciona bem — tão bem quanto a vida dos lagartos, dos guaxinins, dos gansos ou dos besouros —, com o resultado de que os membros da tribo em geral não são coléricos, exasperados, rebeldes, dilacerados pelo crime, pelo ódio e pela violência. O que os antropólogos descobrem é que os povos tribais, longe de serem mais nobres, mais afetivos ou mais sábios que nós, são igualmente capazes de ser mesquinhos, perversos, míopes, egoístas, insensíveis, teimosos e violentos. A vida tribal não transforma as pessoas em santos; ela possibilita que pessoas comuns ganhem a vida com um mínimo de *stress* ano após ano, geração após geração.

Que você esperaria?

Depois de três ou quatro milhões de anos de evolução humana, o que você esperaria além de uma organização social que dá certo? De que outra forma o *Homo habilis* teria sobrevivido, a não ser numa organização social que deu certo? De que outra forma o *Homo erectus* teria sobrevivido, a não ser numa organização social que deu certo? Se a seleção natural forneceu ao *Homo habilis* e ao *Homo erectus* organizações sociais viáveis, por que não forneceria uma ao *Homo sapiens*? Os seres humanos devem ter experimentado muitas outras organizações sociais durante esses três ou quatro milhões de anos, mas, se experimentaram, *nenhuma delas sobreviveu*. Na verdade, *sabemos* que os seres humanos experimentaram outras organizações sociais.

Os maias experimentaram uma — e descobriram, depois de três mil anos, que não estava dando certo (ao menos não tanto quanto o tribalismo). *Retornaram ao tribalismo*.

Os olmecas experimentaram uma — e descobriram, depois de três mil anos, que não estava dando certo (ao menos não tanto quanto o tribalismo). *Retornaram ao tribalismo*.

O povo de Teotihuacán experimentou uma — e descobriu, depois de quinhentos anos, que não estava dando certo (ao menos não tanto quanto o tribalismo). *Retornou ao tribalismo*.

Os hohokans experimentaram uma — e descobriram, depois de mil anos, que não estava dando certo (ao menos não tanto quanto o tribalismo). *Retornaram ao tribalismo*.

Os anasazis experimentaram uma — e descobriram, depois de quatrocentos

anos, que não estava dando certo (ao menos não tanto quanto o tribalismo).

Retornaram ao tribalismo.

Nenhum de seus experimentos sobreviveu — mas o tribalismo, sim. É disso que trata a seleção natural.

Já que você gosta tanto...

As pessoas que não gostam do que estou dizendo me questionam da seguinte forma:

“Se você é tão louco assim pela vida tribal, por que não pega uma lança e vai morar numa caverna?”

A vida tribal não gira em torno de lanças e cavernas, nem em redor de caça e coleta. A caça e a coleta são modos de vida, ocupações, uma maneira de obter o sustento. Uma tribo não é uma ocupação específica, é uma organização social que facilita obter o sustento.

Onde ainda é permitido, os ciganos vivem em tribos, mas é óbvio que não são caçadores-coletores.

Da mesma forma, o pessoal do circo vive em tribos — mas, nesse caso também, é óbvio que não são caçadores-coletores. Até décadas recentes, havia muitas variantes de espetáculos itinerantes, cujos membros tinham uma organização tribal — companhias teatrais, parques de diversões etc.

De que as pessoas gostam nas sociedades tribais

As tribos existem para seus membros — e para todos os seus membros, porque todos são considerados importantes para o sucesso da tribo. Quando levantam acampamento, não há ninguém mais importante no circo do que o pessoal da montagem. Quando se monta o circo, ninguém é mais importante que os montadores. Quando o espetáculo começa, ninguém é mais importante que os artistas, humanos e animais. E assim por diante, em todas as fases da vida do circo.

Entre os caçadores-coletores, é óbvio que o sucesso não tem nada a ver com dinheiro. No circo, é evidente que todos sabem que o espetáculo precisa dar dinheiro para poder continuar, mas é o circo, não o dinheiro, que dá o sustento. Quero dizer que eles não mantêm o circo para ganhar dinheiro; ganham dinheiro para manter o circo. (Um artista plástico poderia ver a questão assim: há uma diferença entre pintar para ganhar dinheiro e ganhar dinheiro para pintar).

A tribo é algo que provê suas necessidades e, se a tribo desaparecer, vai ser um grande azar para todos. Todos querem que o dono do circo ganhe dinheiro porque, se ele parar de ganhar dinheiro, o circo fecha. O interesse de todos está no sucesso do todo. O que é bom para a tribo é bom para todos — desde o dono até o vendedor de algodão-doce. Utilizo o exemplo do circo para destacar o fato de que a vida tribal não é algo que deu certo muito tempo atrás, ou só funcionou para os caçadores-coletores.

Existe realmente algo como “o circo”?

Se existe algo como “o teatro”, “a ópera” e “o cinema”, por que não existiria algo como “o circo”? Mas será que é tribal mesmo?

É pelo fato de ser tribal que notamos quando um determinado circo deixa de ser tribal. A história do Ringling Bros. e do Barnum & Bailey Circus é inequivocamente uma história de tribos circenses, mas, hoje em dia, aquele circo em particular é apenas uma grande empresa, tão hierárquica quanto a General Motors ou a United Airlines. Ninguém confunde um espetáculo como os Ice Capades* com o de uma tribo; começou como uma grande empresa e nunca foi outra coisa.

Muitas empresas pequenas começam de uma forma muito tribal, com poucos sócios investindo todos os seus recursos e retirando somente o necessário para a sobrevivência, mas esse caráter tribal desaparece assim que a empresa se transforma numa hierarquia convencional. Mesmo quando se desenvolve tribalmente, com novos membros ampliando o modo de vida para se incluírem, arrisca-se a perder seu caráter tribal quando cresce demais. Quando chega a um certo tamanho, tem de parar de crescer ou começar a se organizar como uma tribo de tribos, que provavelmente é a melhor forma de compreender os tipos de circo que você tem probabilidade de ver hoje em qualquer metrópole dos Estados Unidos.

Uma tribo é uma coalizão de pessoas que trabalham juntas como iguais para obter seu sustento. Uma tribo de tribos é uma coalizão de tribos que trabalham juntas como iguais para obter seu sustento; cada tribo tem um *chef* da mesma forma que a coalizão como um todo.

*. *Companhia de patinação artística no gelo. (N. do E).*

O pessoal do circo é tribal

O que um povo tribal transmite à geração seguinte não é uma fortuna pronta, mas, sim, uma forma segura de obter sustento. Por esse motivo, a família de cervejeiros Busch é um clã, mas não uma tribo. O que a geração atual de Busches recebeu da geração anterior não foi uma forma de obter sustento, mas uma fortuna pronta, que será transmitida à geração seguinte.

Os artistas de circo de fama mundial conhecidos como os Grandes Wallendas, ao contrário, não têm uma grande empresa de um bilhão de dólares para transmitir às gerações seguintes. O que têm para transmitir é uma forma de obter o sustento. Não estão com a vida pronta (como August Busch III, que não precisaria trabalhar um único dia de sua vida se não quisesse). Assim como cada geração sucessiva de caçadores-coletores recebe da anterior o conhecimento e a prática da caça e da coleta (mas, em última instância, têm de caçar e coletar alimentos eles mesmos para garantir a sobrevivência), cada geração sucessiva de Wallendas recebe da anterior o conhecimento e a prática das artes circenses (mas, em última instância, terão de fazer seus próprios espetáculos para garantir a sobrevivência).

Numa tribo étnica, não é nenhuma raridade ver três ou até quatro gerações trabalhando lado a lado. Isso ocorre também em tribos circenses como os Wallendas, em que ninguém se espanta se Aurelia Wallenda, de doze anos, fizer o número do “balanço da nuvem” com um tio de quarenta e sete, Alexandre Sacha Pavlata, um artista de circo de sexta geração.

“Peço licença para discordar!”

Assim como muitos verão a pertinência de classificar circo como tribo, outros se levantarão para denunciá-la como falsa ou absurdamente idealizada. Dirão, por exemplo, que é um procedimento rotineiro circos contratarem trabalhadores temporários que ficam um dia ou uma semana e depois vão embora. Esses trabalhadores temporários raramente são membros da tribo e dificilmente tornam-se membros da tribo — tudo isso é inteiramente verdadeiro (embora não mude o fato de que alguns tornam-se *realmente* membros da tribo).

Em circos muito pequenos, todo o trabalho é feito pelo mesmo grupo de pessoas que carregam o equipamento, montam e desmontam o circo, fazem o espetáculo e trabalham com os animais. Mas, em circos maiores, chefes, artistas e operários são considerados membros de classes diferentes, que teoricamente (ao menos em alguns circos) não se misturam. Mas tenho de me perguntar se é válido ver essas camadas como “classes sociais”. Pode-se imaginar possível num ambiente social comum a classe operária sonhando em derrubar a classe “dominante”. Mas isso seria absurdo num ambiente de circo. Que bem faria ao circo os artistas “derrubarem” os chefes? Que bem faria ao circo os operários “derrubarem” os artistas? Em vez de atrelar o circo à “classes sociais” que não dão certo, acho que faz mais sentido pensar no circo como uma tribo de tribos, de forma semelhante aos sioux, que são uma tribo de tribos.

Contos tribais

Num dia de julho de 1986, Ron Grossman, repórter do *Chicago Tribune*, viajou com o “último cirquinho fuleiro dos Estados Unidos” quando este partiu de New Windsor, Illinois, e foi montado em Wataga, a cerca de quarenta e cinco quilômetros de distância. Era a companhia itinerante Culpepper and Merriweather Great Combined Circus, que se resumia em seis artistas, um trabalhador braçal, três cabras, seis cachorros e outros tantos pôneis Shetland, e dois jovens agregados, de acordo com a antiga tradição de Toby Tyler*. Enquanto ajudava a montar o circo no Wataga’s Firemen’s Park, Red Johnson, dono e diretor do circo, recordava sua carreira profissional, que começou aos nove anos de idade.

“Minha mãe me acordou cedíssimo certa manhã e fomos ver o Cole Bros. Circus ser montado. Lembro-me de ter ficado bobo com a tenda do ferreiro”, disse ele enquanto alternava marretadas com o palhaço B. J. Herbert e Jim Zajack, o acrobata que andava na corda bamba. “Mais tarde, ela me deu um livro de circo como recordação e escreveu na contracapa: ‘Nada de más idéias’”.

“Que coisa engraçada! Meu pessoal disse a mesma coisa quando me deu um livro de circo num Natal”, disse Zajack. Mas, aos dezessete anos, ele conseguiu convencer seus pais a deixá-lo pegar o que achavam que era um emprego de verão no Franzen Bros. Circus. Nunca mais voltou para casa, exceto para fazer um espetáculo. “O circo”, disse ele a Grossman, “é como uma tribozinha de nômades. Depois que você entra nele, não sai mais”.

*. *Personagem de literatura infantil que foge de casa para acompanhar um circo e descobre as alegrias e as tristezas da vida circense. (N. do E).*

“Aqui você faz parte de algo maior”

Terrell “Cap” Jacobs, que trabalhava com os animais do Culpepper and Merriweather estalando seu chicote, atacava a natureza hierárquica dos circos maiores, notando que tinham “o mesmo tipo de subordinação” da sociedade em geral:

“No Ringling, os artistas acham que está abaixo de sua dignidade falar com os trabalhadores braçais. Cada um tem seu próprio trabalho a fazer, e, depois do espetáculo, todos voltam para o mundo privado de seu vagão. Aqui, somos uma família. Todos trabalhamos juntos, damos o espetáculo juntos, comemos juntos e, sim, transamos e curtimos juntos. Não temos um número suficiente de pessoas para brincar de cacique e índio. É uma democracia”.

Mas não são apenas circos minúsculos que vivem esse tipo de democracia. Em 1992, David LeBlanc, diretor (e depois gerente de operações) do Big Apple Circus, disse:

“Você tem uma verdadeira comunidade aqui. Eu cresci nos subúrbios e não sabia o nome dos vizinhos dos meus pais, e vivi lá durante quinze anos. Aqui você não vive só perto das pessoas, você trabalha junto com elas com um objetivo comum. Você faz parte de algo maior”.

Depois de ajudar uma das moças do circo a arrancar uma estaca particularmente bem assentada, LeBlanc acrescentou:

“No circo é assim. Ela tem a alma da coisa. Quer saber? Não tem nada a ver com o trabalho dela. Ela só estava ajudando. Aqui as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa. No mundo lá fora, as pessoas exigem uma pausa de dez minutos a cada três horas de trabalho, mas aqui elas simplesmente se dedicam ao que estão fazendo”.

A direção oposta ao tribalismo

As pessoas não cultivam a terra porque dá menos trabalho — elas cultivam a terra porque querem fixar-se e viver num lugar só. Uma área onde só se faz coleta de alimentos não fornece uma quantidade suficiente de comida para sustentar uma residência permanente de seres humanos. Para fundar uma aldeia, você precisa cultivar alguma coisa — e é isso o que faz a maioria dos aborígenes que vivem em aldeias: cultivam alguma coisa. Não cultivam toda a sua comida. Não é preciso.

Depois que você começa a transformar toda a área à sua volta em terra cultivável, gera enormes excedentes de comida, que têm de ser protegidos dos fenômenos atmosféricos e de outras criaturas — de outras pessoas até. Por fim, você tem de trancá-los a sete chaves. Embora certamente esse processo não seja reconhecido na época em que ocorre, trancar a comida anuncia o fim do tribalismo e o início da vida hierárquica que chamamos de civilização.

Assim que aparece um depósito, alguém propõe-se tomar conta dele, e esse guarda precisa de assistentes, que dependem inteiramente dele, uma vez que não ganham mais seu sustento como agricultores. De um golpe só, entra em cena uma figura de autoridade que controla a riqueza da comunidade, cercada de uma série de vassalos leais, prontos a evoluir e se transformar numa classe dominante de reis e nobres.

Isso não ocorre entre agricultores de meio período, nem entre os caçadores-coletores (que não têm excedentes para trancar). Só acontece entre os povos que tiram todo o seu sustento da agricultura — povos como os maias, os olmecas, os hohokans, e assim por diante.

Do tribalismo às organizações hierárquicas

Toda civilização que entra na história *ex nihilo* (isto é, que não deriva de uma civilização anterior) entra com a mesma base hierárquica de organização social bem-assentada, surja ela na Mesopotâmia, no Egito, na Índia, na China ou no Novo Mundo. Como se chegou a esse resultado notável (sem dúvida alguma por um processo de seleção natural) é algo que daria um estudo interessante — mas não é o meu. *Por que* ocorreu é um problema que deixo para outros resolverem. *Que* aconteceu é inegável.

As linhas gerais dessa organização social ficaram muito familiares a todos por meio do modelo egípcio. Você tem uma organização estatal extremamente centralizada que se arroga todo o poder econômico, militar, político e religioso. A casta dominante, encabeçada por uma divindade viva sob a forma de um faraó, um inca ou outro monarca divino, tem o apoio de uma burocracia sacerdotal que regulamenta e supervisiona a força de trabalho destinada (entre outras coisas) à construção de palácios e complexos cerimoniais, templos e pirâmides.

A tribo, naturalmente, já desapareceu há muito tempo — a essa altura, já desapareceu há séculos, há milênios, talvez.

De que as pessoas não gostam nas hierarquias

Por uma questão de justiça, eu poderia dividir esse problema em duas partes: de que os governantes *gostam* nas sociedades hierárquicas e o que todos os outros *detestam* nelas, mas duvido que alguém precise realmente que eu explique a primeira parte.

De que as pessoas (com exceção dos governantes) não gostam nas sociedades hierárquicas é que elas não existem para todos os seus membros da mesma forma. Oferecem uma vida de comodidade e luxo inacreditáveis aos governantes e uma vida de pobreza e trabalho duro a todos os outros. A forma com que os governantes se beneficiam do êxito da sociedade é imensamente diferente da forma com que as massas se beneficiam, e as pirâmides e os templos mostram a importância dos governantes, não das massas que os construíram. E a mesma coisa pode-se dizer de todas as facetas da vida de uma sociedade hierárquica.

A diferença entre o circo e o Disney World é que o circo é uma tribo e o Disney World, uma hierarquia. O Disney World tem empregados, não membros. Não provê o sustento desses empregados, simplesmente paga-lhes um salário. Os empregados trabalham para si mesmos, e, se o Disney World não puder mais pagar-lhes, eles o abandonam imediatamente. Os donos fizeram um investimento em seu sucesso e se beneficiam desse sucesso. Os empregados são apenas empregados.

Crianças de todas as idades fogem com o circo. Ninguém foge de casa para trabalhar no Disney World.

Mas, na verdade, as tribos não são hierárquicas?

Essa é uma pergunta feita pelas pessoas que detestam a idéia de que a vida tribal dá certo realmente para seus membros. A resposta é não, não é isso o que se vê. As tribos têm líderes, lógico, e, às vezes, líderes fortes, mas a liderança traz poucos benefícios especiais — ou nenhum — que sejam negados aos outros membros da tribo. Nunca houve uma tribo que tenha se “tornado hierárquica”, em que o líder se transformou num déspota? Tenho certeza absoluta de que isso ocorreu, talvez milhares de vezes. O importante a notar é que nenhuma dessas tribos *sobreviveu*. Não é difícil descobrir por quê — as pessoas não *gostam* de viver sob o tacão dos déspotas. Repetindo: é a seleção natural em atividade — as tribos governadas por déspotas não conseguem preservar seus membros e extinguem-se.

No circo, todos querem que haja um chefe que cuide do negócio, que garanta que o circo tenha o suficiente para sobreviver, que tome decisões desagradáveis a respeito de quem vai ficar e quem vai ser despedido, que resolva conflitos, que elabore contratos e que lide com as autoridades locais. Sem um chefe, o circo desapareceria num piscar de olhos, mas o chefe é só outra pessoa que faz o seu trabalho — o trabalho do chefe. O chefe não é invejado, nem particularmente admirado. Os astros e estrelas do espetáculo é que têm a glória (assim como os salários mais altos e as roupas mais transadas), mas não lembram nem remotamente uma classe dominante.

O sonho de acabar com a hierarquia

As massas governadas de nossa cultura não têm sido mais miseráveis que as massas governadas dos maias, dos olmecas e de outros povos dos quais falamos que abandonaram a civilização. A diferença entre eles e nós é que possuímos (ou somos possuídos por) um complexo de *memes* que até agora nos impediram totalmente de abandonar a civilização. Estamos absolutamente convencidos de que a civilização não pode ser suplantada por nada e que precisa ser levada em frente mesmo à custa da nossa extinção.

Incapazes de nos afastar desse caminho, usamos três argumentos muito diferentes para dar um sentido à nossa inatividade.

O primeiro argumento: justificação

Um motivo pelo qual tendemos a pensar que o Oriente e o Ocidente são culturalmente distintos é que os orientais têm uma forma diferente de racionalizar a hierarquia sob a qual vivem: tal como a vêem, essa hierarquia resulta do *modus operandi* fundamental do universo, que garante o cumprimento do carma por meio da reencarnação. Segundo a teoria do carma, os pecados e virtudes de cada um são punidos ou recompensados nesta e em vidas subseqüentes. Por isso, se você tiver que levar a vida de um intocável* em Bhaktapur, Índia, onde nunca vai ter a esperança de ascender para uma ocupação acima de lavar privadas, não tem ninguém a quem culpar exceto você mesmo. Você não tem motivos para invejar ou odiar os brâmanes que o evitam e desprezam; a vida de felicidade e ócio que eles têm é exatamente o que merecem.

Dessa forma, a organização das pessoas em classes altas, médias e baixas parece ser a justiça que se manifesta num universo divinamente ordenado. Se eu sou rico e bem-alimentado e você é pobre e está morrendo de fome, é exatamente porque tinha de ser assim.

O budismo pode ser visto como uma maneira de amenizar essa postura rígida de resignação à própria sorte.

...

*. Na Índia, membro das castas inferiores, considerado tão impuro que pode contaminar outros pelo simples contato. (N. do E).

O segundo argumento: transcendência

Tanto o Buda quanto Jesus garantiram a seus seguidores que os pobres e os oprimidos se sentirão (ou se sentirão no fim) melhor do que os ricos e poderosos, para os quais a salvação é praticamente impossível. Os pobres podem levar uma vida mais feliz, disse o Buda, não possuindo nada e vivendo somente de alegria, como os deuses riosos. Os mansos (isto é, aqueles que sempre acabam construindo as pirâmides) herdarão a terra, disse Jesus, e a hierarquia do reino de Deus será virada de ponta-cabeça; o reino de Deus pertencerá aos pobres, não aos ricos, e governantes e governados trocarão de lugar, fazendo do primeiro o último e do último o primeiro. Jesus e o Buda concordam que, ao contrário do que parece, as riquezas não tornam as pessoas felizes. Ao contrário, diz o Buda, as riquezas só tornam as pessoas mais gananciosas. E os pobres não devem invejar os tesouros dos ricos, que estão sempre sujeitos a serem roubados por ladrões ou devorados pelas traças e pela ferrugem; o que devem acumular, diz Jesus, é o tesouro incorruptível do céu.

Esses são os “consolos” que levaram Karl Marx a chamar a religião de “ópio do povo”. Esse ópio tira as massas de sua miséria e as conduz ao firmamento da aceitação tranqüila. O que é mais importante ainda, do ponto de vista da classe dominante, é que esse ópio as mantém quietas e submissas, com a herança prometida aos mansos continuando firmemente plantada no futuro, sempre no futuro.

O terceiro argumento: revolução

Mas os sonhos de paraíso no céu principiaram a perder seu atrativo universal à medida que a Era da Fé começou a declinar e novos sonhos, a tomar forma — sonhos de céu e terra agora, sonhos de revolução, sonhos de virar tudo de ponta-cabeça, de derrubar os governantes do passado e de surgimento de novos governantes entre os governados.

Muitas dessas revoluções ocorreram de fato — as mais notáveis verificaram-se na França, nos Estados Unidos e na Rússia, mas, em todos esses casos, por estranho que pareça, a hierarquia só mudou de mãos e tudo continuou como antes. As massas ainda têm suas pedras para carregar, dia após dia, e dia após dia a altura das pirâmides aumenta.

A filósofa francesa Simone Weil discordou de Marx, dizendo que a revolução, e não a religião, é que é o ópio das massas. Que pena que nenhum dos dois entenda melhor o povo e suas drogas! A religião é um barbitúrico, que diminui a dor e faz você dormir. A revolução é uma anfetamina, que estimula você e o faz sentir-se poderoso. Quando as pessoas não têm nada mais a que apelar, apelam para uma das duas — ou ambas. Nenhuma dessas drogas vai desaparecer. Longe disso. Ao contrário das expectativas do pós-guerra, que viam a religião deslizando para o passado, como os remédios com base em asa de morcego mostrados em certos programas de televisão, a religião está em alta, lado a lado com a revolução. E, no que é supostamente a nação mais feliz e mais próspera da história humana, um número cada vez maior de grupos terroristas antigoverno atrai um número cada vez maior de adeptos.

O ópio é o ópio do povo

Quando Marx fez sua famosa declaração, o ópio propriamente dito não era uma droga do povo, de modo que o que ele estava querendo dizer é que a religião é o narcótico barato do povo. O que ele talvez não pudesse ter adivinhado é que o ópio mesmo (sob uma forma ou outra) acabaria se tornando o ópio do povo, apesar do preço.

À medida que as coisas vão ficando cada vez piores para nós, precisamos cada vez mais de todas as coisas que nos dão alívio e fazem-nos esquecer todas as coisas que nos estimulam e excitam. Mais religião, mais revolução, mais drogas, mais canais de televisão, mais esportes, mais cassinos, mais pornografia, mais loterias, mais acesso à internet — mais e mais de tudo isso — para dar-nos a impressão de que a vida é diversão incessante. Mas, enquanto isso, é claro que todas as manhãs temos de acabar com a ressaca e esquecer a diversão durante oito ou dez horas enquanto arrastamos nossa cota de pedras para cima da pirâmide.

Que vida poderia ser mais incrível do que essa?

Minha própria vida na pirâmide

Os leitores devem estar curiosos sobre minha vida profissional. Será que eu, devem ter-se perguntado, sofri tanto quanto um carregador de pedras? Não, de fato, até agora fui um dos que tiveram sorte. Desde cedo encontrei um nicho onde podia me considerar um artesão em vez de simples besta de carga. Vocês podem dizer que eu dourava as pedras para os outros carregarem e que tinha orgulho do meu talento. Comecei minha vida profissional numa piramidezinha encantadora e respeitável que estava sendo construída pela Spencer Publishing em Chicago, chamada *The American peoples encyclopedia*, que foi comprada por um construtor muito maior, Grolier, que a transferiu, pedra por pedra, para a cidade de Nova York. Fiquei para trás, em Chicago, trabalhando para a Science Research Associates, numa pirâmide chamada Greater Cleveland Mathematics Program. A SRA também não demorou a ser comprada por um construtor maior, a IBM. Acabei me mudando para a Encyclopaedia Britannica Educational Corporation, onde supervisionei a construção de pirâmides no departamento de matemática. Encerrei minha carreira numa companhia de propriedade de outro gigante, a Singer Corporation, onde supervisionava todo o aparato multimídia de construção de pirâmides. Lá o fim chegou quando, certo dia, o presidente da companhia me disse que meu trabalho era “bom demais”. Não precisava ser tão bom, explicou ele, porque era apenas para crianças e as crianças “não percebem a diferença”. Finalmente, compreendi que nunca conseguiria atingir meus objetivos trabalhando nas pirâmides dos outros.

Estou construindo minha própria pirâmide?

O que faço hoje é aquilo que fiz para as empresas que acabei de mencionar. Não estou fazendo para mim nada diferente do que fiz para elas. O trabalho é o mesmo... mas acho que não tem nada a ver com a construção de uma pirâmide.

O teste é o seguinte: se você tivesse um bilhão de dólares no banco, continuaria fazendo o trabalho que faz para ganhar a vida? Realmente, honestamente, de verdade mesmo? Tenho certeza de que cerca de dez por cento das pessoas que estão lendo este livro diriam “sim” — como Steven Spielberg e Bill Gates, por exemplo, (que já têm seu bilhão, mas parecem adorar seu trabalho). Eu também estou entre esses dez por cento de pessoas de sorte. Se eu tivesse um bilhão no banco, continuaria escrevendo.

Há muito espaço no mundo para os dez por cento que adoram seu trabalho. Meu maior desejo é abrir um espaçozinho no mundo para os outros noventa por cento. Não estou querendo acabar com o prazer que os Spielbergs e os Gates têm — estou querendo abrir um túnel por onde possam fugir todos os bilhões que *não* estão tendo prazer nenhum, que arrastam pedras para o alto das pirâmides, não porque adoram pedras ou pirâmides, mas porque não têm outra maneira de pôr comida na mesa. Podemos deixá-los descansar sem tirar o prazer desfrutado por aqueles dez por cento de sorte — mas teremos de ir além disso a que chamam “civilização”.

Que significa “civilização”?

Posso citar alguns conceitos que eu, pessoalmente, acho escorregadios (*mise-en-scène*, por exemplo, e *pós-modernismo*), mas *civilização* não é um deles. O *Oxford English dictionary* a expõe com apenas um punhado de palavras: “Condição ou estado de civilizado; um estado desenvolvido ou avançado da sociedade humana”. O *American heritage dictionary* articula um pouco melhor a definição: “Um estado avançado de desenvolvimento intelectual, cultural e material da sociedade humana, indicado pelo progresso nas artes e nas ciências, pelo uso extensivo da escrita e pelo surgimento de instituições políticas e sociais complexas”.

O fator que obriga as instituições de qualquer civilização a se tornarem política e socialmente “complexas” é, evidentemente, sua organização hierárquica. Uma confederação de aldeias que vivem da agricultura não é política e socialmente complexa, e não é uma civilização. Quando, mil anos depois, a família real vive num palácio guardado por soldados profissionais e é protegida das massas por clãs de nobres e uma casta sacerdotal que administra a religião estatal, aí você tem a “complexidade” política e social necessária — e tem uma civilização.

Nenhuma sociedade tribal, por mais “avançada” que seja em outros aspectos, jamais foi chamada de civilização nesse sentido.

Vamos juntar as peças

A vida tribal e nenhuma outra é a dádiva da seleção natural à humanidade. É para a humanidade o que a vida em alcateia é para os lobos, a vida em cardume para as baleias e a vida em colméia para as abelhas. Depois de três ou quatro milhões de anos de evolução humana, só ela surgiu como a organização social que dá certo para os seres humanos. Os seres humanos gostam da organização tribal porque ela funciona igualmente bem para todos os seus membros.

Sempre que a civilização surge, o tribalismo seca e é substituído pela organização hierárquica. A organização hierárquica funciona muito bem para os governantes, mas já não funciona nada bem para os governados, que constituem a massa da sociedade. Por esse motivo, os poucos lá do topo gostam muito dela, e as massas lá da base já gostam bem menos dela.

Com uma única exceção, a experiência histórica mostra que os povos que fazem uma experiência da vida hierárquica acabam por abandoná-la como insatisfatória. Alguns processos ainda estavam sendo julgados quando os destruimos e, por isso, não temos como saber se teriam acabado de outra maneira. Somos a única exceção. Fomos levados a nos apegar à nossa sociedade hierárquica por um complexo de *memes* que nos dizem que o que temos é impossível de melhorar, por mais que o detestemos, por mais que devaste o mundo e mesmo que resulte em nossa própria extinção. Esses *memes* dizem-nos que o que temos é a vida para a qual os seres humanos foram destinados desde o início e não pode ser superada por nenhuma outra.

Outra experiência de organização hierárquica

Os natchez, um povo que os europeus do século XVII descobriram florescendo na região em torno da Natchez moderna, no Mississippi, tinham uma sociedade que estava a meio caminho entre uma federação de aldeias que viviam de agricultura e uma civilização teocrática bem-desenvolvida, como a dos egípcios ou a dos maias. Tinham três classes de nobres e uma de plebeus. No topo estavam os sóis, e o mais importante deles era um deus vivo, o Grande Sol. Depois vinham os nobres, a seguir as pessoas de respeito. Os plebeus da base eram os ordinários.

O que torna o experimento dos natchez digno de nota é o fato de as classes serem hereditárias, mas ser membro de uma delas não o era (pelo menos, não exatamente), porque todo membro da nobreza tinha de casar com um ordinário. Isso significa que todo membro da classe ordinária via seus filhos subirem um degrau, ao passo que todo membro da nobreza via seus filhos descerem um degrau. Deixando os detalhes de lado, o efeito de casar com alguém da classe ordinária era que o filho de um sol era um nobre (não um sol), ao passo que o filho desse nobre era uma pessoa de respeito (não um nobre) e o filho dessa pessoa de respeito era um ordinário. Mas, ao chegar à base da escala social, esse bisneto de um sol podia casar com uma mulher sol, e seus filhos seriam sóis, e assim recomeçava novamente o ciclo todo.

Um problema sistêmico

No sistema natchez, por mais nobre que você seja, um de seus pais foi ordinário — e, mesmo que você estivesse no fundo do poço, poderia casar com um nobre e ter filhos nobres. É difícil imaginar como um sistema bizarro desse pode ter evoluído no sentido mais comum. Suponho que tenha sido um plano deliberado, com o intuito de corrigir o defeito visível que havia levado os sistemas hierárquicos de outros lugares a serem abandonados. Talvez os natchez o tivessem visto como um modo de corrigir o que estava errado em sociedades como a dos maias e a dos olmecas. Se foi isso, os natchez talvez tenham feito a maior descoberta da história do desenvolvimento social dos seres humanos — uma forma de construir uma sociedade hierárquica realmente tolerável para todos os seus membros, porque nenhuma família jamais ficava presa à base; todas percorriam constantemente toda a hierarquia. Será que a seleção natural teria recompensado o sistema com a sobrevivência? Será que os natchez teriam mantido seus membros? Infelizmente, jamais saberemos, porque foram varridos da face da Terra pelos franceses no fim do século XVII.

Mas, por mais promissor que esse sistema possa parecer, tinha um defeito crucial. Como todas as três classes nobres tinham de casar com alguém da classe imediatamente inferior, o número de ordinários em condições de casar era cronicamente pequeno e devia ser aumentado com prisioneiros de vizinhos vencidos. Com esse ímpeto sistêmico na direção da conquista, os natchez poderiam (com alguns milhares de anos pela frente) ter-se tornado os donos do mundo no nosso lugar — e agora poderiam estar enfrentando exatamente o nosso tipo de crise.

Além da organização hierárquica

Toda civilização surgida no decorrer da história humana foi uma civilização hierárquica. Aquilo que chamamos de “civilização” anda de mãos dadas com a hierarquia — *significa* hierarquia, *requer* hierarquia. Os motivos que levam a isso dariam um estudo fascinante — mas, repito novamente, não é um estudo para mim. Para mim basta saber que é assim. Você pode ter uma hierarquia sem civilização, mas não pode ter civilização sem hierarquia; pelo menos, nunca tivemos — nem uma única vez, em lugar nenhum, em dez mil anos de construção de civilizações. Para termos uma civilização, precisamos de uma sociedade hierárquica.

Portanto, ir além da civilização significa ir além da organização hierárquica.

Ir além da civilização significa destruir a civilização? Claro que não. Por que deveria significar?

Todos os dedicados construtores de pirâmides devem apegar-se à civilização. O resto de nós só quer uma outra coisa, e está mais que na hora de tê-la.

Uma proposta equivocada: “abrir mão” das coisas

Apesar de todos os indicadores de miséria com que convivemos — a crescente desintegração social, vício em drogas, criminalidade, suicídio, doenças mentais, maus-tratos e abandono de filhos e cônjuges, racismo, violência contra as mulheres etc. —, a maioria dos membros da nossa cultura está inteiramente convencida de que o nosso modo de vida simplesmente não pode ser melhorado por nenhum meio, qualquer que seja. Adotar algo diferente teria, portanto, de ser uma queda, um ato de sacrifício.

Muito tipicamente, quando me fazem perguntas sobre o futuro, querem saber se realmente acredito que as pessoas estarão dispostas a “abrir mão” das coisas maravilhosas que temos pelo simples privilégio de evitar a extinção. Quando falo, como fiz em *Ismael*, de “viver uma outra história”, parecem imaginar que estou propondo uma espécie de meia vida miserável de pobreza voluntária, em que usaremos roupas de saco de aniagem e cinzas na cabeça em expiação por nossos pecados ambientais. Têm certeza de que viver de uma forma sustentável significa “abrir mão” de coisas. Não lhes ocorre que viver de forma **IN**sustentável também significa abrir mão de coisas, de coisas muito preciosas como segurança, esperança, despreocupação e de estar livre da ansiedade, do medo e da culpa.

Quando tiver dúvida, pense no circo. As pessoas nunca fogem com o circo para *renunciar* a alguma coisa. Fogem com o circo para *ganhar* alguma coisa.

Padrões de vida

O antropólogo Marshall Sahlins escreveu: “O povo mais primitivo do mundo tem poucos pertences, *mas não são pobres*. A pobreza não é uma certa quantidade — pequena — de bens, nem apenas uma relação entre meios e fins: é, sobretudo uma relação entre pessoas. Pobreza é um *status* social. Como tal, é uma invenção da civilização”.

Rennie, minha mulher, e eu descobrimos essa grande verdade por experiência própria durante a década de 1980, nos sete anos que passamos em Madrid, uma aldeia situada nas montanhas da região central do México. Vivendo frugalmente de uma pequena herança, eu trabalhava no livro que um dia se transformaria em *Ismael*. Durante essa época, éramos pobres de acordo com os padrões de vida comuns, mas éramos simples, de acordo com os padrões de Madrid. Nessa época, *todos* eram pobres em Madrid — por conseguinte, *ninguém* era pobre. A renda *familiar* média de Madrid talvez girasse em torno de três mil dólares — muito abaixo da média do nível de pobreza dos Estados Unidos —, mas não havia pobres em Madrid. Ninguém se orgulhava de ser pobre, nem de viver “com simplicidade”. Todos se orgulhavam de sua independência, de seu engenho, de sua aquisição de qualificações necessárias e, sobretudo, de fazer o que *queriam* fazer.

Quem visitava Madrid (sem dúvida alguma, como quem visitava os bastidores do circo) provavelmente tinha a impressão de que era uma espécie de “região deprimida”. Na verdade, nunca vivi numa região menos deprimida!

Padrões de vida: Chicago — Madrid

Quando Rennie e eu mudamos de Chicago para Madrid, reconhecemos vagamente que estávamos baixando o nosso padrão de vida, mas nossa intenção não era tornar-nos inofensivos, nem reduzir nosso impacto sobre o planeta. Estávamos fazendo aquilo para reduzir as despesas enquanto eu trabalhava num livro que acabaria se transformando em *Ismael*.

Para você ter uma idéia da diferença, em Santa Fé, que fica perto de Madrid, você literalmente não conseguiria comprar uma garagem em estado precário para um carro por menos de oitenta mil dólares nessa época. Em Madrid, conseguimos comprar um prediozinho muito legal na rua principal da cidade e que era ao mesmo tempo residência e venda, com estoque e tudo, por trinta mil dólares. Mesmo por esse preço, não tenho certeza de que o teríamos comprado se não fosse uma circunstância que nos servia como uma luva. Essa circunstância era o fato de estar situado na rua principal da cidade e tão perto de todos os recursos urbanos (mesmo modestos), que podíamos ir a pé até eles. Nesses aspectos, era exatamente como a nossa residência anterior de Chicago, que ficava na Lake Shore Drive, onde — a pé — tínhamos acesso a todos os recursos urbanos da região de Belmont Harbor — New Town. Quando saímos de Chicago e mudamos para Madrid, conseguimos ter *mais* do que precisávamos na época *baixando* o nosso padrão de vida.

Padrões de vida: Madrid — Houston

Outra coisa da casa de Madrid que caía como uma luva para nós era um quarto grande (que a maioria das pessoas pensaria ser uma sala de visitas) que servia de escritório para nós dois, com espaço suficiente para que não precisássemos trabalhar sentados no colo um do outro, mas que nos deixava próximos o bastante para nos comunicarmos facilmente.

Hoje, cerca de doze anos depois, vivemos numa grande avenida, onde temos fácil acesso — a pé — a todos os recursos urbanos de uma cidade grande. Uma das coisas que nos convém na nossa casa é um quarto grande (que a maioria das pessoas pensaria ser uma sala de visitas) que nos serve de escritório para nós dois, com espaço suficiente para não precisarmos trabalhar sentados no colo um do outro, mas que nos deixa próximos o bastante para nos comunicarmos facilmente.

Desnecessário dizer que temos acesso a certas coisas em Houston que não tínhamos em Madrid, e essas são as coisas de que precisamos na nossa situação atual, que é muito diferente. Falando *grosso modo*, quando mudamos para Houston, elevamos nosso padrão de vida em um ponto, numa escala de dez, em relação aos nossos anos em Madrid. O que *não* se elevou foi a nossa sensação geral de contentamento e bem-estar. Se somos mais felizes hoje (e somos), não tem nada a ver com o padrão de vida mais elevado.

Gastar mais certamente faz você ter mais, mas não lhe dá necessariamente mais do que você *quer*.

Um amante da civilização

As pessoas que não gostam do que estou dizendo vão tentar tranquilizar-se com a idéia de que sou apenas um sujeito que não gosta da civilização e que preferiria viver “mais perto da natureza”. O que faria sorrir qualquer um que me conheça, pois sou um grande amante da civilização e vivo com a maior felicidade no coração da quarta maior cidade dos Estados Unidos, indo a pé até as drogarias, supermercados, vídeo locadoras, galerias de arte, restaurantes, livrarias, museus, bilhares, universidades e lugares onde se fazem tatuagens. (Vivo “perto da natureza” todos os segundos de todos os dias, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, uma vez que é impossível deixar de viver perto da “natureza”, qualquer que seja o lugar onde você viva.)

Ou então me perguntam como é que vou viver sem ar-condicionado, sem aquecimento central, sem água encanada, geladeira, telefone, computador etc. Acham que sou um apóstolo da pobreza, embora não possam mostrar uma única palavra de meus textos que confirme essa idéia.

Não sou um Luddite*, nem um Unabomber**. Não considero a civilização uma maldição e sim uma bênção de que as pessoas (eu também) deviam ter a liberdade de abandonar — por algo melhor. Procuro algo melhor, não pior. É claro que aqueles que procuram algo *pior* devem ler outro livro.

*. *Membro da organização de artesãos ingleses que no século XIX pregava a destruição das maquinarias têxteis, responsáveis, na sua opinião, pela demissão em massa de trabalhadores. (N. do E.).*

***. Codinome de Theodore Kaczynski, professor de matemática formado na Universidade de Harvard, um dos assassinos mais procurados da história do FBI. (N. do E.).*

Em busca de uma alternativa

Qualquer dicionário diz que a palavra “civilização” significa para nós algo socialmente “avançado”. Evidentemente, só existe uma coisa em relação à qual ela poderia ser *mais* avançada: o tribalismo. (O barbarismo não representa um tipo específico de organização social; os bárbaros são ou pessoas tribais ou pessoas num estágio de civilização classificado como mais primitivo que o nosso).

Em nossa mitologia cultural, vemo-nos como pessoas que abandonaram o tribalismo da mesma forma que a medicina moderna abandonou as sanguessugas e as tigelas onde se recolhia o sangue, e que o abandonamos de maneira cabal e irreversível. Por isso é tão difícil para nós reconhecer que o tribalismo é não só uma organização social fundamentalmente *humana*, como também a única organização social inequivocamente bem-sucedida da história humana. Assim, mesmo quando um estadista inteligente e sério como Mikhail Gorbachev defende “um novo começo” e “uma nova civilização”, não duvida nem por um único instante que seu modelo está na organização social que apresentou a humanidade à opressão, à injustiça, à pobreza, à fome crônica, à violência incessante, ao genocídio, à guerra global, ao crime, à corrupção e à destruição ambiental em larga escala. Levar isso em conta, em nosso tempo de crise agudíssima, com o sucesso que a humanidade desfrutou aqui durante mais de três milhões de anos, é simplesmente, absolutamente impensável.

Esse é, por fim, o meu intuito neste livro: pensar no absolutamente impensável.

PARTE QUATRO

Rumo ao novo tribalismo

«Somos inclinados a pensar nos caçadores e coletores como pessoas *pobres* porque eles não têm nada; por essa razão mesma, talvez fosse melhor pensar neles como pessoas *livres*.»

Marshall Sahlins

Revolução sem revolta

Como em nossa cultura revolução sempre representou um ataque à hierarquia, sempre significou revolta — literalmente, virar as coisas de ponta-cabeça. Mas a revolta não tem nenhum papel na proposta de ir além da civilização. Quando o avião está com problema, você não mata o piloto — você pega um pára-quedas e pula. Não faz sentido derrubar a hierarquia; só queremos deixá-la para trás.

Como todos sabem (principalmente os revolucionários), a hierarquia mantém defesas colossais contra o ataque das classes mais baixas. Mas não tem nenhuma contra o abandono. Em parte porque pode imaginar uma revolução, mas não o abandono. No entanto, mesmo que pudesse imaginar o abandono, não tem como se defender dele, porque o abandono não é um ataque, é apenas deixar de dar apoio.

É praticamente impossível impedir as pessoas de não fazerem nada (que é o que significa deixar de dar apoio).

Mas será que as forças existentes não vão *tentar* impedir as pessoas de não fazer nada? Consigo imaginá-las *tentando* (mas, honestamente, preciso de ajuda para imaginá-las *conseguindo*).

Revolução sem derrubada do poder

O objetivo de uma revolução comum é realizar uma mudança global, de ponta a ponta, de um único golpe. Idealmente, os antigos governantes devem desaparecer da noite para o dia — em massa, junto com todos os seus adeptos e esbirros — e deve existir um elenco completo de sucessores já prontos para assumir o papel dos antigos governantes na manhã seguinte, com a proclamação do novo regime. Histórias como essa não têm sentido para quem quer ir além da civilização.

Em primeiro lugar, não há necessidade de uma mudança global. Aqueles que insistem em não aceitar nada menos que uma mudança global vão esperar por muito tempo, talvez por todo o sempre. Não há necessidade de todos os habitantes do mundo irem para a cama uma certa noite vivendo de uma certa maneira e acordar na manhã seguinte vivendo de outra maneira. Isso não vai acontecer, e não faz sentido tentar fazer que isso aconteça.

Também não há necessidade de mudar as coisas de ponta a ponta para tudo começar a ser feito repentinamente de outra maneira. Não é necessário que isso aconteça, e nada no mundo pode fazer que isso aconteça. Lembre-se sempre de que *não existe só uma forma certa de as pessoas viverem*. Nunca houve e nunca haverá.

Finalmente, não queremos que a classe dominante desapareça da noite para o dia. Não estamos preparados para ver a infra-estrutura da civilização desaparecer (e talvez nunca estejamos). Ao menos nos próximos tempos queremos que os nossos governantes e líderes continuem supervisionando para nós a faina incessante da civilização — tapando os buracos das estradas, mantendo as usinas de tratamento de águas e esgotos, e assim por diante.

Não existe apenas uma forma certa

As pessoas costumam imaginar que seria maravilhoso se todos os seis bilhões de seres humanos do planeta começassem a viver de uma forma nova amanhã. É um de nossos *memes* mais profundamente arraigados e um dos mais equivocados: que é absolutamente necessário existir uma única forma de viver que é boa para *todos*.

Admiro os gebusis da Nova Guiné, mas (acreditem em mim) nem todos os habitantes do planeta devem viver como eles. Admiro os ciganos, mas nem todos os habitantes do planeta devem viver como eles — e (por mais estranho que pareça), se vivessem, seu modo de vida não seria bom. Admiro os jalialis — camelôs e artistas ambulantes do Afeganistão —, mas nem todos os habitantes do planeta devem viver como eles. Admiro os tuposas do Sudão, os rendilles do Quênia e os karias da Austrália Ocidental, mas nem todos os habitantes do planeta devem viver como eles. Não se trata de um raciocínio sociológico — é um raciocínio ecológico. As araras têm uma vida boa, mas seus habitats entrariam em colapso se todos os pássaros vivessem como elas. As girafas têm uma vida boa, mas seus habitats entrariam em colapso se todos os mamíferos vivessem como elas. Os castores têm uma vida boa, mas seus habitats entrariam em colapso se todos os roedores vivessem como eles.

Diversidade, e não uniformidade, é o que dá certo. Nosso problema não é que as pessoas estejam vivendo de uma maneira *ruim* e sim que estejam todas vivendo da *mesma* maneira. A Terra pode acomodar muitos povos vivendo de uma maneira vorazmente predatória e poluidora, mas não pode acomodar *todos nós* vivendo desse jeito.

Nada de coros celestes

Não precisamos que todos os seis bilhões de seres humanos vivam como santos ambientalistas a partir de amanhã — aliás, nem a partir de nenhum outro dia. Pegar uma coisa dessas como objetivo só garantiria o fracasso. É exatamente essa a força da estratégia que estou propondo aqui. Não precisamos realizar os sonhos impossíveis de esclarecimento e unidade globais que gente como Mikhail Gorbachev e Al Gore descrevem como a única esperança da humanidade. Simplesmente não podemos, como sugere Gorbachev, esperar que “todos os membros da comunidade mundial” comecem “a descartar resolutamente os velhos estereótipos”. Não podemos esperar que todos os membros da comunidade mundial façam *alguma coisa*, pois, se sabemos de alguma coisa, é que todos os membros da comunidade global nunca, jamais farão *nada* como se fossem um único organismo. “Chegou a hora”, diz Gorbachev, “de escolher uma nova direção para o desenvolvimento global”. Mas quem vai fazer essa escolha? Todos? E quantas décadas (Ou mesmo séculos) terão de passar antes que isso aconteça? De onde, caramba, vem a “Nova Proposta Comum” de Al Gore? Quando é que o povo da Terra conseguiu concordar com *uma única coisa* comum? Essas esperanças vazias, expectativas vãs que nos mantêm prisioneiros do desalento ano após ano, década após década.

Não podemos esperar que os líderes nacionais nos salvem. Quando tudo quanto exigimos deles (ou mesmo toleramos da parte deles) são lucros instantâneos, lucros de curto prazo, por que eles começariam a pensar de repente como visionários globais?

Os que esperam

Como não esperamos derrubar governos, abolir o capitalismo mundial, fazer a civilização desaparecer ou transformar todos os habitantes do planeta em budas vivos, não temos de esperar *nada*. Mas acho bom avisá-lo de que muitos lhe dirão o contrário, que temos de esperar até termos um mundo que *já* é perfeito. Acham que absolutamente nada vai acontecer enquanto não acabarmos com a desigualdade social, com o racismo, com o sexismo, com a pobreza e com todas as outras coisas ruins em que você puder pensar.

Já me disseram que temos de esperar até todos *respeitarem* todos. Já me disseram que não podemos fazer nada até a “consciência” de todos ter despertado. As pessoas que pensam assim esperam que o corte feche antes de lhe fazer um curativo, esperam amanhecer para acender uma vela, esperam que o navio que está indo a pique suba novamente à tona antes de entrar no salva-vidas. São absolutamente incompreensíveis para mim e, além de dar-lhes meu parecer de que sua espera será muito, muito longa, não consigo pensar em mais nada para dizer-lhes.

Os que travam o bom combate

Um amigo mandou-me recentemente um exemplar do *Deep Democracy*, um periódico publicado pela Alliance for Democracy, cuja missão é “libertar todas as pessoas do domínio exercido pelas grandes empresas sobre a política, a economia, o meio ambiente, a cultura, a informação; estabelecer a verdadeira democracia; e criar uma sociedade justa com uma economia eqüitativa e sustentável”. A ilustração da capa era um cartum que mostrava a visão que a entidade tem de si própria: um Davi minúsculo enfrentando um Golias armado com a espada do dinheiro e a lança da ganância, e protegido por uma armadura das grandes empresas multinacionais e pelo escudo da mídia tradicional. O título não poderia ser mais pertinente: “*Dejà-vu*” (Tudo de novo). Realmente. Tudo de novo, de novo, de novo, de novo.

Tive de explicar ao meu amigo que, embora eu deseje toda a sorte do mundo à Alliance, não me vejo participando dessa luta. Não podemos dar-nos ao luxo de esperar Davi acabar com Golias, pois é óbvio que Davi *nunca* acaba com Golias. Os dois estão nessa luta há milhares de anos — e vão continuar nessa luta mais milhares de anos.

Não precisamos derrotar Golias. Precisamos mudar sua maneira de pensar.

Golias de cabeça nova

Há muito, muito tempo havia na indústria de carpetes um Golias chamado Ray C. Anderson, que tinha levado sua companhia, a Interface, Inc., de um início modesto a uma posição de liderança mundial em cerca de vinte anos, fazendo que se tornasse uma daquelas perversas corporações multinacionais de que a gente tanto ouve falar. Esse Golias sempre fez questão de obedecer rigorosamente aos regulamentos do governo, mas eles não impediram sua empresa de tornar-se uma companhia extremamente poluidora — sua matéria-prima era o petróleo e ela contribuía profusamente para aumentar os aterros sanitários.

Mas, em 1994, ele leu dois livros e eles *mudaram sua cabeça* em relação ao que estava fazendo. Um foi a obra de Paul Hawken chamada *The ecology of commerce*; o outro, *Ismael*. Depois de ler esses livros, Ray Anderson percebeu que *obedecer rigorosamente* à lei não basta. Iniciou imediatamente um projeto para acabar com sua dependência do petróleo e começou a fabricar cem por cento de carpetes recicláveis com cem por cento de material reciclado e, com isso, reduziu a zero a contribuição da companhia aos aterros sanitários. É importante notar que essas mudanças não afetaram somente a empresa dele. De repente, todos os seus concorrentes foram obrigados a adotar *seus* padrões para continuarem competitivos. Esse Golias não reformou só uma empresa, reformou todo um ramo da indústria — não porque um corajoso Davizinho o derrotou, mas porque dois livros fizeram que ele pensasse de outra maneira sobre o mundo e seu lugar nele. Se as pessoas reformam *voluntariamente* um ramo da indústria quando sua cabeça muda, por que gastar bilhões para promulgar e impor leis que os *obriguem* a fazer isso?

A revolução incrementada

Vou repetir: como não esperamos derrubar governos, abolir o capitalismo mundial, acabar com a civilização, transformar todos os habitantes do planeta em budas vivos ou curar todas as mazelas sociais e econômicas, não temos de esperar *nada*. Se dez pessoas forem além da civilização e construírem um novo tipo de vida para si, essas dez *já* estarão vivendo de acordo com o novo paradigma, desde o primeiro dia. Não precisam do apoio de uma organização. Não precisam ser membros de partido, nem de movimento. Não precisam que novas leis sejam promulgadas. Não precisam de licenças. Não precisam de uma constituição. Não precisam ser isentas do imposto de renda.

Para essas dez pessoas, a revolução já deu certo.

Mas provavelmente devem-se preparar para enfrentar as afrontas dos vizinhos.

O tribalismo étnico não dá certo entre nós

As tribos nas quais crescemos durante os três ou quatro primeiros milhões de anos da vida humana eram grupos étnicos, famílias ampliadas que tinham uma língua comum, leis e costumes comuns, e assim por diante. Suas fronteiras sociais geralmente (mas não sempre) eram fechadas para os membros de outras tribos. Os prisioneiros de guerra eram uma exceção óbvia, e, em circunstâncias normais, um membro dos sioux, por exemplo, não podia simplesmente resolver virar um navajo. Isso poderia ocorrer em circunstâncias extraordinárias, lógico, mas a integridade tribal teria sofrido se esse tipo de coisa se tornasse regra geral.

Rennie e eu temos ligações com o clã dos Quinn e dos MacKay (do lado dela), mas, como a maioria dos membros dos clãs modernos, vivemos a nossa vida e eles, a deles. Muito ocasionalmente, o que poderia ser considerado uma ação tribal é realizada por esses clãs, mas, no mundo moderno, ninguém se surpreende ao saber que alguém tem mais intimidade com os amigos e colegas de trabalho do que com a família.

Mas não há nada de sacrossanto no tribalismo étnico. O tipo de tribalismo que vemos em ação no circo evoluiu da mesma forma que o tribalismo étnico. Também é produto da seleção natural, funciona tão bem (à sua maneira) quanto o tribalismo étnico e nos fornece um modelo que está perfeitamente adaptado às circunstâncias urbanas em que se encontra a maioria de nós.

Jeffrey

Em *Meu Ismael*, conto a vida de um jovem chamado Jeffrey, mais ou menos inspirado em Paul Eppinger, cujo diário *foi* publicado pelo pai com o título de *Restless mind, quiet thoughts*. Jeffrey era atraente, inteligente, bem-apegoado e tinha muitos talentos, mas não conseguiu descobrir nada que quisesse fazer além de sair com os amigos, escrever seu diário e tocar guitarra. Seus amigos estavam sempre tentando ajudá-lo a encontrar um rumo para sua vida, ter ambição e *preocupar-se* com alguma coisa, mas é evidente que nada disso pode ser feito por um ato de vontade. Ele passou a acreditar em seus amigos quando lhe diziam que era diferente — estranho, até — por causa de sua falta de objetivos. No fim, desistindo de encontrar o sentido que parecia vir tão facilmente para os outros, ele, calmamente, sem alarde, tirou a própria vida.

Não fiquei surpreso ao saber que muitos adolescentes se sentem exatamente como Jeffrey, sabem que o mundo está cheio de coisas que eles *deviam* querer fazer — e imaginam que deve haver algo incrivelmente errado com eles por não conseguirem querer nenhuma delas. Como me dei ao trabalho de estudar culturas diferentes da nossa, sei que não há nada de intrinsecamente humano em querer “fazer alguma coisa” na vida ou “subir”, ter um emprego, uma carreira profissional ou uma vocação. Idéias como essas são estranhas à maioria dos povos aborígenes, que parecem perfeitamente satisfeitos em simplesmente viver como Jeffrey queria viver — e por que não haveriam de querer?

A tribo aberta

Jeffrey morreu por falta de uma tribo — mas não, evidentemente, por falta de uma tribo étnica. Os jovens dizem-me muitas vezes que sonham em se juntar aos ianomâmis do Brasil ou aos alawas da Austrália, e tenho de lhes explicar que tribos como essas não estão abertas para eles. Embora sejam famosas por sua hospitalidade, não podem se dar ao luxo de aceitar garotos ingênuos que aparecem na aldeia completamente destituídos dos conhecimentos necessários à sobrevivência da tribo.

Ao longo de suas perambulações, Jeffrey conheceu pessoas que ganhavam a vida de uma maneira ou de outra — amigos da família, ex-colegas da faculdade, os pais, e assim por diante. Mas, o que não é de surpreender, nenhum deles ganhava a vida *tribalmente*; tinham empregos, profissões, carreiras, mas trabalhavam *individualmente*, de modo que não havia lugar para Jeffrey entre eles. Não ganhavam a vida com um esforço cooperativo e, por isso, não havia como ampliar seu ganha-pão de forma a absorvê-lo. Ele era sempre um hóspede, e os hóspedes (por mais charmosos que sejam) acabam inevitavelmente deixando de ser um prazer para seus anfitriões.

De certo modo, Jeffrey não conseguiu encontrar ninguém que pudesse dar-lhe tão *pouco* quanto ele queria. Muitos jovens também querem muito pouco e, se trabalhassem tribalmente, poderiam conseguir esse pouco com bastante facilidade. Toda tribo tem o padrão de vida que seus membros estão *dispostos* a manter.

Pessoas como Jeffrey precisam viver num mundo de tribos, e num mundo de tribos *abertas*. E elas não estão sozinhas. Longe disso, a meu ver.

Os limites da abertura

O circo é um excelente modelo de tribo aberta. Coisas como nacionalidade, língua, raça, antecedentes étnicos, idade, sexo, orientação sexual, opiniões políticas e crenças religiosas não excluem ninguém que possa contribuir para manter a vida do circo, mas sua abertura não é absoluta, claro! Não é um refúgio para moradores de rua, por exemplo; não aceita pessoas por altruísmo. O que não significa que o altruísmo seja proibido. O circo tem de cuidar muito bem de seus membros, senão eles vão para outros circos que sejam mais liberais, mais generosos. É uma questão de sobrevivência. Uma espécie que não consegue preservar seus membros extingue-se, e isso ocorre também com uma tribo.

Por outro lado, um circo altruísta demais (que aceite pessoas que não contribuem para seu êxito, por exemplo) logo vai enfrentar dificuldades para equilibrar as despesas e as receitas; começa reduzindo salários, baixando o padrão geral de vida, deixando a desejar na qualidade da comida — e passa a perder seus membros mais talentosos para outros circos.

Os circos que encontram um equilíbrio praticável entre o sucesso econômico e as necessidades de sua comunidade continuam em atividade. Os circos que não encontram esse equilíbrio desaparecem.

Empresas não-tribais

As empresas comuns não assumem obrigações tribais. Muito obviamente, “não cuidam” de seus operários; fazer isso as levaria a entrar em toda uma série de problemas em que não existe lucro nenhum. Em vez de cuidar de seus empregados, elas pagam salários e esperam que seus funcionários cuidem de si mesmos. Um operário pode prosperar com um determinado salário, ao passo que outro definha. Do ponto de vista da empresa, não há injustiça se o salário for justo. Não é culpa da empresa se o segundo operário tem uma família grande para sustentar ou um pai ou mãe inválido para cuidar — ou se apenas administra mal o dinheiro. A companhia pode se dar ao luxo de ser inflexível quanto a isso; não se arrisca a perder o segundo operário para um concorrente, porque seus concorrentes são igualmente inflexíveis nessa questão.

Esse acordo implícito entre as empresas — limitar suas obrigações a assinar um cheque correspondente ao salário de seus funcionários — é exatamente o que dá à nossa sociedade seu clima de prisão. Os trabalhadores “não têm saída”. Quer passem de uma companhia para outra, quer mudem de um país para outro, as obrigações de seus empregadores terminam com o cheque de pagamento de seu salário (um arranjo obviamente muito cômodo para os empregadores). As prisões sempre são organizadas para servir aos interesses dos guardas e carcereiros. Essa é a ordem das coisas que todos esperam. Ninguém acha que as prisões são construídas para atender às necessidades dos presos, ou que as empresas são construídas para atender às necessidades dos trabalhadores.

Entrar numa tribo significa sair da prisão.

Como é que nos deixam inofensivos?

Depois de ler até aqui, um estudante perguntou-me: “Estou adorando o que você disse, mas simplesmente não vejo como abandonar a civilização pode ajudar-nos a viver ‘tão inofensivamente quanto os tubarões, as tarântulas e as cascavéis’, que é a medida de sucesso que você estabeleceu em *Ismael*”.

Acho, como muita gente, que essa pessoa está mais à vontade com a idéia de abandonar coisas que de obter coisas. Está preocupada com o fato de as pessoas que curtem a si mesmas possam não estar vivendo tão inocentemente quanto aquelas que negam a si mesmas. Muitas vezes, as pessoas bem-intencionadas querem sentir que estão renunciando a alguma coisa, que é simplesmente o que se espera numa cultura em que todos os sistemas éticos e religiosos recomendam a abnegação, a negação de si. Em sociedades hierárquicas, sempre é uma boa idéia fazer a pobreza parecer uma bênção (e os ricos sempre são especialmente incompetentes em suas austeridades).

Se você acha que isso é algo que deixou de ser verdade, tente fazer o seguinte: descubra um único livro didático do ensino fundamental ou médio que promova *ser rico* como um valor. Ser rico *nunca* é considerado um ideal a ser perseguido pelos estudantes. Por mais que procure, você não vai encontrar um único texto que diga: “Ganhe montes de dinheiro para você ter as coisas boas da vida — carros, mansões luxuosas, iates, empregados, roupas especialmente criadas para você, jóias extravagantes, viagens de primeira classe etc”. Nossa mitologia oficial da sala de aula é tão reservada no tocante à riqueza quanto no tocante a sexo.

“A cultura do prejuízo máximo”

As pessoas já viveram de muitas formas neste planeta, mas há cerca de dez mil anos surgiu um povo que acreditava que todos os habitantes deste mundo deveriam viver de uma única maneira — à *sua* maneira, que consideravam a única certa. Depois de dez mil anos de trabalho duro, esse único povo, que vou chamar de conquistadores, apoderou-se de todos os continentes do planeta e dominou completamente o mundo. Durante esse processo, os conquistadores venceram, absorveram, desalojaram ou eliminaram todas as outras culturas e civilizações que encontraram pelo caminho. Depois que as civilizações do Novo Mundo foram destruídas, só restou uma única civilização no mundo — a dos conquistadores: a nossa. A partir de então, *civilização* passou a ser sinônimo de *nossa civilização*.

No presente momento, os Estados Unidos simbolizam o auge da riqueza que a nossa civilização alcançou. Não há lugar na Terra onde as pessoas tenham mais, usem mais ou desperdicem mais que nos Estados Unidos. Embora ainda não tenham atingido esse ponto culminante, outras nações anseiam por ele. Não têm outro objetivo. Só existe uma forma certa de as pessoas viverem, e o povo dos Estados Unidos é a sua síntese. Todos os habitantes do planeta devem ter uma casa, um carro, um computador, um aparelho de televisão, um telefone etc, — ao menos um de cada e, de preferência, vários.

É a isso que dou o nome de “cultura do prejuízo máximo”, uma cultura em que todos os membros estão dedicados a alcançar o máximo de riqueza (e sempre *aumentando* o máximo da riqueza).

Mas como deter sua expansão?

Já me perguntaram: “Se não fizermos o modo de vida dos conquistadores desaparecer completamente, ele não vai voltar e começar a se expandir novamente?”

A Idade Média só continuou sendo a Era da Fé enquanto a mitologia cristã dominou a cabeça das pessoas — de todas elas, dos servos aos reis. Depois que a influência dessa mitologia diminuiu e refluuiu durante a Renascença, passou a ser inconcebível que uma Era da Fé pudesse repetir-se. Nunca mais uma civilização inteira adotaria a visão que dominou a Idade Média.

A mesma coisa pode-se dizer da mitologia dos conquistadores. Depois que for mostrada tal como é — uma série de fraudes venenosas — não será mais capaz de exercer o poder que exerceu sobre nós durante os últimos dez mil anos. Quem, sabendo que não existe só uma maneira certa de as pessoas viverem, vai erguer a espada para disseminar a visão dos conquistadores? Quem, sabendo que a civilização *não* é a invenção suprema da humanidade, vai defender a hierarquia como se ela fosse a mais sagrada das instituições humanas?

Será que os últimos faraós, loucos de raiva, não vão usar seu arsenal nuclear contra nós?

Talvez sim, se pudessem, mas onde vão nos encontrar senão vivendo lado a lado com eles em suas próprias cidades? Será que o/a presidente, vendo seu poder desvanecer-se, vai bombardear a cidade de Washington para destruir o povo tribal que vive lá? O governador de Nova York vai bombardear Manhattan?

A esperança de algo melhor

Como todos os seis bilhões de membros da cultura do prejuízo máximo estão lutando para maximizar sua riqueza, não devemos ficar alarmados somente com o um por cento que leva uma vida de nababo. Devemos ficar igualmente alarmados com os outros noventa e nove por cento que *esperam* viver como nababos um dia. Provavelmente não serão os astros *pop*, os heróis do esporte e os empresários bilionários que vão nos tirar da prisão onde vivemos com eles. É o resto de nós que tem de encontrar a saída, que tem de ter esperança de algo melhor do que habitar a cela forrada de pele de zibelina ao lado de Bárbara Streisand, Michael Jordan ou Donald Trump.

O mundo pode sustentar alguns milhões de faraós, mas não pode sustentar seis bilhões de faraós.

“A esperança de algo melhor...” Por acaso é uma referência ao que chamei de “viver uma outra história” em *Ismael*? É isso que eu queria dizer quando falo que “as pessoas precisam de uma visão de mundo e de si mesmas que lhes sirva de inspiração”? É isso que eu queria dizer quando falo, em *A história de B*, que, “se o mundo for salvo, será salvo porque as pessoas que vivem nele têm uma visão nova”?

Claro que sim.

Um objetivo intermediário: menos nocivo

Caso não esteja claro, ainda estou tentando responder à pergunta daquele meu estudante: “Como abandonar a civilização pode ajudar-nos a viver ‘tão inofensivamente quanto os tubarões, as tarântulas e as cascavéis’?” Qualquer passo além da civilização representa um passo para longe da cultura do prejuízo máximo e, por isso, reduz seu grau de nocividade. Pular o muro da prisão não torna você instantaneamente tão inofensivo quanto um tubarão, uma tarântula ou uma cascavel, mas o leva instantaneamente a essa direção.

Veja as coisas por esse ângulo: nenhum passo para longe da civilização resultará em *mais* prejuízo. Se você quiser causar danos, é *obrigado a* continuar com a civilização. Apenas no interior dela é que você consegue queimar quarenta mil litros de combustível só para almoçar no seu restaurante predileto de Paris. Apenas em seu interior você pode dinamitar despreocupadamente um recife de coral só porque ele se tornou inconveniente para você.

Ir além da civilização limita automaticamente seu acesso aos instrumentos necessários para causar dano. O pessoal do Circus Flora nunca vai construir um bombardeiro Stealth*, nem uma usina siderúrgica — não só porque não quer, mas porque, mesmo que quisesse, não teria acesso aos instrumentos. Para recuperar o acesso aos instrumentos, teria de deixar o circo e encontrar novos lugares para si na cultura do prejuízo máximo.

*. *Construída na década de 90, é considerada a mais moderna aeronave de guerra. (N. do E.).*

Será que “menos nocivo” basta?

Embora seja um bom ponto de partida, e interessante, ser menos nocivo *não* basta. Estamos no meio de uma corrida por alimentos que é mais mortal para nós e para o mundo à nossa volta do que foi a corrida armamentista da Guerra Fria. É uma corrida entre a produção de alimentos e o crescimento da população. Os adeptos atuais do economista inglês Thomas Malthus (1766-1834), como seus partidários do passado, vêem a produção de comida suficiente para alimentar nossa população como uma “vitória”, assim como os participantes da Guerra Fria viam a produção de uma quantidade suficiente de armas para destruir a União Soviética como “vitória”. Não conseguiam perceber que, assim como toda “vitória” norte-americana levava os soviéticos a responder com uma vitória sua, toda vitória na produção de comida leva o crescimento da população a responder com uma “vitória” sua.

Neste exato momento, a corrida por alimento está convertendo rapidamente a biomassa do nosso planeta em massa *humana*. É o que ocorre quando limpamos um pedaço de terra onde há vida silvestre e aí replantamos produtos agrícolas para os seres humanos. Essa terra sustentava uma biomassa que compreendia centenas de milhares de espécies e dezenas de milhões de indivíduos. Agora, toda a produtividade daquela terra se transforma em massa humana, literalmente em carne humana. Todos os dias, no mundo inteiro, a diversidade desaparece à medida que uma quantidade cada vez maior de biomassa se transforma em massa humana. É em torno disso que gira a corrida por alimento. É *exatamente* em torno disso que gira a corrida por alimento: transformar, todo ano, uma quantidade cada vez maior da biomassa do planeta em massa humana.

Fim da corrida por alimento

A corrida armamentista só podia acabar de duas formas: em uma catástrofe nuclear ou na desistência de seus participantes. Felizmente, foi a segunda que se concretizou. Os soviéticos saíram — e não houve catástrofe.

A corrida entre alimentos e população está na mesma situação: pode acabar numa catástrofe, quando uma massa simplesmente grande demais da biomassa do planeta estiver subordinada aos seres humanos e os sistemas ecológicos fundamentais desmoronarem, mas não *precisa* acabar assim. Pode acabar como a corrida armamentista: as pessoas simplesmente saindo da corrida. Podemos dizer: “Entendemos agora que não pode haver um *triunfo final* da comida sobre a população, porque toda vitória isolada do lado da comida tem como resposta uma vitória do lado da população. É assim, sempre foi assim, e estamos vendo que nunca vai *deixar* de ser assim”.

Mas isso não vai ocorrer por causa dessa meia dúzia de palavras — nem por causa dos milhares que já disse em meus outros livros e palestras. Esse tema diz respeito à nossa mitologia cultural em seu nível mais profundo — um nível muito mais profundo do que eu imaginava quando pensei que poderia ser resolvido com algumas páginas em *Ismael*. Esse é o minotauro fatal, o devorador de homens que está no centro do labirinto de nossa cultura... muito além do alcance da nossa expedição atual.

Cem anos depois da civilização

As pessoas ainda estarão vivendo aqui daqui a cem anos — *se* começarmos logo a viver de outra forma.

Caso contrário, não estarão vivendo aqui.

Mas como chegar lá e como será? Os utopistas não conseguem abandonar a idéia de virem a existir pessoas melhores, mais gentis, mais amorosas. Prefiro voltar-me para o que funcionou durante milhões de anos para as pessoas *tais como elas são*. A santidade não é um pré-requisito.

Fazendo uma projeção para o futuro: à medida que as pessoas começam a pular o muro nas primeiras décadas do novo milênio, nossos guardas ficam inicialmente alarmados e vêem o processo como um anúncio do fim da civilização-tal-como-a-conhecemos. Aumentam o muro com arame farpado social e econômico, mas logo percebem a futilidade dessa providência. As pessoas vão continuar arrastando pedras se estiverem convencidas de que não há outro curso a seguir, mas, assim que descobrem um outro curso, nada pode impedi-las de desertar. No início, os desertores ganham a vida graças aos construtores de pirâmides, como os circos de hoje. Mas, à medida que o tempo passa, começam a depender menos dos construtores de pirâmides. Interagem cada vez mais uns com os outros e constroem sua própria economia intertribal.

Depois de cem anos, a civilização ainda vai existir com cerca de metade de seu tamanho atual. Metade da população do mundo ainda faz parte da cultura do prejuízo máximo, mas a outra metade, vivendo tribalmente, desfruta um estilo de vida mais modesto, voltado para obter mais do que as pessoas querem (em contraposição a só obter mais).

Duzentos anos depois da civilização

O equilíbrio de poder econômico entre a “civilização” (agora quase sempre carregando essas aspas) e o “depois da civilização” que a circunda altera-se gradualmente. Um número cada vez maior de pessoas percebem que podem trocar uma enorme quantidade de coisas que não desejam profundamente (poder, *status* social e supostos confortos, comodidades e luxos) por coisas que desejam de fato profundamente (segurança, trabalho significativo, mais lazer, igualdade social — todos produtos do modo de vida tribal). “A economia”, que deixou de estar vinculada a um mercado em expansão permanente, foi se tornando uma questão cada vez mais local à medida que as grandes empresas nacionais perderam gradualmente sua razão de ser.

Duzentos anos depois, aquilo que chamamos de civilização foi deixado para trás e parece tão obsoleto quanto a teocracia de Oliver Cromwell. As cidades ainda existem — para onde iriam? —, assim como as artes, as ciências, a tecnologia, mas deixaram de ser instrumentos e manifestações da cultura de prejuízo máximo.

Não me permito fazer essas especulações para parecer que tenho dons proféticos. Atiro-as à água para mostrar a você que parte do lago tenho em vista... e para deixá-lo seguir as ondas, de volta à praia do presente.

Mas onde exatamente fica “além”?

No cenário utópico paradigmático, você reúne seus amigos, aparelham-se de instrumentos agrícolas e descobrem um pedacinho do paraíso intocado para onde você pode fugir e livrar-se daquilo tudo. A atração clara dessa velha fantasia desgastada é que não requer nenhuma imaginação (já está pronta para ser usada), pode ser experimentada por qualquer um que tenha os fundos necessários e, às vezes, funciona realmente durante mais de alguns meses. Defendê-la como a solução geral para seis bilhões de pessoas seria propor o maior recorde de inanição de todos os tempos.

A civilização não é um território geográfico — é um território social e econômico onde os faraós reinam e as pirâmides são construídas pelas massas. Da mesma forma, além da civilização não é um território geográfico — é um território social e econômico onde os membros de tribos abertas procuram atingir objetivos que podem ou não ser reconhecidos como “civilizados”.

Você não precisa “ir para um lugar qualquer” para ir além da civilização. Você tem de ganhar a vida de outra forma.

PARTE CINCO

A Tribo do Corvo

É,

Bom,

É solitário pacas

no fundo,

também.

Joseph Chassler

Pioneiros relutantes

Segundo estimativas conservadoras, em qualquer momento dado há cerca de um milhão de pessoas nos Estados Unidos que foram lançadas além da civilização, num limbo econômico que hoje em dia é identificado como moradores de rua. Morador de rua é algo mais que um eufemismo de pobreza, uma vez que chama a atenção para a forma especial que a pobreza assume em cidades hipermodernas, que podem ser definidas como cidades onde o espaço é tão valioso que nenhum fragmento dele pode ser reservado para os pobres. Com o desaparecimento completo da moradia de baixo custo, simplesmente não há espaço “dentro de casa” para os pobres dessas cidades.

Várias correntes distintas se juntam na leva de moradores de rua. Uma delas consiste nos doentes mentais, jogados nas ruas quando a desinstitucionalização tornou-se a febre dos anos 70. Outra consiste em operários semi qualificados ou desqualificados, cujos empregos foram exportados para os países onde o trabalho é mais barato ou que se tornaram supérfluos em virtude da diminuição de tamanho das empresas ou da automação. Outra ainda consiste naqueles que, nas décadas de 50 e 60, teriam sido considerados “em desvantagem”: mulheres e crianças abandonadas, vítimas de preconceito racial ou étnico, gente sem instrução, sem qualificação profissional e cronicamente desempregada. Todas essas pessoas são vistas como vítimas, ou como pobres “dignos”. Outros que engrossam a leva de moradores de rua são os desertores, os viciados em drogas, os mendigos, os bêbedos, os desocupados e os vagabundos, que, como parecem “escolher” morar nas ruas, são os pobres “indignos”.

Como acabar com os moradores de rua

As autoridades públicas (refletindo os desejos implícitos de seu eleitorado) querem, naturalmente, que os moradores de rua acabem. Não se trata de um impulso destituído de bondade. O pressuposto é de que os moradores de rua *querem* realmente desaparecer (ao menos os “pobres dignos” entre eles!) — com o surgimento de empregos, casas para morar e a retomada de uma vida “normal”. O papel das autoridades é, por conseguinte, ajudar, estimular e encorajar os moradores de rua a retomarem a vida normal. Acima de tudo, nada deve ser feito para encorajar os moradores de rua a *continuarem* moradores de rua. Em resumo: a vida dos moradores de rua deve tornar-se tão ininterruptamente difícil, degradante e sofrida quanto possível, e você pode ter certeza de que os nossos guardiões públicos sabem muito bem como conseguir isso.

Naturalmente, o público quer um abrigo para os moradores de rua, mas não deve ser muito acolhedor; ninguém deve querer “ficar” num deles. Se os moradores de rua começarem a “ficar” nos abrigos, esse fato significaria o fracasso de seus objetivos, que é incentivar os moradores de rua a saírem dessa condição. Evitando a todo o custo os abrigos oficialmente sancionados, os moradores de rua refugiam-se em praticamente todos os outros lugares — ruas arborizadas, praças, túneis e edifícios abandonados, embaixo de pontes e viadutos etc. A polícia tem de afugentá-los regularmente desses locais porque, se os moradores de rua se sentirem bem em algum lugar, *qualquer* que seja, o que os motivaria a *deixarem* de ser moradores de rua? Tornar e manter a vida dos moradores de rua a pior possível é uma atitude vista como um amor austero — a maior bondade que podemos ter para com eles.

O único problema é que, por alguma estranha razão, não dá certo — ninguém dá a mínima.

Se não deu certo no ano passado...

A maior descoberta que qualquer antropólogo de outro planeta poderia fazer a respeito de nossa cultura é a nossa reação exagerada diante do fracasso: *se não deu certo no ano passado, tente DE NOVO este ano (e, se possível, empenhe-se MAIS).*

Todo ano decretamos mais leis, contratamos um número maior de policiais, construímos mais prisões e condenamos os réus a penas mais longas — sem nos aproximarmos nem um milímetro do “acabar” com a criminalidade. Não deu certo no ano passado, nem no anterior, nem no outro antes deste, nem no anterior a este último, mas você pode ter certeza de que tentaremos de novo este ano, sabendo, sem a menor sombra de dúvida, que também não vai dar certo de novo.

Todo ano gastamos mais dinheiro com nossas escolas, com a esperança de “consertar” qualquer coisa que possa haver de errado nelas, e todo ano as escolas continuam teimosamente problemáticas. Gastar mais dinheiro não deu certo no ano passado, mas você pode ter certeza de que tentaremos de novo este ano, sabendo, sem a menor sombra de dúvida, que também não vai dar certo de novo.

Todo ano tentamos acabar com os moradores de rua, e todo ano vemos que os moradores de rua continuam entre nós. Não conseguimos ajudá-los a voltar para “a corrente principal” no ano passado, nem no anterior, nem no outro antes deste, nem no anterior a este último, mas você pode ter certeza de que tentaremos de novo este ano, sabendo, sem a menor sombra de dúvida, que também não vai dar certo de novo.

Uma regra nova para cabeças novas

Para imaginar uma reação diante do fracasso melhor do que essa, você não precisa (como dizem) ser um cientista genial. Eu a definiria da seguinte forma: *se não deu certo no ano passado, nem no anterior, nem no outro antes deste, nem no anterior a este último — nem em qualquer outro da história conhecida —, TENTE ALGO DIFERENTE.*

Acreditamos profundamente na adoção de uma abordagem militar para resolver os nossos problemas. Declaramos “guerra” à pobreza. Quando a medida não dá certo, declaramos “guerra” às drogas. “Combatemos” o crime. “Lutamos” para acabar com os moradores de rua. “Lutamos” contra a fome. Juramos “derrotar” a Aids.

Os engenheiros não podem se dar ao luxo de fracassar tão freqüentemente quanto os políticos e os burocratas e, por isso, preferem entrar em acordo com a resistência de seu objeto (como eu). Por exemplo: eles sabem que não é possível construir uma estrutura suficientemente rígida para resistir a terremotos. Por isso, em vez de desafiar o poder dos terremotos construindo estruturas rígidas, entram em acordo com esse poder construindo estruturas flexíveis. Fazer um acordo não é apenas ceder, mas ceder ao mesmo tempo que se aproxima de algo: você pode entrar em acordo não apenas em relação a briga, mas também a um trono. Desse modo, o edifício a prova de terremotos sobrevive, não desafiando o poder do terremoto, mas reconhecendo-o — aproximando-se dele e lidando com ele.

Assim que alguém tiver coragem suficiente para lidar dessa maneira com os moradores de rua, reconhecendo sua existência e aproximando-se deles, em lugar de combatê-los, coisas notáveis começarão a acontecer aqui — e não será só para os moradores de rua.

Ouçã os moradores de rua

Um elemento que faz parte do acordo com os moradores de rua é aceitar o fato de que os pobres escolherão sempre a menos ruim das alternativas à sua disposição. Se você os encontrar vivendo embaixo da ponte em vez de morar num abrigo municipal limpo e bem-arrumado a apenas um quarteirão de distância, pode ter certeza absoluta de que não cometeram um erro — do ponto de vista deles. Os procedimentos para admissão no abrigo podem ser intoleravelmente invasivos, arbitrários ou humilhantes, ou suas regras podem ser draconianas. Seja o que for, os desconfortos de se abrigar embaixo da ponte são mais fáceis de suportar. Naturalmente, o que é menos ruim para um indivíduo não é necessariamente o menos ruim para outro. Os moradores de rua da cidade de Nova York vão dizer-lhe que há tanta comida por ali que é quase impossível passar fome. Mesmo assim, existem aqueles que preferem afastar-se desse mundo de abundância e se manter nas galerias subterrâneas, onde há abundância de caça (depois que você se acostuma com a idéia de caçar, matar e cozinhar os “coelhos” do lugar — ratos).

Outro elemento que faz parte do acordo com os moradores de rua é aceitar o fato de que compreendem sua situação, não necessariamente da mesma forma que um cientista social, um economista ou um urbanista, mas de um ponto de vista prático e pessoal. Talvez não sejam capazes de fazer um discurso sobre o processo de desindustrialização, mas sabem que as pessoas que presunçosamente os mandam “arranjar um emprego” vivem num mundo de fantasia e imaginam a existência de um mundo de trabalho que não existe há décadas.

Morar na rua equivale a um terremoto?

Um naufrago estava afundando pela terceira vez quando avistou um navio a distância. Reunindo as últimas forças, acenou freneticamente e pediu ajuda. Alguém a bordo do navio olhou para ele com desprezo e gritou em resposta: “Arranje um bote!”

O cientista social Peter Marcuse escreveu: “Os moradores de rua levam não só à conclusão intelectual de que a maquinaria do sistema fracassou de algum modo por não conseguir produzir o abrigo básico de que todos precisam, como também à conclusão social de que o sistema se chocou contra alguns limites que não pode ultrapassar, de que criou *um mundo que não consegue mais controlar*” (itálicos meus).

Gosto dessa citação porque sua referência à “maquinaria do sistema” se encaixa perfeitamente na minha analogia da engenharia. Essa maquinaria criou um mundo habitado por pessoas *que não consegue mais controlar*. Traduzindo isso para o meu sistema metafórico, Marcuse diz que os moradores de rua entraram numa terra de ninguém social e econômica que está *além da civilização*. E, quando essa maquinaria trabalha para obrigar os moradores de rua a voltarem para o seu devido lugar, fracassa — repetida e consistentemente.

Jacques Attali, o guru da tecnologia, anunciou o fim da era da classe operária: “As máquinas são o novo proletariado”, diz ele. “A classe operária está recebendo seu bilhete azul”. Mas todos sabemos que não há lugar para quem não trabalha na estrutura conhecida como civilização. Portanto, para onde, diabos, se espera que o bilhete azul os leve — senão para *além* dessa estrutura?

Como seria fazer esse acordo?

Sabemos o que significa “querer acabar” com os moradores de rua. Atacamos em duas frentes. Numa delas, os abrigos criados para os moradores de rua, mas (como não queremos que eles *fiquem* lá) que tornamos o menos acolhedores possível. Na outra, promulgamos uma legislação que proíbe acampar e incrimina aqueles que *não* ficam nos abrigos. Essa legislação permite (ou obriga) que a polícia hostilize os moradores de rua que estão “fora de seu devido lugar”, que acabam por ficar onde não queremos que fiquem. Enquanto os moradores de rua não se endireitarem, arranjam um emprego e ascenderem magicamente para a classe média da corrente principal dos Estados Unidos, o jogo vai ser assim: “Cara, nós ganhamos; coroa, vocês perdem”.

Fazer um acordo com os moradores de rua seria *ajudar os moradores de rua ENQUANTO eles são moradores de rua*. Que idéia! Posso ouvir os uivos de raiva, tanto dos liberais quanto dos conservadores, que concordam com esse conceito. Ajudar as pessoas a *continuarem* sendo moradores de rua? Queremos que eles *deixem* de ser moradores de rua! (Pois assim voltarão à corrente principal).

O primeiro passo para um acordo com os moradores de rua seria descriminá-los e desregulá-los. Desregulamos alegremente indústrias de um trilhão de dólares, capazes de causar danos irreparáveis, mas desregular os pobres relativamente indefesos — que idéia! As autoridades das instituições de poupança e crédito desreguladas podem ter-nos arrancado bilhões de dólares, mas pelo menos não ficam pelas esquinas cobertas de andrajos!

Deixe que arranjem um lugar para morar

Regular e incriminar os moradores de rua equivale a desafiar os terremotos com estruturas rígidas. Desregular e descriminar os moradores de rua equivale a reconhecer que “a maquinaria do sistema... criou um mundo que não consegue mais controlar”. Portanto, devemos desistir de controlar os moradores de rua porque é uma situação que está *além* da possibilidade de controle, exatamente como o terremoto. Como não podemos derrotá-lo, devemos aprender a tirar dele o melhor proveito possível.

Embaixo de Manhattan há milhares de quilômetros de galerias subterrâneas habitáveis que não são usados para nada e interditados aos moradores de rua por uma única razão: eles podem tentar viver lá. Os moradores de rua tentam *realmente* morar lá e, por isso, supõe-se que seja dever das autoridades expulsá-los. As autoridades explicam que ninguém “deve” viver em galerias subterrâneas. Não foram criadas como espaços para ser habitados. Não oferecem segurança. São insalubres. Não têm saneamento básico. Apesar de tudo isso, alguns moradores de rua *preferem* viver nos túneis a morar nas calçadas ou embaixo de viadutos.

Em vez de mandar a polícia expulsar os moradores de rua das galerias subterrâneas, as autoridades deveriam mandar os urbanistas perguntarem que serviços a prefeitura poderia oferecer para melhorar a situação deles. E poderiam ouvir: “Precisamos de ajuda no saneamento, na água, na energia elétrica”.

Não tente expulsar os moradores de rua dos lugares que eles acham razoáveis. Ajude-os a sobreviver nos lugares que *eles* acham razoáveis.

Deixe que arranjem a própria comida

Assim como queremos negar aos moradores de rua o acesso às galerias subterrâneas, a prédios abandonados, a cortiços que ficam embaixo dos viadutos e assim por diante, também queremos lhes negar o acesso à abundância de comida que se pode perfeitamente comer e que é jogada fora diariamente em nossas cidades. Alguns restaurantes adotaram a prática de encher os restos de comida de amônia para que não possam ser comidos. Outros puseram cadeados nas latas de lixo. Imagine, em vez disso, ajudar os moradores de rua a organizar sistemas de distribuição dessa comida, grande parte da qual acaba simplesmente apodrecendo nos aterros sanitários.

Ou, melhor ainda, imagine a indignação que uma proposta dessas despertaria nos bons burgueses de nossas cidades. Que coisa horrorosa lhes parece (até imoral) permitir que uma classe de “vadios” vivesse do que eles não precisam ou não querem mais. Mais do que apenas “permitir” esse modo de vida, estaríamos, na verdade, *incentivando-o — facilitando-o!* — quando deveríamos, ao contrário, “combatê-lo”, “acabar com ele!”

Deixe que ganhem sua vida

Em nossa cultura, por alguma razão estranha, ensinamos as crianças a desprezar os animais carniceiros. Presa e predadores são grandiosos, mas os carniceiros são desprezíveis. A verdade é que o nosso mundo seria inabitável sem os carniceiros. Estaríamos enterrados no meio de cadáveres. Os carniceiros vivem de livrar o mundo de seu lixo biológico. Longe de amaldiçoá-los, deveríamos abençoá-los. Neste exato momento, a maioria das criaturas mortas nas estradas estão desaparecendo no bico de aves como os corvos e os abutres. Se essas aves se extinguiem, nós mesmos teremos de realizar essa tarefa. O que esses consumidores de carniça fazem por nós agora, de graça, teremos de pagar com o nosso dinheiro.

Em geral, o único modo “honesto” de os moradores de rua ganharem a vida é consumindo restos — e, em geral, ficam bem satisfeitos de ganhar a vida assim. É um trabalho que podem fazer sem ter um endereço, nem se submeter a uma supervisão, bater um cartão de ponto ou manter um guarda-roupa de peças aprovadas socialmente — e podem fazer esse trabalho na hora que bem entenderem.

David Wagner descreve como turmas de bêbedos trabalham para arrancar cobre de edifícios abandonados para vender. Isso é ilegal, claro!, mesmo que esse cobre, por qualquer motivo, simplesmente se perdesse. Em vez de obstruir esse tipo de atividade, por que não facilitá-lo? Enormes quantidades de materiais poderiam ser recuperadas e recicladas dessa maneira, não só conservando os recursos como também reduzindo a quantidade de objetos que vai para os aterros sanitários para degenerar em lixo tóxico.

Deixe meu povo ir embora!

Os moradores de rua estão “além da civilização” porque estão além do alcance da hierarquia da civilização, que tem-se mostrado incapaz de criar uma extensão estrutural que os inclua. O máximo que consegue fazer é oprimi-los, atormentá-los e obstruí-los. Para entrar em acordo com os moradores de rua seria necessário “deixá-los ir embora”, de forma bem parecida com o faraó bíblico que deixou os israelitas irem embora.

Estou dizendo que, na verdade, os moradores de rua *querem* ser moradores de rua? Não exatamente. Alguns são “temporários”: aterrissaram nas ruas depois de uma maré de azar e tudo quanto querem é voltar à estrada do sucesso da classe média. Nenhuma de minhas propostas atrapalharia isso. O resto deles está nas ruas não necessariamente porque adoram ser moradores de rua, mas porque as alternativas são piores do que ser morador de rua — internamento, infundáveis maus-tratos familiares, envolvimento com sistemas de assistência social cegos ou indiferentes às suas necessidades, e labuta num mercado de trabalho que não oferece nenhuma esperança real de mobilidade ascendente.

Mas persiste o fato de que muitos que se tornam moradores de rua inicialmente contra a vontade mais tarde adquirem uma nova perspectiva da situação.

“Gosto do jeito que a minha vida é agora”

Foi isso o que um morador de galerias subterrâneas disse à repórter Jennifer Toth. E explicou: “Sou independente e faço o que quero. Não que eu seja preguiçoso ou não queira trabalhar. Ando por toda a cidade quase todos os dias para catar latas. É a vida que eu quero”. Outro morador de galerias subterrâneas contou ter sido perseguido por um irmão que queria que ele voltasse a ter uma vida normal: “Ele me ofereceu dez mil dólares. Ele não entende! É aqui que eu quero estar agora. Talvez não para sempre, mas agora, sim”.

Um dos sujeitos de David Wagner, que fugiu de espancamentos constantes que recebia em casa, descobriu que a vida nas ruas “era legal, eu dormia quando queria, saía com as pessoas, bebia. Era livre como um passarinho”. Outro, que fugiu de um lar abusivo aos doze anos de idade, disse: “Era ótimo. Eu viajava, descia até o litoral, até o sul. Era maravilhoso, e eu não voltava nunca, acontecesse o que acontecesse”.

Mesmo quando a rua seja apenas a alternativa menos ruim, as pessoas sentem muitas vezes que tem mais apoio aqui do que tinham em casa. Um garoto que fugiu de casa, ao descrever seus amigos da rua para Katherine Coleman Lundy, disse: “Se eles precisavam de comida, precisavam de uns dólares, eu dava uns dólares pra eles... Sempre que eu precisava de alguma coisa, se eu precisasse, e eles tivessem, eles me davam”. Outro garoto que fugiu de casa disse a Jennifer Toth: “Temos apoio de verdade uns dos outros, não de um assistente social por uma hora só, mas de pessoas que gostam de você pra valer e te entendem”.

Que vai resultar disso?

Se deixarmos os moradores de rua encontrarem seus próprios refúgios e os ajudarmos a tornar esses lugares habitáveis (em vez de afugentá-los sempre que se estabelecerem), se os dirigirmos para as enormes quantidades de comida que são jogadas fora diariamente (em vez de obrigá-los a mendigar comida nos abrigos), se os auxiliarmos ativamente a se sustentar de acordo com seus próprios termos (e não de acordo com os nossos), pense bem: os moradores de rua deixarão de existir em grande medida como “um problema”. Seriam pessoas com quem sempre estaríamos trabalhando nas cidades, como a manutenção das ruas. As ruas de nossas cidades nunca vão ficar “em perfeito estado”. *Sempre* vão precisar de reparos — e nós *sempre* vamos cuidar de sua manutenção. Não pensamos na manutenção das ruas como “um problema” porque é algo com que *entramos em acordo*.

Se quisermos entrar em acordo com os moradores de rua, nós e eles (para variar) vamos trabalhar juntos em vez de entrarmos em desavença. Manter as pessoas abrigadas, alimentadas e protegidas se tornaria uma preocupação comum e uma tarefa comum.

Entrar em acordo com os moradores de rua não significa que os mendigos, as mulheres sem teto que andam com todos os seus pertences numa sacola e os bêbedos vão desaparecer — assim como a manutenção das ruas não significa que os buracos, as filas duplas e os engarrafamentos vão desaparecer. Entrar em acordo com os moradores de rua (como entrar em acordo com os terremotos) significa enfrentar a realidade, não significa eliminá-la.

Não estou COMPLETAMENTE sozinho!

Quase ao final de seu estudo notável sobre moradores de rua, *Checkerboard Square: Culture and resistance in a homeless community*, David Wagner escreve:

“E se os moradores de rua... tivessem a oportunidade de ter *mobilidade coletiva* e *recursos coletivos* em vez de fiscalização, vigilância e tratamento individual? E se as redes sociais densas e as sub-culturas coesas que constituem as comunidades de moradores de rua fossem utilizadas por advogados, assistentes sociais e outros? E se fosse oferecida moradia perto das áreas geográficas em que os grupos de moradores de rua se reúnem, moradias decentes que não exijam abandonar o grupo, mas que pudessem ser partilhadas com os amigos da rua... E se os benefícios sociais fossem distribuídos, não individual, mas coletivamente, de modo que a renda de manutenção ou recursos para comida, abrigo e outros bens fossem dados a um grupo inteiro de pessoas, não a indivíduos? Isto é, não seria necessário uma pessoa esperar horas a fio, fazer um relatório detalhado de todos os aspectos de sua vida pessoal e ir constantemente ao escritório de um assistente social para receber um novo atestado — bastaria obter um subsídio coletivo como parte de um grupo de moradores de rua (ou qualquer outro grupo de pessoas pobres)”.

Todas essas sugestões (que até Wagner concorda que são radicais) representam entrar em acordo com as realidades dos moradores de rua. Pretendem ajudá-los a viver decentemente *enquanto* são moradores de rua — e viver da maneira que *eles* querem viver (e não como os funcionários do governo pensam que eles *devem* viver).

Objecções

A idéia de entrar em acordo com os moradores de rua vai levantar objeções de todos os lados. Os liberais vão entendê-la como “desistir” de resolver o problema dos moradores de rua, mas isso seria o mesmo que dizer que entrar em acordo com a deterioração das ruas significa desistir de resolver o problema das ruas. Entrar em acordo com os moradores de rua significa ouvir os pobres, que acreditam ter condições de cuidar de si mesmos — com a ajuda que desejam em vez da ajuda que os habitantes de casas respeitáveis pensam que eles “devem ter”.

Na outra extremidade do leque político, os conservadores vão interpretar a proposta de entrar em acordo com os moradores de rua como passar a mão na cabeça dos que vivem de graça e que devem ser disciplinados e punidos até “arranjarem um emprego”. Vão acabar entendendo que é o mesmo que ajudar um pescador pobre a conseguir um equipamento de pesca em vez de lhe dar um peixe para comer.

No entanto, as objeções das autoridades do governo serão muito ruidosas porque sua questão com os moradores de rua vai além de meros princípios. Muita gente vive “combatendo” o problema dos moradores de rua e vêem seu desaparecimento como ameaça ao seu ganha-pão (embora seja evidente que não são bobos para colocar a questão dessa forma).

Na Los Angeles de 1998, roubar um carrinho de supermercado custava uma multa de mil dólares e cem dias atrás das grades. Quando um doador anônimo distribuiu “legalmente” cem carrinhos de supermercado a moradores de rua, as autoridades amarraram a cara e denunciaram a atitude como “bem intencionada, mas equivocada”.

A mais forte de todas as objeções

Entrar em acordo com os moradores de rua — permitir realmente que os pobres ganhem a vida nas ruas — abriria as portas da prisão da nossa cultura. Os excluídos e os insatisfeitos viriam todos para fora. Seria o primeiro grande movimento de pessoas para aquela terra de ninguém social e econômica que chamo de “além da civilização”.

A Tribo do Corvo, deixando de ser reprimida, cresceria — talvez explosivamente.

Não queremos que isso aconteça, queremos? Deus do céu, não. Seria caótico. Poderia até ser excitante.

Carlos, um garoto que fugiu de casa e vivia num bueiro do Riverside Park de Manhattan, disse a Jennifer Toth: “Eu mudaria o mundo para haver um lugar para nós. Um lugar bom onde a gente pudesse ter liberdade mesmo, e não viver num buraco”.

Algumas idéias perigosas aqui... um lugar para os moradores de rua... um lugar bom... liberdade mesmo... não num buraco...

Ponham mais guardas vigiando os muros. Reforcem os portões.

PARTE SEIS

A nova revolução tribal

“Você nunca muda as coisas lutando contra a realidade que existe. Para mudar alguma coisa, construa um novo modelo que torne obsoleto o modelo que existe agora”.

Buckminster Fuller

“A marca dos passos de nossos ancestrais foi varrida pelo Grande Esquecimento. Não cabe a nós refazer a mesma marca de seus passos e sim fazer as marcas de nossos próprios passos, igualmente originais”.

Carl Cole, 19 anos

A Tribo do Corvo — e outras

Graças ao pai, Jeffrey conseguiu viver como um vagabundo sem nunca ser estigmatizado como morador de rua. Era evidente que não tinha nenhum interesse em trabalhar, mas nunca ninguém virou-se para ele com desprezo e lhe disse: “Arranje um emprego!”, porque ele nunca precisou estender a mão para pedir esmola. A sorte que teve pode ter-lhe feito mal, pois se fosse realmente um morador de rua talvez tivesse encontrado seu verdadeiro lugar no mundo como um membro da Tribo do Corvo.

Mas é claro que essa tribo não é para todos.

A primeira vez que discorri sobre a Nova Revolução Tribal em *Meu Ismael*, eu era como um astrônomo que descreve um planeta cuja existência havia sido deduzida, mas ainda não tinha sido visto por ninguém. Se me pedissem, eu não poderia ter dado um único exemplo a respeito do que falava. Só depois de um ano andando às cegas é que me ocorreu que o circo (que usei como uma espécie de modelo em *Providência — A história de cinqüenta anos da busca de uma visão*) está de fato organizado de uma forma autenticamente tribal (e, mais tarde, acrescentei esse exemplo a edições posteriores de *Meu Ismael*).

Mesmo assim: só um único exemplo?

Depois de mais alguns meses às cegas, percebi que estava preocupado com o modelo tribal étnico, destinado a tornar um grupo de sessenta ou setenta pessoas auto-suficientes. Eu considerava o tamanho e a estrutura e me esquecia dos benefícios.

East Mountain News

Assim que comecei a ver o problema de uma forma diferente, percebi que Rennie e eu e mais duas pessoas havíamos vivido uma época (de forma bem inconsciente) de uma maneira autenticamente tribal — quando produzíamos o *East Mountain News* numa área enorme de Albuquerque, no Novo México. Rennie e eu tínhamos fundado o jornal como um empreendimento experimental e praticamente sem capital. Depois de editar alguns números, recebemos um telefonema de Hap Veerkamp, um velho jornalista que vivia uma aposentadoria forçada (porque ninguém o contrataria por causa da idade). Ele disse que sabia fazer literalmente tudo num jornal — menos vender espaço de propaganda. Dissemos que adorávamos ter suas histórias e fotografias, mas, se não encontrássemos ninguém que soubesse vender espaço de propaganda, estaríamos fora de combate muito em breve. Ele disse que ia tentar vender. Algumas semanas depois, ouvimos falar de C. J. Harper, uma jovem que queria desesperadamente tornar-se escritora e que tinha uma idéia para uma coluna da qual talvez gostássemos. Gostamos da coluna e dela. A pergunta seguinte era: “Você sabe vender espaço de propaganda?”

Ela respondeu: “Vendo qualquer coisa”.

Por que deu certo

De repente, estávamos na praça — de uma forma modesta. Nenhum de nós recebia salário. No fim da semana, quando o jornal estava na rua, Rennie sentava-se com C. J. e repartia a renda da propaganda que havia sobrado depois de pagar a gráfica. Uma de nossas regras era: só imprimiríamos uma quantidade de exemplares que a renda da propaganda pudesse pagar. Se tivéssemos propaganda suficiente para doze páginas, imprimiríamos doze páginas, e aquela seria considerada “uma semana boa”. Se só tivéssemos o suficiente para oito páginas, imprimiríamos oito, e aquela seria “uma semana razoável”.

O jornal deu certo para nós por dois motivos. Primeiro: todos tínhamos um padrão de vida muito modesto, de modo que o que conseguíamos com o jornal (uma ninharia segundo os padrões normais) era o bastante. Segundo: ele não era só uma forma de ganhar a vida. Todos adorávamos o jornal e tínhamos um orgulho intenso das contribuições que fazíamos para ele. As fotos de Hap eram tão boas quanto aquelas publicadas em qualquer jornal de cidade grande. As colunas de C. J. eram fabulosas. As matérias de Rennie, que eram o principal destaque do jornal, assim como suas histórias, podiam servir de modelo em escolas de jornalismo. Ainda labutando na sexta versão do livro que um dia seria um romance chamado *Ismael*, eu só dedicava três dias por semana ao jornal, fazendo diagramação e digitação, mas ele me dava uma folga do livro e uma chance de fazer outras coisas de que gostava.

Não tínhamos nada parecido com o tamanho de uma tribo étnica, nem vivíamos em comunidade, mas, apesar disso, recebíamos os principais benefícios de uma vida tribal.

O East Mountain News enquanto circo

Como no circo, cada um de nós tinha um trabalho que era essencial para o sucesso do todo. Como no circo, o pior trabalho era o do chefe (que era feito por Rennie); ninguém a invejava, nem imaginava, por um momento sequer, que ela ganhava demais.

Exatamente como no circo, todos sabiam que o jornal tinha de dar dinheiro, mas ganhar dinheiro não era o objetivo. Como o pessoal do circo, tínhamos uma forma de ganhar a vida que combinava com a gente. Para mantê-la, tínhamos de manter o jornal de pé. Todos nós *precisávamos* do jornal.

Sem discutir a questão, todos sabíamos que, como um circo, tínhamos de manter o jornal de pé para que ele pudesse manter-nos de pé. O único problema era que a tribo precisava de mais alguns membros e não percebíamos direito essa necessidade. A chefia precisava dividir algumas tarefas mais estafantes — e havia um bocado delas, considerando que estávamos cobrindo uma área do tamanho de Rhode Island. Rennie estava se desgastando progressivamente, mas as pessoas de que precisávamos não apareceram para dividir conosco a sua sorte e (ao mesmo tempo) ampliar nosso negócio de tal modo que elas também pudessem ganhar a vida com ele. Várias pessoas se apresentaram para ser *contratadas*, mas só estavam interessadas no salário. Quando viam quão pouco estávamos ganhando, iam embora. Não ficavam satisfeitas por viver do jornal e fazer do seu sucesso o próprio sucesso delas, como o resto de nós fazia.

O sucesso e o fracasso do jornal

O sucesso surpreendente do jornal foi que, ao estruturá-lo de forma tribal, Rennie e eu conseguimos começar um negócio praticamente sem capital (uma quantidade muito pequena de dinheiro e um equipamento aposentado de composição tipográfica, uma contribuição generosa de James, irmão de Rennie). Teriam sido necessários centenas de milhares de dólares para fundar um jornal da maneira tradicional, o jornal com todo o pessoal contratado por salários normais. Estruturado da forma tradicional, o jornal poderia ter levado cinco anos ou mais para não perder nem ganhar dinheiro. Estruturado tribalmente, levou uma semana. Dada a área enorme a ser coberta e a sua base relativamente pequena de propaganda, o jornal nunca teria gerado lucros suficientes para atrair um anunciante que tivesse os objetivos capitalistas tradicionais. E, na verdade, depois que o vendemos (para um corretor de imóveis local que pretendia fazer dele apenas mais um negócio), faliu rapidamente.

Falando em termos realistas, a área daquela época não tinha condições de sustentar um jornal como um empreendimento capitalista. Ela teria tido condições de sustentar um jornal de bairro (cheio de classificados e com algumas matérias simbólicas). E, na verdade, depois que o *East Mountain News* fechou, seu lugar foi ocupado por um jornalzinho de bairro.

O benefício tribal

O jornal de Albuquerque não publicava informações do “nosso lado” da montanha, exceto notícias ocasionais de homicídio. Pela primeira vez, por causa do *East Mountain News*, as pessoas descobriam o que acontecia em sua região: eventos escolares, políticos, sociais — todo o espectro da vida que é considerado “notícia”. Embora não tivessem como saber, esse era um benefício direto da nossa disposição de estruturar o jornal de modo tribal. Estruturado da forma tradicional, não poderíamos ter-nos *dado ao luxo* de oferecer um jornal de verdade.

Eu não estava empenhado em tornar o *East Mountain News* um jornal “de verdade”. Minha função no negócio consistia em organizar os anúncios. Certa vez, depois que uma série de números de quatro e oito páginas deixou todos nós com o sentimento de fim da linha, perguntei: “Por que não fazemos só um jornalzinho de bairro cheio de anúncios?” A proposta foi posta em votação. Rennie, Hap e C. J. estavam ali porque era um *jornal*, não porque dava dinheiro. O fato de uma folha de classificados dar mais dinheiro era irrelevante para eles. Deixariam de ter o que *queriam* se o jornal se tornasse uma folha de classificados, e só ter mais dinheiro não os compensaria da sua perda.

A coisa importante que temos de entender é que não estávamos “renunciando” a nada por sermos tribais. Estávamos *ganhando* por sermos tribais — algo que estaria fora de nosso alcance se as coisas não fossem assim. Não éramos tribais porque éramos nobres e altruístas; éramos tribais porque éramos gananciosos e egoístas.

Que aconteceu a Hap e C.J.?

Usávamos o jornal como um meio de ganhar a vida para todos nós. Por exemplo: quando Hap precisava de um pneu novo, propúnhamos à borracharia local trocá-lo por um anúncio. Quando C. J. não conseguiu comprar um telefone em seu nome, fizemos uma co-assinatura. Não duvidamos nem por um minuto que, se as nossas posições tivessem sido invertidas, eles teriam feito a mesma coisa por nós.

Quando vendemos o jornal, aconselhamos enfaticamente o novo dono a tocar o negócio com Hap e C. J., mas ele logo deixou claro que tinha outras idéias na cabeça. A essa altura, Hap havia se tornado algo parecido com uma celebridade com seu trabalho no jornal, de modo que não teve a menor dificuldade em conseguir um emprego no *Citizen* de Torrance Country, um jornal que cobria uma área que se sobrepunha à nossa, no sul. Ainda está lá, no momento em que escrevo estas linhas. A minha fotografia que aparece na sobrecapa de *Providência* foi tirada por ele quando revisitávamos a região em 1993.

C. J. casou e mudou, e perdemos o contato com ela desde então. Se a vir, diga-lhe que gostaríamos de ter notícias suas.

Uma empresa tribal: os ingredientes

Só o fato de ser tribal não é garantia de sucesso, claro! Os elementos normais necessários para o sucesso também têm de estar presentes. No nosso caso: a necessidade de um jornal e um número bem grande de empresas querendo um lugar para pôr seus anúncios — e tínhamos ambas as coisas.

Mas, além delas, Rennie e eu tivemos a sorte inacreditável de encontrar duas pessoas dispostas a dividir sua sorte conosco estruturando um jornal, que se sentiam satisfeitas por fazer dele um meio de vida (e não de morte) e que estavam acostumadas a viver com muito pouco (como nós). Com tudo isso, era difícil as coisas não darem certo.

Acho que o mínimo necessário é um grupo de pessoas (1) que, em conjunto, tenham todas as qualificações indispensáveis para começar e tocar um determinado negócio, (2) que se contentem com um padrão de vida modesto e (3) que estejam dispostas a “pensar tribalmente” —isto é, tirar da empresa aquilo de que precisam, em vez de esperar salários fixos.

Que tipos de negócio se prestam a isso?

Para mim, qualquer tipo de negócio que pode dar certo de maneira convencional pode dar certo de maneira tribal — com algumas exceções. Um negócio estruturado em torno do trabalho de um único indivíduo não parece prestar-se a uma abordagem tribal. Por exemplo: é difícil imaginar um clínico-geral e sua equipe trabalhando tribalmente. A disparidade entre o que o médico oferece e o que todos os outros oferecem é grande demais. Por outro lado, a idéia de um hospital tribal não é um absurdo, pois lá o clínico-geral ofereceria um trabalho equivalente ao do cirurgião, do administrador, do anestesista, e assim por diante. Não consegui imaginar uma forma de transformar o trabalho de escritor/a num negócio tribal (a menos que ele/ela prefira publicar a própria obra).

Para citar só algumas coisas: restaurantes, firmas de jardinagem e empreiteiras poderiam se estruturar tribalmente (e tenho certeza de que muitas já fazem isso). Lembre-se de que, tal como já foi definida, uma tribo não é nada mais que uma coalizão de pessoas que trabalham juntas como iguais para ganhar a vida. Realmente não vejo limites para as possibilidades.

Um novo empreendimento tribal

As pessoas perguntam muitas vezes se eu me considero um largador. No passado, eu respondia:

“Claro que não. Sou um prisioneiro do mesmo sistema pegador que você. Dependo inteiramente da vasta maquinaria da grande empresa que publica, distribui e vende meus livros”.

Depois acrescentava que me sentiria muito feliz se *reduzisse minha dependência* dessa maquinaria, mesmo que em dez por cento, pois isso representaria ao menos dez por cento de libertação do meu cárcere. Foi só recentemente que Rennie e eu demos passos decisivos para conseguir esses dez por cento.

Eu produzo um monte de material que tem pouco ou nenhum valor “comercial” (não tem atrativos para a máquina editorial de grande porte), mas isso não significa que não seja do interesse de meus leitores. Para colocar esse material à disposição daqueles que desejam tê-lo (e, assim espero, conquistar aqueles dez por cento de liberdade), resolvemos fundar uma companhia chamada New Tribal Ventures, que dará ao público acesso a certas obras de minha autoria fora da maquinaria das grandes editoras norte-americanas. Por exemplo: foi em dois livrinhos — um deles chamado *The book of the damned* e o outro, *The tales of Adam* — que cheguei à expressão mais feliz de minhas idéias, mas todos concordam que não têm atributos “comerciais”. Esses textos serão editados pela New Tribal Ventures como um volume só com dois livros intitulado *An animist testament*.

Tarefas tribais e estruturas de organização

Na companhia neofuturista, todos os membros da tribo desempenham todas as funções — escrevem, dão espetáculo, vendem entradas, fazem a faxina, e assim por diante. A mesma coisa pode-se dizer do Culpepper & Merriweather Great Combined Circus, onde todos fazem de tudo — levantam a lona, cuidam dos animais, dão espetáculo etc.

O *East Mountain News* foi organizado de outra maneira. Hap e C. J. conseguiam notícias e vendiam espaços de propaganda. Eu montava os anúncios, digitava e revisava os textos. Rennie organizava todas as notícias, fazia a diagramação e era responsável por uma miríade de tarefas administrativas — um número grande demais delas, como acabamos descobrindo. Como ninguém tinha se apresentado para ajudar num esquema tribal, precisávamos contratar pessoas para assumir algumas de suas atribuições, mas não estávamos ganhando o suficiente para isso.

Não percebemos que uma tarefa importante não estava sendo feita por nenhum de nós, uma tarefa que poderia ser chamada de *marketing*. Ninguém se apresentou para ampliar os ganhos da tribo desempenhando essa função. Em consequência disso, pela falta de conhecimentos especializados e tino comercial, acabamos diante de um obstáculo intransponível. Precisávamos contratar alguém para ajudar Rennie, mas não conseguimos fazer isso porque estávamos sem um membro da tribo que nem sabíamos que não tínhamos.

Uma tribo autônoma precisa realizar *todas* as funções que a levarão ao sucesso. Uma tribo de fabricantes de armários não vai dar certo sem um membro que saiba *vender* armários.

Segurança do berço ao tmulo?

Não há dúvida de que o maior benefício da vida tribal única é que ela proporciona a seus membros uma segurança que vai do berço ao tmulo. Como sempre começo dizendo, isso não é resultado de santidade ou abnegação dos povos tribais. Os babuínos, os gorilas e os chimpanzés desfrutam exatamente o mesmo tipo de segurança em seus grupos sociais.  óbvio que os grupos que oferecem esse tipo de segurança vo preservar seus membros com muito mais facilidade do que aqueles que não o oferecem. Repetindo:  uma questão de seleção natural. Um grupo que não cuida direito de seus membros é um grupo que não inspira muita lealdade (e, provavelmente, não vai durar muito).

Mas será que as tribos ocupacionais proporcionam esse tipo de segurança a seus membros? Não instantaneamente, claro! Se você e seu irmão fundam uma empresa convencional terça-feira, ele não espera aposentar-se na quarta-feira com um slrio integral para o resto da vida — embora talvez espere isso daqui a vinte anos, se ajudar a consolidar o negócio durante esse tempo.

O fato de as tribos únicas poderem dar a seus membros uma segurança que vai do berço ao tmulo  uma medida real de sua riqueza. Os membros da nossa cultura são ricos em aparelhos, máquinas e diversões, mas todos temos uma idéia muito, muito clara das conseqüências pavorosas de perder o emprego. Para algumas pessoas — para um número grande demais delas — parece o fim do mundo; elas piram, pegam a arma mais próxima e abrem fogo contra seus antigos chefes e metem uma bala nos próprios miolos. Essas são, claramente, pessoas com pouca sensação de segurança.

E quem cuida dos idosos?

Já me perguntaram se “os jovens artistas de circo cuidam dos aposentados” da mesma forma que as tribos étnicas cuidam dos idosos. Não é assim que o circo funciona — mas também não é assim que funciona a vida tribal étnica. Os caçadores jovens não “cuidam” dos caçadores velhos.

Para começo de conversa, o circo não é composto somente de artistas. O número de artistas é muitíssimo menor que o de pessoas que fazem todo tipo de coisa, assim como o número de atores que você vê numa tela de cinema é muitíssimo menor que o das pessoas envolvidas em pôr aquela imagem na tela. Em segundo lugar, falar de “artistas de circo aposentados” não reflete a realidade da vida do circo — nem da realidade da vida de uma tribo étnica, em que “caçador aposentado” é uma categoria que não existe. Quando os artistas do circo não conseguem mais trabalhar, passam a fazer outros trabalhos no circo. Não precisam que ninguém “cuide” deles porque não estão mais se apresentando na corda bamba, nem fazendo acrobacias.

Qual é o seu modelo de “cuidar” dos idosos? Se pensar em todos os serviços de um hospital moderno, então é óbvio que nenhuma tribo vai oferecer uma coisa dessas. A IBM e a General Motors não mantêm hospitais para os seus empregados; oferecem a eles um seguro-saúde, o que qualquer tribo também tem liberdade de fazer.

Se o seu modelo de “cuidar” dos idosos inclui comida, roupas, moradia e o mesmo tipo de atenção que os velhos das tribos étnicas recebem, então ele está inteiramente ao alcance de uma tribo ocupacional.

Tribos: pessoas que têm a mesma cabeça

As pessoas tendem a imaginar as tribos ocupacionais num mundo de fantasia pós-apocalipse. Ficam perplexas quando digo que podem ter um seguro-saúde e planos privados de aposentadoria (se os quiserem), ou que o governo vai ter tanto interesse em cobrar-lhes impostos e contribuições à previdência social quanto de qualquer outro. Mas, se é assim, perguntem-me então, qual é o objetivo de tudo o que estamos fazendo? Se o mundo vai continuar exatamente como antes, por que nos incomodarmos? Essas são perguntas a que nunca me canso de responder.

A Mãe Cultura ensina que um *salvador* é aquilo de que precisamos — um Santo Arnold Schwarzenegger gigante que seja uma combinação de Jesus, Jefferson, dalai lama, papa, Gandhi, Gorbatchev, Napoleão, Hitler e Stálin — todos eles em um. Os outros seis bilhões, segundo a Mãe Cultura, não têm condições de fazer nenhuma coisa. Só podemos esperar quietinhos que o Santo Arnold chegue.

Daniel Quinn diz que *nenhuma* pessoa sozinha vai salvar o mundo. (Se for salvo), o será por milhões (e em última instância) por bilhões de nós, de uma *forma nova*. Mil pessoas que vivem de uma forma nova não vão levar ao colapso a ordem dominante no mundo. Mas essas mil podem inspirar cem mil, que podem inspirar um milhão, que podem inspirar um bilhão — e *aí* aquela ordem dominante vai começar a parecer abalada!

(Em seguida, alguém vai perguntar: “Mas, se a ordem dominante no mundo ficar abalada, o que vai ser do meu seguro-saúde?”)

A tribo **É** seus membros

Numa discussão famosa que ocorreu na Universidade de Colúmbia, um membro da faculdade que havia afirmado que a faculdade *é* a universidade ouviu imediatamente do reitor da universidade (ex-presidente dos Estados Unidos Dwight D. Eisenhower) que a faculdade *é* os *empregados* da universidade. O sr. Eisenhower não está presente para me contradizer quando digo que os membros de uma tribo não são empregados da tribo, eles *são* a tribo. Na verdade, essa *é* toda a diferença.

Como a tribo *é* os seus membros, a tribo *é* o que seus membros *querem* que seja — nada mais, nada menos. Se os membros da tribo esperam que ela proporcione o mesmo tipo de segurança do berço ao tûmulo de que desfrutam as tribos étnicas, tomam as devidas providências para isso. Mas esse não *é* um pré-requisito e pode acabar fazendo pouco sentido num mundo de tribos abertas. Num mundo assim, *é* perfeitamente razoável, por exemplo, que marido e mulher façam parte de tribos ocupacionais diferentes — e que seus filhos talvez queiram também fazer parte de tribos diferentes. Na verdade, essa abertura à diversidade *é* o *x* da questão.

Uma tribo *é* um grupo de pessoas que ganham a vida juntas, e não existe uma fórmula única para fazer isso.

Seja inventivo.

Por que ganhar a vida?

Às vezes, as pessoas reagem a minhas propostas como se houvesse algo ligeiramente desagradável e supérfluo a respeito da questão toda de “ganhar a vida” — tribalmente ou de uma outra forma qualquer. Parecem pensar que, se a Nova Revolução Tribal for tudo o que promete ser, então não deveríamos ter de “ganhar a vida” — deveríamos ter condições de viver como as aves do céu.

Exatamente. Esse é o *x* da questão, vocês poderiam dizer.

O que não estão entendendo não é a Nova Revolução Tribal, é a história das aves do céu. Os pardais podem ser “livres como pássaros”, mas isso não significa que não ganhem a vida. Ao contrário: todo ser vivo que existe sobre a terra tem de ganhar a vida. Mosquitos, gansos, golfinhos, chimpanzés, aranhas e rãs, todos têm de gastar energia para conseguir o que precisam para se manter vivos. Não há criatura no mundo que passe a vida de papo para o ar enquanto os recursos necessários vêm por si sós e fazem o trabalho de mantê-la viva. Até as plantas verdes têm de ganhar a vida. Elas são como uma indústria de tecido, uma fabriqueta qualquer que absorve energia do sol e a converte diligentemente em sua própria substância.

A tribo é, na verdade, apenas uma organização social maravilhosamente eficiente que torna ganhar a vida fácil para todos — ao contrário da civilização, que torna ganhar a vida fácil para uns poucos privilegiados e difícil para o resto.

Outro exemplo tribal

The Neo-Futurists são um grupo de artistas que escrevem, dirigem e encenam a própria obra dedicada ao esclarecimento social, político e pessoal sob a forma de um teatro conceitual com interação do público (essas são palavras da Declaração de Objetivos *on-line* do grupo). Trabalhando com um “formato de teatro pobre, com pouca ou nenhuma tecnologia”, o grupo sintetiza uma atividade dramática pós-moderna diferente de tudo o mais que apresenta uma série sempre renovada de trinta peças encenadas em sessenta minutos sob o título geral *Too much light makes the baby go blind*. Esse trabalho original está sendo apresentado (e este livro redigido) em Chicago desde 1º de dezembro de 1988 e teve uma temporada bem-sucedida no Joseph Papp Public Theater, em Nova York, em 1993. Em 1992, The Neo-Futurists fundaram seu próprio Neo-Futurarium, orgulhosos de ter um teatro de cento e cinquenta e quatro lugares e uma galeria de arte.

Treze artistas estão em atividade na companhia em qualquer momento, embora uma encenação média tenda a envolver apenas oito deles, mais ou menos. Além de escrever, dirigir e representar *Too much light*, esses treze artistas realizam praticamente todas as tarefas humildes ligadas ao teatro e à produção — serviços de escritório, limpeza, reciclagem, produção dos programas, compras, e assim por diante.

Viver com o que se tem, como de costume

Num estudo realizado sobre os ciganos e outras populações itinerantes, a antropóloga Sharon Bohn Gmelch apresenta uma lista de alguns motivos pelos quais esses grupos sobrevivem. Eles mantêm as despesas gerais baixas e têm pouco interesse em “acumulação material e expansão de capital”. Estão dispostos a “explorar oportunidades ‘marginais’”, “preencher vazios” da economia e “aceitar uma margem de lucro pequena, proveniente de múltiplas fontes”. Em resumo, são especialistas em viver com o que têm, como todos os habitantes de Madrid, quando vivíamos lá — e como eram todos os membros do *East Mountain News*, nenhum dos quais ganhava nem um por cento do que precisava para viver com o jornal.

A mesma coisa pode-se dizer de The Neo-Futurists. Embora seu objetivo seja ganhar a vida com o teatro, a maioria provavelmente tirava dele apenas de vinte por cento a cinquenta por cento de sua renda em 1998, segundo o fundador do grupo Greg Allen (que suplementa sua renda dando aulas de história do teatro no Columbia College). Outros têm empregos de meio período como massagistas, instrutores de ginástica, escritores de CD-ROM, técnicos de ultra-som, astrólogos, secretárias, garçons e um “autêntico astro do *rock* de uma famosa *banda punk*”.

Um membro da companhia, Geryll Robinson, escreve: “Eu gostaria de levar minha vida sem sustentar/ser sustentado pelas grandes empresas dos Estados Unidos. Não posso. Faço um monte de coisas esquisitas e até proibidas, pelas quais as pessoas me dão uma grana... Visitei Chicago. Vi *Too much Light*. Queria entrar. Mudei para lá. Fiz um teste. Agora eles me têm. Minha vida é boa. Muito boa”.

Mas será que o x pode ser uma tribo?

Essa é uma pergunta que me fazem muitas e muitas vezes — se é possível substituir o x por vários termos. Por exemplo: perguntaram-me se uma empresa já estruturada da forma convencional pode ser transformada num negócio tribal. Sim, talvez possa, mas com dificuldades, e a maior delas é que a maioria das pessoas envolvidas em empresas convencionais está lá por causa de um salário, ponto final. Algumas, após subir na escala salarial, não se importariam de descê-la. Assim como alguns talvez não se sintam felizes ganhando menos que um salário, outros podem não se sentir felizes tendo mais que um salário — só querem fazer seu trabalho e voltar para casa. Mas, evidentemente, nada é impossível.

Um estudante que participava de um seminário que eu dava em Houston perguntou se um monte de gente não poderia simplesmente se juntar e viver tribalmente, e ganhar a vida em outro lugar, individualmente. Claro que sim, e é ótimo, mas isso é uma comuna, não uma tribo, porque as pessoas não estão envolvidas em ganhar a vida juntas.

Será que uma tribo não pode ser uma comuna? E será que uma comuna não pode ser uma tribo?

Precisamos de algumas informações para responder a essas perguntas.

Comunidades e tribos: origens

Como Topsy, a maioria das comunidades que habitamos simplesmente “cresceram”, sem pai nem mãe, por assim dizer. Uma vez, há um século — ou dois, ou cinco —, a uma loja que vendia todo tipo de mercadoria juntaram-se um açougueiro, uma cocheira de animais de aluguel, uma oficina de um ferreiro e uma taverna, aos quais logo se juntaram um banco, um armazém de secos e molhados, uma pensão, um advogado, um barbeiro, um médico, e assim por diante. A certa altura, todos perceberam que tinham uma parte no sucesso da comunidade — e, em certa medida, no sucesso uns dos outros. O banqueiro certamente desejava que um quitandeiro qualquer progredisse, mas não se importava se fosse Smith ou Jones. A dona da pensão desejava que um barbeiro qualquer progredisse, mas não se importava se fosse Anderson ou Adams.

As comunas nunca começam dessa forma acidental. São comunidades “intencionais”, criadas por pessoas que querem viver juntas e procuram realizar ideais comuns, em geral em relativo isolamento. As comunas giram em torno de pessoas que vivem juntas e podem ou não trabalhar juntas.

As tribos (e estou falando aqui das “novas” tribos evidentemente) originam-se dentre as pessoas que querem reunir suas energias e habilidades para ganhar a vida juntas. As tribos giram em torno de pessoas que trabalham juntas e podem ou não viver juntas.

Comunidades e tribos: participação

Na medida permitida pela lei e pelos costumes, as comunidades adotam como política excluir certos tipos de pessoa e incluir todo o resto. Em outras palavras, a menos que você pertença a uma raça, religião, classe social ou grupo étnico abominado, será bem-vindo se quiser participar delas.

As comunas funcionam da forma oposta. Sua política é incluir certos tipos de pessoa e excluir todo o resto. Em outras palavras, a menos que você tenha os mesmos valores especiais do grupo (sociais, políticos ou religiosos), *não* é bem-vindo se quiser participar delas. A regra prática da tribo é: ***Você pode ampliar o modo de vida a fim de incluir a si mesmo?*** Em outras palavras, se você quiser viver de uma ocupação tribal, terá de aumentar o poder aquisitivo do grupo a ponto de poder ser absorvido por ele. Foi exatamente o que Hap e C. J. fizeram no *East Mountain News*. Não poderíamos tê-los incluído no negócio se eles não o tivessem ampliado com a venda de espaço de propaganda.

Será que uma tribo não pode ser uma comuna?

Como disse antes, as tribos giram em torno de pessoas que trabalham juntas e podem ou não viver juntas. Mas as pessoas tribais podem viver juntas sem se tornar uma comuna. Falando de minorias de artesãos, comerciantes e artistas de teatro de variedades como os ciganos, os taters noruegueses, os viajantes irlandeses e os nandiwallas da Índia, a antropóloga Sharon Bohn Gmelch nota especificamente que a organização social desses grupos é flexível e, “no fundo, não são comunais”.

A dificuldade que vejo em uma tribo tornar-se uma comuna é que, tradicionalmente, as comunas escolhem seus membros com base em ideais que têm em comum. Ideais comuns não são irrelevantes para os aspirantes a membros de tribos, mas são superados pela pergunta:

“Você pode ampliar o negócio a fim de incluir a si mesmo?”

Certamente posso dizer que não ocorreu a nenhum de nós do *East Mountain News* que deveríamos “fundar uma comuna”. Teríamos achado a idéia ridícula.

A tribo não gira em torno de *viver* juntos, mas ao redor de *ganhar a vida juntos*.

Será que uma comuna não pode ser uma tribo?

A resposta é: “Sim, é claro que uma comuna pode ser uma tribo, mas há uma forma problemática de começar”.

Em geral, as comunas começam com pessoas que querem “afastar-se de tudo”. Afastando-se de uma sociedade corrupta, materialista e injusta, querem tipicamente viver “perto da natureza”, junto com outras pessoas com ideais semelhantes. Como pretendem viver com simplicidade, ganhar a vida parece quase incidental. Podem cultivar a terra, fazer artesanato ou ter empregos comuns. À medida que o tempo passa, tudo pode sair exatamente como planejado — ou não. A simplicidade rústica pode ser menos charmosa do que o esperado. Talvez alguns se entediem do trabalho. Os nervos ficam abalados, os ideais são esquecidos, as amizades dissolvem-se, e logo a coisa acaba. Ou pode tomar um rumo diferente. Os membros podem reformular seu foco de atenção e passar aos ideais para ganhar a vida juntos de um modo mais satisfatório. Mas lembre-se de que esse grupo reuniu-se originalmente em torno de uma base totalmente diferente, de modo que será mais por sorte que por um plano anterior que terão realmente alguns interesses ocupacionais e habilidades em comum.

É como comprar gêneros alimentícios que comecem com a letra *m* — mostarda, manga, melão, macarrão, maionese, e assim por diante — e depois se perguntar se, por acaso, tem os ingredientes para fazer o *cassoulet du chef toulousian*. Pode ter, lógico, mas não com tanta probabilidade quanto se você comprar especificamente os ingredientes necessários para essa receita.

“Vamos fazer o espetáculo aqui mesmo no celeiro!”

Segundo a história do cinema, essa frase capciosa é dita por Mickey Rooney na meia dúzia de filmes que ele fez com Judy Garland na década de 1940. Se foi realmente dita em algum filme, seu significado é claro. Todos entendem que ela surge de uma trupe de jovens artistas de teatro de variedades que buscam uma chance de mostrar seus talentos.

É importante notar que não surge de um grupo de pessoas que tentam pensar em alguma coisa que poderiam fazer juntas. Na verdade, são um grupo porque já *sabem* o que podem fazer juntos. O teatro de variedades juntou-os da mesma forma que o jornal nos juntou a Hap e C. J. Poderíamos ter sido os melhores amigos do mundo, mas só o jornal poderia ter-nos organizado numa tribo. Se tivéssemos resolvido abrir uma loja de antiguidades ou uma de peças e programas de computador, Hap e C. J. nunca teriam se envolvido, por mais próximos deles que fôssemos.

Digo tudo isso para responder a uma pergunta que deve estar no fundo da cabeça de muita gente: será que um bando de amigos dos mais variados tipos pode se tornar uma tribo? A resposta é: sim, exatamente como uma comuna pode se tornar uma tribo. É perfeitamente possível, só que não é muito provável — a menos que o bando de amigos tenha-se formado inicialmente em torno de um foco ocupacional comum (como os Neo-Futurists).

Os amish não são uma tribo agrícola?

Os amish formam uma seita religiosa, um ramo dos menonitas. Eis aqui o que os torna comunais e não tribais: se você se candidatar a ser um deles, eles vão se interessar muito mais por suas crenças religiosas e seu caráter moral do que por suas ambições agrícolas.

Uma comuna “pode ser” uma tribo, assim como um farol “pode ser” um celeiro de grãos e um traje de passeio “pode ser usado como uniforme de enfermeira”. Mas persiste o fato de que damos nomes diferentes às coisas porque as vemos como coisas diferentes. Na Nova Inglaterra colonial, os colonizadores fundaram comunas, não tribos, e eles sabiam a diferença. Tribos eram para selvagens e comunas para pessoas civilizadas.

As pessoas também perguntam: “Ben & Jerry’s não é um negócio tribal?” E a resposta é: Ben & Jerry’s era um negócio tribal quando Ben e Jerry eram os únicos empregados da companhia, faziam eles mesmos o sorvete num *freezer* de cento e oitenta litros e o serviam aos fregueses num posto de gasolina remodelado de Burlington, Vermont. Depois dessa época, o negócio deles cresceu, não com a adição de membros à sua tribo, mas de empregados da forma convencional. Ben & Jerry’s não é um negócio tribal, mas um negócio que gira em torno do lucro (o que não o torna menos admirável). Um negócio que gira em torno do lucro pode ser um negócio tribal? Claro que pode. Só que não é *automaticamente* tribal.

Não é minha intenção (nem tenho poder para tal) destituir a palavra “tribo” de seus significados comuns. Minha intenção é investi-la de um significado especial quando usada no contexto da Nova Revolução Tribal.

Bons selvagens?

Ao pensar no que seria necessário para fundar uma tribo que girasse em torno de tratamentos de saúde, uma médica citou o fato de que, em nossa sociedade, os profissionais de sua área geralmente têm um padrão de vida alto — sugerindo que considerava esse fato uma espécie de obstáculo ou problema. Algumas perguntas revelaram que, inconscientemente, ela imaginava os membros de sua tribo de tratamentos de saúde como bons selvagens — nobres demais para cobrar por seus serviços (e, por isso mesmo, incapazes de manter o padrão de vida ao qual estavam acostumados).

É difícil enfrentar essa bipolaridade familiar, que vê as pessoas como incapazes de ser alguma coisa além de totalmente egoístas ou totalmente altruístas. Como um interruptor que liga e desliga a luz, passam de um pólo ao outro. A vida tribal existe entre esses dois pólos, e uma tribo de indivíduos inteiramente altruístas vai acabar tão depressa quanto outra de indivíduos totalmente egoístas.

Se um/a médico/a optar por um consultório de clínica geral numa cidadezinha do interior, em vez de ser um especialista numa cidade grande, será que pretende trabalhar de graça? Claro que não. Os habitantes das cidadezinhas do interior esperam pagar os serviços médicos. Quando um/a médico/a decide fazer parte de uma tribo que gira em torno de tratamentos de saúde em vez de um hospital convencional, será que pretende trabalhar de graça? As pessoas sabem que os médicos, quer trabalhem em tribos, quer trabalhem em hospitais, têm de ganhar a vida exatamente como todo mundo.

Um negócio tribal intermitente?

Na abertura do filme *Golpe de mestre*, de 1973, acompanhamos uma dupla de vigaristas — Johnny Hooker (Robert Redford) e Luther Coleman (Robert Ear Jones) — aplicar um golpe conhecido como “lenço jamaicano” num homem que, sem que eles saibam, está levando o dinheiro para o chefe de uma quadrilha, Doyle Lonnegan (Robert Shaw). Quando Lonnegan fica sabendo do golpe, manda matar Coleman. Para vingar o companheiro, Hooker decide aplicar em Lonnegan um daqueles golpes memoráveis. À medida que põe seu plano em ação, vemos que ele pertence a uma tribo de vigaristas que, em geral, ganham a vida em trabalhos honestos (como balconistas ou caixas de banco, por exemplo), mas que estão sempre dispostos a se reorganizar como tribo para dar um dos “grandes golpes” clássicos. Um ponto que chama a atenção é a prontidão deles. A um único sinal — sem palavras —, eles abandonam instantaneamente seus empregos. Sem perguntar o tamanho do negócio, nem sua parte no golpe, eles se reúnem rapidamente para montar uma sofisticada produção teatral chamada “o repertório de primeira”. Como no circo, todo membro é da maior importância quando chega a sua vez. Um estuda Lonnegan para descobrir a melhor forma de aplicar-lhe o golpe. Outros cuidam de cenários, figurinos, acessórios. Embora Henry Gondorff (Paul Newman) seja claramente o chefe, isso não o torna o único do grupo a ter importância. Todos os trabalhos precisam ser feitos — e o de chefe é apenas um deles. Nas organizações hierárquicas, o chefe é um ser supremo. Nas organizações tribais, o chefe é só mais um operário (era exatamente assim no *East Mountain News*).

Meu próximo negócio tribal

Muito antes de eu identificar o conceito como tribal, queria fundar um circo-escola como aquele que descrevi em *Providência* e em *Meu Ismael*. Agora tenho uma idéia melhor de como realizar esse trabalho na prática. Gosto de Houston porque ela não é dividida em zonas, o que faz da cidade uma colcha de retalhos de distritos residenciais e comerciais, e ninguém o persegue se você toca um negócio seu em casa. Isso faz dela um lugar ideal para a montagem de um circo-escola, que combina espaços de trabalho, exposições e espetáculos, com um centro de trabalho, brincadeiras, espetáculos e educação, envolvendo (além de professores, artistas e participantes) acrobatas, malabaristas, palhaços, dançarinos, músicos, montadores de cenários, mágicos, técnicos em iluminação, diretores de cinema, escritores, ceramistas, pintores, escultores, fotógrafos, tecelões, costureiros, carpinteiros, eletricitistas etc. Sem notas, sem exigências de cursos completos, sem provas — só aprender tudo o que você quiser, a hora que você quiser. Apesar de aberto a alunos de todas as idades, seria um recurso maravilhoso para os pais educarem seus filhos em casa, uma opção que está se tornando cada vez mais popular, com bons motivos. (Note, por favor, que não se trata de um “centro de educação comunitária de “estudos voltados para o aluno”. São coisas ótimas, mas meu objetivo é a diversão, não obras de caridade cívica.) Alguém perguntou por que os alunos preferiam esse circo-escola a uma universidade. Os dois não se excluem mutuamente, e a pessoa que quer exclusivamente seguir uma carreira com certeza vai preferir o mais convencional dos dois.

Não existe horário nem esquema de atividades nesse belo negócio.

Distinguir é conhecer

É importante para mim observar (antes que outros o façam) que não inventei os negócios tribais; só os distingi dos convencionais e, com isso, tornei-os particularmente visíveis. Agora que você já sabe o que são, provavelmente vai vê-los em toda parte. Ao discutir meu seminário comigo, Rennie lembrou-se de um que conhecemos em Portland, no Oregon, a Rimskykorsakoffeehouse. É preciso ver esse monumento de originalidade, a criação da original celebridade local, Goody Cable, para crer em sua existência. Sentar-se a uma mesa é entrar num mundo especial que só pode realmente ser descrito com exatidão se for chamado de tribal. Quando fica cheio mesmo, os fregueses costumam ser pressionados a servir as mesas, e conheço um artista local que serve as mesas uma noite por semana só pelo privilégio de fazer parte da tribo. Em geral há longas filas para entrar; as pessoas gostam de estar ali porque é evidente que as pessoas que trabalham lá *gostam* de estar lá.

Membros de tribo curtem mais a vida.

Pense nisso. Precisei de trinta mil palavras para fazer que essas sete soassem plausíveis.

A aversão e o medo que os civilizados Têm das pessoas tribais

O pessoal de espetáculos itinerantes de qualquer tipo são vistos como gente excitante, mas perigosa, gente que deve ser evitada quando está fora do palco. Isso faz parte de seu encanto, principalmente para os jovens. Em épocas passadas, os ciganos eram constantemente acusados de roubar crianças, provavelmente porque muitas delas sucumbiram de fato ao encanto da vida cigana. Há muito há a suspeita de que o tribalismo dos judeus contribuiu para sua demonização. E certamente não poupamos nenhum esforço para destruir o tribalismo das populações nativas onde quer que as encontremos. O tribalismo é o próprio emblema de seu “atraso” e “selvageria”.

Os civilizados querem que as pessoas sejam dependentes da hierarquia que existe atualmente, não uns dos outros. Há algo inerentemente mau nas pessoas que se tornam auto-suficientes em pequenos grupos. É por isso que os moradores de rua precisam ser atormentados e afugentados de qualquer lugar onde se reúnam. É por isso que a comunidade do Ramo Davidiano de Waco teve de ser destruída; nunca foram acusados de nenhum crime, e muito menos condenados — mas *deviam* fazer alguma coisa muito, muito nojenta mesmo ali. Os civilizados querem que as pessoas ganhem a vida individualmente, e querem que vivam separadas umas das outras, atrás de portas trancadas — uma família em cada casa, toda casa com todos os seus acessórios, geladeiras, aparelhos de televisão, máquinas de lavar roupa etc. É assim que as pessoas *decentes* vivem. Pessoas decentes não vivem em tribos, vivem em comunidades.

No entanto, por estranho que pareça, assim que você começa a defender a

tribo, dizendo que é uma forma de organização desejável, as pessoas decentes começam a insistir em dizer que são tão tribais quanto qualquer bosquímano ou pé-preto.

Tribos e comunidades

Pressionada para entrar num molde hierárquico, a tribo torna-se o que os civilizados chamam de “comunidade”. No interior da hierarquia da civilização de qualquer época a comunidade parece espelhar-se em muitas escalas diferentes. A aldeia medieval de Yorkshire, Wharram Percy, era um microcosmo da Inglaterra feudal, exatamente como Evanston é um microcosmo dos Estados Unidos dos tempos modernos. Esse tipo de semelhança entre microcosmo e macrocosmo é, como observaram John Briggs e David F. Peat, “um produto de todas as complexas relações de *feedback* que existem num sistema dinâmico” como o nosso. É inevitável que Evanston — e a parte leste de Los Angeles, o Harlem e Broken Arrow, no Oklahoma — reflitam, todos eles, a organização hierárquica de nossa sociedade como um todo, com ricos aqui, classe média ali e pobres lá. Não importa que os ricos de Evanston estejam melhor de vida que os ricos da zona leste de Los Angeles ou que os pobres do Harlem estejam numa situação pior que os pobres de Broken Arrow. A *estrutura* está lá.

A palavra “comunidade” é, em si, um reconhecimento de decência e não é usada para designar os indignos. Os homossexuais lutaram muito e durante muito tempo para se tornar a “*comunidade gay*”, mas os pederastas e os fãs da pornografia não têm chance nenhuma. Arruaceiros, criminosos, condenados e fanáticos religiosos não têm comunidades — têm gangues, quadrilhas, populações e cultos.

Consigno imaginar pessoas completamente decentes atraídas pelo Objetivismo, pela Simplicidade Voluntária ou pelo Individualismo Criativo. Já acho mais difícil imaginá-las atraídas para a vida tribal. Talvez seja só eu.

Uma parábola sobre a durabilidade

Um inventor levou seus projetos de um aparelho para um engenheiro, que olhou para eles e disse:

“O que você tem aqui é sistematicamente defeituoso, o que significa que vai quebrar depois de apenas alguns minutos de funcionamento”.

“Não, se for bem feito”, replicou o inventor. “Toda peça deve ser feita com o melhor material que existe com as especificações exatas”.

O engenheiro mandou construir o aparelho, mas ele quebrou depois de apenas quatro minutos de funcionamento. O inventor não desanimou.

“Você não fez o que lhe disse para fazer”, disse ele. “Você vai ter de usar materiais bem melhores — os melhores de todos — e fabricar as peças seguindo as especificações da maneira mais exata possível”.

O engenheiro tentou novamente, e o novo modelo funcionou durante oito minutos.

“Viu?”, disse o inventor. “Fizemos um progresso tremendo. Tente de novo, agora com materiais melhores ainda e seguindo as especificações de maneira mais fiel ainda”.

O último aparelho durou dez minutos. O inventor pediu ao engenheiro que fizesse outro modelo, usando materiais bem melhores e sendo mais fiel ainda às especificações. O novo modelo durou onze minutos.

O inventor queria continuar indefinidamente o processo, esforçando-se por ter peças perfeitas, mas o engenheiro recusou, dizendo:

“Não está vendo que estamos tendo melhorias cada vez menores? É um desperdício de tempo tentar fazer um projeto defeituoso funcionar melhorando suas peças. Traga-me um projeto viável que lhe garanto um aparelho que vai

funcionar durante anos, usando peças de materiais comuns com especificações comuns”.

Por que o que temos não é durável

É um princípio fundamental de nossa mitologia cultural que a única coisa errada conosco é que os seres humanos não são suficientemente bem feitos. Precisamos ser feitos com materiais melhores, com um conjunto de especificações melhores (criados, talvez, pelas versões ecológicas de nossas religiões tradicionais). Só precisamos ter mais bondade, gentileza, carinho, amor; menos egoísmo, mais visão, e assim por diante, e aí, então, tudo vai ser ótimo. É claro que ninguém conseguiu nos melhorar no ano passado, nem no anterior, nem no outro antes deste, nem no anterior a este último — aliás, em ano nenhum da história documentada —, mas talvez *este* ano a gente tenha sorte... ou talvez o próximo, ou o outro depois dele.

O que tentei dizer em todos os meus livros é que o defeito da nossa civilização não está nas pessoas, mas no *sistema*. É verdade que o sistema tem feito um barulhão nos últimos dez mil anos, que é um tempo bem longo segundo a escala de uma vida individual, mas, visto segundo a escala da história humana, esse episódio não é notável por sua duração épica, mas por sua trágica brevidade.

Em *Ismael*, comparo o nosso aparato civilizatório a um avião que está no ar há dez mil anos — mas em queda livre, não em vôo. Se ficarmos dentro dele, vamos nos espatifar com ele, e logo. No entanto, se a maioria de nós diminuir sua carga abandonando-o, ele talvez consiga manter-se no ar durante muito tempo (enquanto o resto de nós tenta alguma coisa que faça mais sentido).

Vamos saltar de pára-quedas e passar para o outro lado do muro!

James W. Fernandez, professor de antropologia, escreveu o seguinte:

“Os antropólogos, ao contrário dos filósofos, acham que os mundos culturais nascem com o uso (a promulgação) de *metáforas combinadas*” (itálicos meus).

É isso aí. Estou satisfeito por combinar algumas metáforas em prol da criação de um novo mundo cultural.

Depois de várias horas de discussão sobre o movimento que deve levar para uma vida tribal além da civilização, um dos membros do seminário de que participei disse que ainda não entendia por que essa proposta serviria para tornar a vida humana mais sustentável. Já se passou um bocado de tempo desde a última vez que falei dessa questão e por isso acho que devo abordá-la de novo. É uma questão válida e importante. A Nova Revolução Tribal pode dar uma vida melhor às pessoas, mas, se não servir para perpetuar a nossa espécie além de algumas décadas, qual é o problema?

Neste exato momento, há cerca de seis bilhões de seres humanos no que chamei de “cultura do prejuízo máximo”. Só dez por cento desses seis bilhões de pessoas estão sendo prejudiciais ao máximo — esgotando recursos a toda a velocidade, contribuindo para o aquecimento global a toda a velocidade, e assim por diante —, mas os outros noventa por cento, sem nada melhor em vista, só querem ser como os dez por cento. Invejam aqueles dez por cento porque estão convencidos de que viver de um modo que seja prejudicial ao máximo é o melhor de todos os modos de vida possíveis.

Se não lhes oferecermos algo melhor para querer, estamos fritos.

Uma mudança sistêmica

A Nova Revolução Tribal é um plano de fuga da prisão da nossa cultura. Os muros da nossa prisão são econômicos, isto é, a necessidade de ganhar a vida nos mantém dentro deles, pois não há como ganhar a vida do lado *de fora*. Não podemos empregar a solução maia — não podemos desaparecer num mundo de tribalismo étnico. Mas podemos desaparecer numa vida de tribalismo *ocupacional*.

Isso vai transformar a nossa civilização em ruínas fumegantes? Claro que não. Vai *diminuí-la*. À medida que um número cada vez maior de pessoas entender que pular o muro significa conseguir algo melhor (não “renunciar” a alguma coisa), um número cada vez maior de pessoas vai abandonar a cultura do prejuízo máximo — e quanto mais essa cultura for abandonada tanto melhor. O plano de fuga leva para além da civilização, para além daquilo que, segundo a nossa mitologia cultural, é a invenção suprema, a última invenção da humanidade.

O plano de fuga leva para a *próxima* invenção da humanidade.

Mesmo assim, será que essa próxima invenção vai dar-nos um modo de vida sustentável? Eis aqui uma forma de avaliar isso: os seres humanos que viviam em tribos eram tão estáveis ecologicamente quanto leões ou babuínos que viviam em bandos. A vida tribal não foi algo que os humanos se sentaram e ficaram imaginando. Foi o presente da seleção natural, um sucesso comprovado — não a perfeição, mas difícil de melhorar. A hierarquização, por outro lado, mostrou ser não somente imperfeita, mas catastrófica, em última instância, para a Terra e para nós. Quando o avião está caindo e alguém lhe oferece um pára-quedas, você não faz questão de ver sua garantia.

Mas por que próxima grande aventura da “humanidade”?

Em *A história de B* e em outras obras, fiz questão de deixar bem claro que nós — os conquistadores, o povo dessa cultura — *não* somos a humanidade e, com toda a certeza, nunca refutei essa afirmação. Não é a humanidade que está convertendo a biomassa deste planeta em massa humana, são os membros da nossa cultura — nossa. Não é a humanidade que está levando milhares de espécies à extinção todos os anos com sua expansão, são os membros da nossa cultura — nossa.

Por que então descrever a Nova Revolução Tribal como próxima grande aventura da “humanidade” em vez de “nossa” próxima grande aventura? A resposta é simples: a civilização não foi “nossa” aventura. Como disse muitas e muitas vezes neste livro, a civilização foi uma aventura da qual muitos povos participaram. “Nós” não fomos os únicos; fomos apenas os únicos que a mantiveram próximo da auto-imolação. E, se a civilização não era apenas a “nossa” grande aventura, como a *próxima* grande aventura poderia ser apenas “nossa”?

A Nova Revolução Tribal não pretende ser nossa apenas — afinal de contas, qualquer um pode participar dela. Mas também não é compulsória. O velho tribalismo com o qual a humanidade se tornou humanidade é tão bom quanto sempre foi. Nunca vai se desgastar, nem ficar obsoleto. Pousar na Lua foi uma grande façanha da humanidade, mas não significa que todos os seres humanos têm de ir até lá.

PARTE SETE

Além da civilização

“Uma inovação científica importante raramente abre caminho vencendo e convertendo gradualmente seus oponentes... O que acontece é que os oponentes desaparecem gradualmente e a geração seguinte está familiarizada com a idéia desde o começo”.

Max Planck

Liberação

Durante um período em que milhões de pessoas eram liquidadas como “inimigos do povo”, havia um certo poeta “perigoso” que ficou célebre por sua estranha capacidade de evitar o descontentamento de Stálin. Um jornalista francês procurou-o para perguntar se havia sido silenciado durante o último reinado do terror.

“Silenciado!”, gritou o poeta com indignação. “Declamo minha poesia no palco do Teatro _____ toda segunda-feira à noite!”

O jornalista fez questão de estar lá na segunda-feira seguinte e descobriu que o teatro estava fechado e às escuras. Ficou por ali durante uma hora, mais ou menos, e, quando estava prestes a ir embora, uma porta lateral se abriu e o poeta deslizou para a noite da rua.

“Que aconteceu?”, perguntou-lhe o jornalista. “Pensei que você fosse ler seus poemas aqui hoje a noite”.

“Eu *li* meus poemas aqui hoje à noite”, declarou enfaticamente o poeta. “Apenas que o melhor de mim só vem à tona quando declamo num teatro vazio”.

Quando as pessoas dizem que os meus livros as inspiraram a ir para algum lugar e fundar uma comunidade, eu lhes desejo toda a sorte do mundo — e mordo os lábios para não dizer que isso está muito longe de qualquer coisa que eu tinha em mente. Se você só pode ser livre vivendo no topo de uma montanha ou numa ilha deserta, então você, claramente, é alguma coisa menos que livre.

Ouçã as crianças

Intencionalmente ou não, os suicidas muitas vezes revelam-se na escolha da forma de morrer. Os culpados enforcam-se. As vítimas de sacrifícios cortam a garganta. Os rejeitados atiram-se de edifícios ou pontes. As mentes atormentadas dão um tiro na cabeça. Jeffrey, em *Meu Ismael*, afogou-se num lago, dizendo que não havia conseguido descobrir seu verdadeiro elemento. Simplesmente não conseguia fazer entrar nos pulmões o ar que os outros pareciam respirar com tanta facilidade.

Já falei de Jeffrey (ou de seu protótipo em carne e osso, Paul Eppinger) para muita gente, sempre com a sensação de que não me havia feito compreender, pois queria dizer que ele não foi extraordinário. Pode ser encontrado em qualquer lugar entre as nossas crianças — basta começar a ouvi-las. Não me refiro a ouvir apenas suas palavras — podem não dispor delas. Ouçam as histórias que contam com gestos de profunda alienação e desespero, as histórias de suicídio pandêmico, do uso de drogas entre crianças cada vez mais novas a cada ano, de atos estarrecedores de violência cometidos por adolescentes de carinha inocente contra sua família e amigos. Ouçam também suas palavras, claro!, mas nunca se esqueçam de que aprenderam a dizer o que as pessoas querem ouvir; os assassinos em massa entre eles quase sempre são lembrados como crianças legais, educadas.

Sei que não consegui fazer-me entender quando as pessoas me dizem que Jeffrey “devia ter ido para uma comuna”. Essa idéia representa um mal-entendido profundo a respeito do espaço onde a nossa liberdade deve ser descoberta.

O banho de sangue de Littleton

A página anterior foi escrita meio ano antes do estarrecedor ato de violência cometido no *Free Cookie Day*, em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Littleton, Colorado, quando quinze pessoas morreram em poucos minutos. Mesmo que os perpetradores desse massacre fossem dois garotos intensamente impopulares, depois do acontecido um colega conseguiu se lembrar de pelo menos um deles como um cara *legal*.

Eu era impopular na escola — não tão impopular quanto esses dois, mas enfrentava a situação do mesmo jeito, zombando dela e até cultivando-a perversamente. Eu também tinha um cúmplice, que me dava uma certa “solidariedade na exclusão”. Ambos recorríamos à violência de vez em quando, mas é óbvio que não sonhávamos em assassinar centenas de pessoas, dinamitar a escola e fazer um avião espatifar-se no centro da cidade.

As coisas eram diferentes naquela época, há quase meio século — não que fossem “os bons velhos tempos”. Nunca nos esquecíamos de que uma palavra inoportuna ou um momento insano podia desencadear um holocausto nuclear que transformaria nosso mundo numa ruína fumegante. Mas, se isso não acontecesse, nós dois tínhamos à nossa frente um futuro de possibilidades literalmente ilimitadas. Ninguém havia percebido ainda que estávamos em vias de tornar a Terra inabitável. Ninguém tinha começado ainda a duvidar que poderíamos continuar vivendo exatamente dessa forma *para sempre*. Portanto, tínhamos *esperança* — litros, acres, toneladas de esperança. Tínhamos um modo de vida que *sabíamos* que ia dar certo. Tínhamos *opções*. Não duvidávamos nem por um momento que poderíamos fazer *qualquer coisa* que realmente quiséssemos fazer, simplesmente porque tudo ia continuar

sendo exatamente *dessa* forma, ficando cada vez melhor, melhor, melhor, melhor, melhor, melhor, melhor, melhor, melhor, melhor... para sempre.

Ouçã os monstros

Serã que Eric Harris e Dylan Klebold teriam se tornado “os monstros da casa ao lado” (como a revista Time os chamou) se tivessem possibilidade de ser outra coisa? Na escola, eram hostilizados pelos outros, que os chamavam de “panacas” e “veados”, e agredidos com garrafas e pedras atiradas dos carros dos colegas. Serã que entraram nessa porque *gostavam* dos maus-tratos? Não, sabemos muito bem porque eles entraram nessa: não tiveram escolha. “Tiveram” de entrar nessa, impelidos pela lei e pela pressão social. Se tivessem outra possibilidade, teriam desaparecido da Columbine muito tempo antes de seu único sonho tornar-se um sonho de vingança e suicídio.

Serã que meticolosos exames do cérebro teriam revelado que eram “geneticamente inclinados à violência”? Talvez sim; e daí? Um meticoloso exame do cérebro poderia revelar a mesma coisa em mim. Lembre-me de falar-lhe sobre uma época em que escapei por um triz de matar um homem com minhas próprias mãos, uma catástrofe que só foi impedida por um golpe de sorte — sorte para ambos. Ser “geneticamente inclinado à violência” não o condena a se tornar assassino de um número imenso de pessoas — mas não ter esperança pode levá-lo exatamente a isso. A criatura de Frankenstein só se tornou um monstro quando viu que nunca seria outra coisa.

Hã estimativas de que, desde os tempos de minha juventude, a depressão infantil aumentou em mil por cento e o suicídio de adolescentes em trezentos por cento. Desde 1997, colegas de classe assassinos mataram dois no Mississippi, três em Kentucky, cinco no Arkansas e treze no Colorado. Faça um gráfico com esses números e calcule seu aumento exponencial nos próximos anos — se não começarmos a dar a nossos filhos um novo modo de vida e

alguma esperança real no futuro.

Um espaço cultural que seja nosso

As pessoas relutantes em passar a vida construindo a pirâmide de um faraó qualquer têm uma necessidade comum, mas a necessidade é sentida mais agudamente pelos jovens, que são os verdadeiros animais de carga da operação. Há sessenta anos, os recém-formados aceitavam empregos em fábricas, onde pelo menos podiam esperar subir a mesma escada de progresso dos pais. Na era pós-industrial, os jovens (como observam James E. Côté e Anton L. Allahar) estão se tornando cada vez mais “guetizados” nos setores de varejo e serviços, onde levantam e carregam fardos interminavelmente, abastecem prateleiras, varrem o chão, entregam compras e fazem sanduíches, sem adquirir nenhuma qualificação nem ver o caminho do progresso à frente.

O que queremos — tanto eles quanto nós — não é um espaço geográfico, mas um espaço cultural. Carlos, que construiu seu lar dentro de um bueiro no Riverside Park, sabia que existe um certo tipo de liberdade quando a pessoa vive num buraco. Mas também sabia que não é “liberdade mesmo”, se você tem de morar num buraco para tê-la. Ele queria o tipo de liberdade que as pessoas têm quando vivem onde querem e não precisam apelar para um buraco, mesmo nos “belos montes Ozark” ou “ao pé das colinas de Kentucky”. Ele queria toda a liberdade do mundo — assim como a maioria de nós, acho eu. Para consegui-la, temos de arrancar o mundo das mãos dos faraós. Não vai ser difícil. Eles não esperam isso — mas, mesmo que esperassem, não vão conseguir impedir.

Por que as coisas acabaram não mudando

Montes de canções foram feitos durante a era *hippie* das décadas de 60 e 70, mas a revolução propriamente dita nunca se materializou, porque não ocorreu aos revolucionários que tinham de propor uma forma revolucionária de ganhar a vida. Sua proposta era fundar comunas — uma idéia quentíssima dos mesmos caras que nos deram perucas empoadas.

Quando o dinheiro acabou e os pais se encheram, a moçada olhou em volta e não viu nada para fazer além de candidatar-se a empregos em pedreiras. Em pouco tempo estavam carregando pedras para as mesmas pirâmides para as quais seus pais, avós e bisavós trabalharam durante séculos.

Dessa vez vai ser diferente. É bom que seja.

Outra história para viver

Tal com o eu disse em *Ismael*, a “história” que estamos vivendo em nossa cultura é: *O mundo foi feito para o Homem conquistar e governar, e o Homem foi feito para conquistá-lo e governá-lo; e, sob o governo do Homem, o mundo poderia ter-se tornado um paraíso, exceto pelo fato de que ele, o Homem, é fundamental e irremediavelmente imperfeito*. Essa história — ela própria mitologia — é o alicerce de toda a nossa mitologia cultural, e eu disse em *Ismael* que não é possível as pessoas simplesmente desistirem de viver essa história. Precisam ter *outra história para viver*.

Quando escrevi essas palavras, não me ocorreu que as pessoas poderiam imaginar que essa “outra” história fosse uma invenção nova que eu ou um grupo seletivo de mitólogos iríamos tirar do nada, mas é claro que algumas imaginaram. Mas, por estranho que pareça, quando desafiado a articular essa outra história, que descrevi como uma história vivida aqui durante os três primeiros milhões de anos da vida humana, descobri que não conseguia montá-la de uma forma muito convincente. Isso porque eu estava tentando formulá-la de uma maneira que era paralela à nossa, ponto por ponto. Não consegui entender por um bom tempo que a outra história era muito mais simples (muito mais “primitiva”) que a nossa — e que eu já a havia articulado. Para mim, é a história mais bela que já foi contada.

Não existe apenas uma forma certa de as pessoas viverem.

Não existe apenas uma forma certa

Depois que você reconhece isso, fica absolutamente claro que essa é a história que foi vivida aqui durante os três ou quatro primeiros milhões de anos da vida humana. É evidente que há uma sensação intensa de que o nosso é apenas um caso especial de uma história muito maior, escrita na própria comunidade dos seres vivos desde o começo, há uns cinco bilhões de anos: *Não existe uma forma certa de viver para NENHUM SER VIVO.*

Não existe apenas uma forma certa de articular uma mandíbula.

Não existe apenas uma forma certa de construir um ninho.

Não existe apenas uma forma certa de desenhar um olho.

Não existe apenas uma forma certa de movimentar-se embaixo d'água.

Não existe apenas uma forma certa de reproduzir-se.

Não existe apenas uma forma certa de criar filhos.

Não existe apenas uma forma certa de modelar uma asa.

Não existe apenas uma forma certa de atacar uma presa.

Não existe apenas uma forma certa de defender-se de ataques.

Foi assim que os seres humanos vieram de lá até aqui, vivendo essa história, e as coisas deram sensacionalmente certo até dez mil anos atrás, quando a nossa cultura *muito* esquisita nasceu obcecada pela idéia de que existe uma única forma certa de as pessoas viverem — e, na verdade, uma única forma certa de fazer praticamente qualquer coisa.

Faça desse jeito!

Mas essas palavras não serão ouvidas sem que um sabichão se lembre de perguntar: “Mas o senhor não está dizendo, sr. Quinn, que *o modo tribal* é o modo certo de as pessoas viverem?”

Não estou dizendo nada desse gênero. Como já afirmei, os presentes da seleção natural não são perfeitos (e muito menos “certos”), mas é muito difícil melhorá-los. O modo tribal não é o modo certo, mas apenas um modo que funcionou durante milhões de anos, ao contrário do modo hierárquico, que nos deixou cara a cara com a extinção depois de apenas dez mil anos.

Tanto quanto sei, o modo tribal pode, no futuro, ser suplantado por outro que funcione melhor para nós em circunstâncias que, obviamente, serão muito diferentes daquelas do passado. Na verdade, não é exatamente o que estou propondo nestas páginas? Afinal de contas, não estou sugerindo um retorno ao modo tribal tal como foi conhecido aqui durante os três primeiros milhões de anos da vida humana — nem como ainda é conhecido entre os povos aborígenes que sobreviveram. O tribalismo étnico à moda antiga está, para o futuro que podemos prever, completamente fora de nosso alcance.

O tribalismo da Nova Revolução Tribal não é proposto como um fim, como algo *certo* e ao qual devemos nos apegar a todo o custo — é proposto como um início, num momento que temos de nos lançar num novo começo ou aceitar a idéia de juntar-nos aos dinossauros num futuro muito próximo.

Faça daquele jeito!

Uma outra pessoa pode vir com esta aqui: “Mas o senhor não está dizendo de fato, sr. Quinn, que não ter só uma forma certa de viver é *a única forma certa de viver?*”

Não, não estou dizendo isso, porque isso é apenas uma conversa mole sem sentido. Não ter só uma forma certa de viver *não* é um modo de viver, assim como não haver só uma forma certa de cozinhar um ovo não é uma forma de cozinhar um ovo.

Saber que não existe só uma forma certa de viver não lhe dirá como viver, assim como saber que não existe uma hora certa de ir para a cama não lhe dirá quando ir para a cama.

O começo não é o fim

Além da civilização não é um espaço geográfico de algum lugar bem alto das montanhas, nem de uma remota ilha deserta. É um espaço cultural que se abre entre pessoas de cabeça nova.

As cabeças velhas pensam:

Como resolver esses problemas?

As cabeças novas pensam:

Como podemos fazer acontecer o que queremos que aconteça?

Ao discutir as idéias encontradas neste livro com seus amigos, você vai conseguir identificar facilmente as cabeças velhas. São as que estão sempre “fazendo o papel de advogado do diabo”, sempre apontando as dificuldades, concentrando-se nelas, sempre pontuando o progresso de seu diálogo com problemas. Concentre-se, ao invés disso, no que você gostaria que acontecesse, e como fazer isso acontecer, em vez de em todas as coisas que podem impedir isso de acontecer.

Acredite se quiser: uma pessoa de carne e osso disse-me certa vez:

“Sim, mas não vamos continuar pagando impostos?” Sim, e você ainda vai prender seu cachorro e obedecer ao limite de velocidade, e tirar a neve das calçadas quando ela cair. E ainda vai ser uma boa idéia chegar ao aeroporto alguns minutos antes do horário do seu voo.

Hã, sem milagres?

Jack e Jill passaram alguns dias com o amigo Simon em seu pequeno veleiro. Certa manhã, acordaram e descobriram que o barco estava afundando.

“Que diabos vamos fazer?”, perguntou Jill.

“Não se preocupe”, disse Jack. “Simon é muito engenhoso”.

Simon chamou-os:

“Vamos lá, temos de abandonar o barco”.

Jill ficou alarmada, mas Jack tranqüilizou-a dizendo que Simon não ia deixá-los numa pior.

“Estamos a apenas cem metros da praia”, disse Simon. “Vamos embora!”

“Mas como vamos nos salvar?”, queria saber o casal.

“Vamos nadar, óbvio!”

Vendo o ar de decepção de Jack, Simon perguntou o que havia de errado.

Jack respondeu:

“Eu esperava que você fosse encontrar um jeito de nos levar diretamente até a praia, *sem termos de nos molhar*”.

Um dos meus primeiros leitores mostrou a mesma decepção comigo. Esperava que eu conseguisse encontrar uma forma de nos levar diretamente para a nossa nova terra natal econômica sem ter de “se molhar” na economia dos conquistadores que nos circundam. A Nova Economia Tribal (que, na melhor das hipóteses, só consigo imaginar vagamente) é a terra seca à nossa frente. Alcançá-la enquanto nos mantemos desdenhosamente distantes da economia à nossa volta faria que caminhar sobre as águas parecesse um milagre bem insignificante.

140 palavras de conselho

Você não precisa ter todas as respostas. Eu, com certeza, não tenho. Sempre é melhor dizer “Não sei” do que se enganar e se meter numa fria.

Faça as pessoas formularem suas próprias perguntas. Não assuma a responsabilidade de imaginar qual é a dificuldade delas.

Nunca tente responder a uma pergunta que você não entendeu. Peça a quem a fez que explique; se continuar insistindo até ela ficar clara, nove vezes em dez a própria pessoa vai dar a resposta.

As pessoas ouvem quando estão prontas para ouvir, não antes. Provavelmente, um dia *você* não estava pronto para ouvir. Deixe as pessoas entenderem as coisas de acordo com seu ritmo. Importuná-las ou intimidá-las só vai afastá-las.

Não perca tempo com pessoas que querem discutir. Elas vão manter você imobilizado para sempre. Procure pessoas que *já* estão abertas para algo novo.

Um final maravilhoso

Como qualquer escritor, imaginei que, quando chegasse a hora, eu teria um final maravilhoso para este livro — címbalos batendo, um raio de luz pura filtrando-se por entre as nuvens (você sabe) —, mas nada disso aconteceu. Falei a esse respeito com Rennie ontem à tarde, só para puxar conversa. Não esperava que ela fosse resolver o problema, mas não me ocorreu que *era* um problema. Assim mesmo, às três da manhã ela me acordou para dizer que nenhum final incrível lhe viera à cabeça e que nenhum final incrível lhe *viria* à cabeça. Enquanto me explicava isso, ela me disse que eu devia incluir Hap e C. J. na dedicatória e que esse era o primeiro de meus livros que ela realmente *queria* que lhe fosse dedicado (com as outras dedicatórias ela até se conformava).

Não há final nenhum neste livro, ela me disse, porque é cem por cento *começo*, e é claro que ela tem razão.

Mas isso significa apenas que nenhum final maravilhoso vai aparecer *aqui*. O final maravilhoso está do outro lado desta página e do lado de fora da capa do livro, onde a revolução de fato vai ocorrer.

O final maravilhoso é *você* quem vai escrever.

Bibliografia

- Anderson, Ray C. *Mid-course correction: Toward a sustainable enterprise: The interface model*. Atlanta: Peregrinzilla Press, 1998. Associated Press.
- “Brother in custody for Alabama death.” 19 de Junho de 1998.
- . “Child charged with attempted murder”. 21 de fevereiro de 1998.
- . “Recent U. S. school shootings”. 21 de maio de 1998.
- . “Homeless given new carts in LA”. 15 de julho de 1998.
- . “Berkeley cracks down on homeless”. 26 de novembro de 1998.
- Attali, Jacques. *Millennium: Winners and losers in the coming world order*. Nova York: Random House, 1991.
- Baltrusch, Libby S. *The new age community guidebook: Alternative choices in lifestyles*. 4ª ed. Middletown, Califórnia: Harbin Springs, 1989.
- Bass, Dina. “Poll finds sharp rise in drug use among youngsters”. *Los Angeles Times*, 14 de agosto de 1997.
- Briggs, John, e David F. Peat. *Seven life lessons of chaos: Spiritual wisdom from the science of change*. Nova York: Harper Collins, 1999.
- Brokaw, Chet. “South Dakota suicides worry officials”. Associated Press, 14 de março de 1998.
- Cooper, Diana Starr. *Night after night*. Washington, D.C.: Island Press, 1994.
- Côté, James E., Anton L. Allahar. *Generation on hold: Coming of age in the late twentieth century*. Nova York: New York University Press, 1996.
- Culhane, John. *The American circus: An illustrated history* Nova York: Henry Holt, 1990.
- Dawkins, Richard. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- Eppinger, Paul, Charles Eppinger. *Restless minds, quiet thoughts: A personal*

journal. Ashland: White Cloud Press, 1994.

Feldman, S. Shirley, Glen R. Elliot (orgs.). *At the threshold: The developing adolescent*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

Fernandez, James W. (org.). *Beyond metaphor: The theory of tropes in anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

Gibbs, Nancy. "The Littleton massacre". *Time*, 5 de maio de 1999.

Gmelch, Sharon Bohn. "Groups that don't want in: Gypsies and other artisan, trader, and entertainer minorities". *Annual Review of Anthropology* 15 (1986): 307-330.

Gorbachev, Mikhail. *The search for a new beginning: Developing a new civilization*. San Francisco: Harper San Francisco, 1995.

Gore, Al. *Earth in the balance: Ecology and the human spirit*. Nova York: Houghton Mifflin, 1992.

Greenberg, Josh. "Teen drug use has doubled in 4 years, U. S. says". *Los Angeles Times*, 21 de agosto de 1996.

Grossman, Ron. "The smallest show on earth: Tiny troupe surviving the Hamlets". *Chicago Tribune*, 10 de julho de 1986.

Irvine, Martha. "Chicago's homeless face 'eviction'." The Associated Press, 29 de janeiro de 1999.

Killion, Thomas W. (org.). *Gardens of prehistory: The archaeology of settlement agriculture in greater Mesoamerica*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1992.

Kim, Eun-Kyung. "Survey shows teen drug use rose". Associated Press, 21 de agosto de 1998.

Knutson, Lawrence L. "Report cites harassment of homeless". Associated Press, 6 de janeiro de 1999.

Kritzer, Jamie. "Teens at risk: Survey results indicate that young people are

using illegal drugs in greater number than before”. *Montgomery Advertiser*, 22 de setembro de 1996.

Lee, Richard B., Irven DeVore, (eds.). *Man the hunter*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1968.

Lloyd, Leslie. “Six plead guilty to killing family”. Associated Press, 21 de fevereiro de 1998.

Loviglio, Joann. “Philadelphia sidewalk law protested.” Associated Press, 18 de janeiro de 1999.

Lundy, Katherine Coleman. *Sidewalks talk: A naturalistic study of street kids*. Nova York: Garland, 1995.

Marcuse, P. “Neutralizing homelessness”. *Socialist Review*, 18 (1988): 69-96.

Myers, Patricia. “The circus is his life: Aerialist is 6th generation performer”. *Arizona Republic/Phoenix Gazette*. 27 de dezembro de 1996.

Nissen, Hans J. *The early history of ancient near east, 9000-2000 B.C.* Chicago: University of Chicago Press, 1988.

Parish, Steven M. *Hierarchy and its discontents: Culture and the politics of consciousness in caste society*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1996.

Price, Jenny. “At least 4 dead in school shooting”. Associated Press, 14 de março de 1998.

Reavis, Dick. *The ashes of Waco: An investigation*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995.

Ribeiro, Darcy. *The civilizational process*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1968.

Rivera, Barbara. “Circus life a family affair”. *Tulsa World* 22 de abril de 1998. Sabloff, Jeremy A. “Maya.” *Encyclopedia Americana — International Edition*. Danbury, Connecticut: Grolier, 1992.

Shiner, Michael, e Tim Newburn. “Definitely, maybe not? The normalization of recreational drug use amongst young people.” *Journal of the British Sociological Association* 31, 3 (agosto de 1997): 551-529.

Suro, Roberto. “Other drugs supplanting cocaine use: Methamphetamine, heroin on the rise, white house reports”. *Washington Post*, 25 de junho de 1997.

Times Books. *Past worlds: The Times atlas of archaeology*. Maplewood, Nova Jersey: Hammond, 1988.

Toth, Jennifer. *The mole people: Life in the tunnels beneath New York City*. Chicago: Chicago Review Press, 1993.

Wagner, David. *Checkerboard Square: Culture and resistance in a homeless community*. Boulder: Westview Press, 1993.

Worden, Amy. “Amish arrested in gang drug bust”. Associated Press, 23 de junho de 1998.

Wright, Talmadge. *Out of place: Homeless mobilizations, subcities, and contested landscapes*. Albany: State University of New York Press, 1997.

Zuckoff, Mitchell. “Under the little top: Welcome to the Big Apple Circus, where a community of performers juggles life’s ups and downs a single magical ring”. *Boston Globe*, 5 de julho de 1992.

Índice temático

Quase todos os temas de *Além da civilização* foram abordados em obras anteriores. Este índice foi feito para ajudar a acompanhar seu desenvolvimento ao longo do tempo. Os números que vêm imediatamente depois dos verbetes referem-se a este volume. Os números de página relativos a *Ismael (ISM)*, *A história de B (AHDB)* e *Meu Ismael (MI)* referem-se às edições publicadas em português pela Editora Fundação Peirópolis.

DEFINIÇÕES

civilização 87, 97, 123

cultura 28, 64 • ISM 38, 161-162 • MI 45, 86

modo de vida 64

meme 27

salvar o mundo 12-13 • ISM 26-28 • AHDB 57, 134-135 • MI 8, 180-181

organização social 64, 97

negócio tribal 71, 147, 152-156 • MI 206-208

tribos, cultos, comunas, gangues 69, 71, 109, 163-169, 175 • MI 87, 187, 203-208

CULTURA

“a nossa” e “a deles” 11 • ISM 36, 120-121, 125, 194 • AHDB 97-98, 101, 114-119, 168, 258-259, 267-268, 300 • MI 44-50, 54, 95, 113-114, 127-128, 151-154, 159-160, 163-165, 169, 171-172, 179-180, 181, 225

enquanto “patrimônio memético” 28

como *memes* diferentes produzem culturas diferentes 29, 39, 50-56

a Mãe Cultura fala 36, 158 • ISM 35, 37, 39, 45-77, 85, 100-101, 114, 118-121, 163-164, 174-178, 185 • AHDB 214, 290 • MI 34-35, 40-43, 50, 95, 177-178

“MEMES”

enquanto elementos de visão 27, 29, 39, 50, 53-56, 60, 80

comparação com os genes 27-30, 35-36, 38

letais 30-31, 59

reprodução 36-38 • MI 144-145

“o conhecimento do bem e do mal” enquanto um conjunto de *memes* 31

• ISM 128-136, 137, 143-144, 147-149 • AHDB 105-106

NOSSA MITOLOGIA CULTURAL

a agricultura enquanto algo inevitável ou “o melhor modo de vida que existe” 39-41, 50, 53 • ISM 36, 69, 71, 148, 163, 181 • AHDB 86-87, 92-93, 101-102, 117, 167-168, 258-259, 264-265 • MI 53, 60-61, 66-67

a civilização enquanto algo inato ou insuperável 9, 19, 50-53, 59-60, 65, 80, 88 • ISM 35, 64-65, 70 • AHDB 84-85, 229, 258-259, 261-262, 264-265, 282-283, 334

seres humanos inerentemente imperfeitos 18, 177, 189 • ISM 70-72, 75-76, 98, 112-113 • AHDB 102-103, 159-160, 231-232, 255-256, 282-283, 297, 337 • MI 41-43, 46, 47-48, 92

a nossa enquanto “o único modo certo de viver” 55, 103, 174, 189-192 • ISM 136-137, 165-167 • AHDB 91-97, 116-119, 138-140, 292, 328 • MI 94-95, 123, 167, 176

os membros de nossa cultura como a humanidade em si 180 • AHDB 95, 119, 139-140, 147, 259, 261-262, 299-300

o mundo feito para o homem conquistar e governar 187 • ISM 53-54, 62-64,

69-72, 119, 120, 148, 195-196, 199-200 • AHDB 161-163, 167-169, 201, 292-294, 295, 298

O QUE AS PESSOAS PRECISAM E DESEJAM

livrar-se da escravidão 50-51, 57-60, 110, 162 • ISM 26, 35 • AHDB 286-287, 288-289 • MI 57-62, 178-181

liberdade para viver de um modo diferente 79, 91, 103, 110-112, 142, 145, 184-188 • ISM 27, 35-36 • AHDB 28 1-282 • MI 57-62, 178-181

esperança no futuro 10, 12, 84, 110, 117, 184 • ISM 28, 119 • AHDB 281-282 • MI 113-114, 123, 181

segurança 92, 122, 138, 156-157, 159 • MI 169, 170

igualdade social e econômica 9, 50-52, 57, 80-84, 121

QUEM NÃO ESTÁ OBTENDO O QUE PRECISA?

os moradores de rua 127-142 • ISM 176-177 • MI 186-187

os jovens 110-111, 145, 184-186, 188 • ISM 11-12, 27, 172-173 • MI 25-26, 183-190, 198-199

SOLUÇÃO HIERÁRQUICA

cultura do “prejuízo máximo” 115-117 • ISM 165, 167 • AHDB 292, 295-296 • MI 26

riqueza hierárquica e padrões de vida 9, 57-58, 93-96, 113-117, 174-175

• ISM 166, 175-176 • AHDB 114-115 • MI 46, 56-62, 112, 116-117, 151-152, 158-185, 178-179

trancar a comida a chave 11, 76 • MI 45-46, 58, 65, 95, 112-113, 123-124, 128-129, 163-164, 202-203

ganhar a vida com a hierarquia 50, 57-59, 66, 76, 85, 113-114 • ISM 105-107,

164-165 • AHDB 168-169, 262-263 • MI 45-46, 56-62, 123-124, 169, 171-172, 186-187

promulgar leis 22-23, 29 • ISM 165-166 • AHDB 279 • MI 108-111

escolaridade 129 • AHDB 59, 90-91 • MI 34, 51, 62, 123-124, 125-159, 196

desigualdade social e econômica 50-52, 57-58, 76-78, 8 1-82, 113 • ISM 143-144, 176, 201-203 • AHDB 337 • MI 57-58, 113, 160-167

agricultura totalitária, corrida alimentar, crescimento da população 39-41, 56, 76, 119-120 • ISM 59, 109-114, 126, 174-175 • AHDB 85-88, 92-95, 100-105, 163-168, 261-263, 266-268, 273-289, 301-321, 325 • MI 53-62

experiência do Novo Mundo pré-colombiano 42-53, 66, 89 • ISM 90, 99-100, 136-137, 200 • MI 98, 166-167

insustentabilidade da 88, 92, 176-177 • ISM 87-91, 98-99, 110, 114-118, 172 • AHDB 268-270 • MI 26, 65-66

SOLUÇÃO TRIBAL

comida à vontade, é só pegar 39-41 • ISM 179-180 • MI 45, 56-58, 161

agricultura não-totalitária 39-41, 76 • ISM 111-112, 136-137 • AHDB 79 • MI 56-58, 64-65, 96-97

como ganhar a vida na tribo 39-41, 47, 66-67, 69-95, 146-151, 154-155, 160-162 • ISM 164-165 • MI 59-60, 163-165

igualdade social e econômica 4, 70, 73, 79, 88, 122 • AHDB 337 • MI 113, 163-165

riqueza tribal e padrões de vida 79, 93-96, 111, 147, 156 • ISM 119-121, 177-182 • AHDB 116-119, 193-202, 322-337 • MI 111-113, 159-160, 163-165, 168-174, 178-180, 197, 206-208

APRENDER COM O PASSADO

Por que os povos do passado abandonaram suas civilizações? 46-48, 50-53, 65-66, 68, 88 • ISM 88, 136-137 • AHDB 335-336

Por que não abandonamos a NOSSA? 48-50, 54-55, 59, 80, 88 • ISM 87-91, 136-137

a “Revolta das Crianças das décadas de 60 e 70” 188 • ISM 11-12,172-173 • MI 198-199

APRENDER COM O QUE DÁ CERTO

invisibilidade do sucesso 17-20 • ISM 81-87, 97-99 • AHDB 160-162, 230-234 • MI 40, 118-120

organizações sociais de outras espécies e culturas 63, 67, 89-90, 109, 121 • ISM 86, 97-112, 115-121, 162-165, 174-175, 177, 191, 196-198 • AHDB 60-70, 143-154, 162-167, 193-202, 230-234, 266-269, 273-276, 324-334 • MI 50, 72-91, 93-95, 98-108, 115-118, 144-149, 153-155, 172-173

PROGRAMAS E VISÃO

o cristianismo e outras religiões enquanto visão 20-22 • AHDB 59-60, 71, 156, 282-284, 338 • MI 113-114

a Revolução Industrial enquanto visão 20-22, 25 • AHDB 58-59, 248, 294 • MI 193-197

os *memes* enquanto elementos da visão 27, 29, 39, 50-51, 53-56, 60, 80
cabeças novas/cabeças velhas 13-15, 23, 107, 130, 193 • AHDB 57, 82, 85-87, 100-103, 248 • MI 250

mecanismos propagadores de visões 21 • AHDB 60, 92-95, 156-157

visão e visão *x* programas 13-16, 20-25, 27, 65, 107, 116-117 • ISM 199-200, 195-196 • AHDB 44-45, 57-61, 82, 85, 156-202, 248, 282-283, 290-300

PENSAR O IMPENSÁVEL

abandonar a civilização 43-60, 65, 91, 97 • ISM 35, 172-173, 199-200 • MI 106, 201-203, 207

abandonar “o único modo certo de as pessoas viverem” 46, 54, 103 • MI 201

aceitar os moradores de rua 130-142 • MI 192-193

criar novos “espaços culturais” 86, 123, 132, 186-187 • MI 192

mudanças de paradigmas 26, 189 • AHDB 85-88, 100-103, 106

A NOVA REVOLUÇÃO TRIBAL

um mundo de tribos 111-112, 121-122, 159, 179

enquanto “forma de escapar” da hierarquia 60, 113, 116-117, 178-180 • MI 123-124, 198-208

continua a necessidade de ganhar a vida 136, 146-148, 154-155, 160, 194

cultura de “menos prejuízo” 118-119

mudança incremental x revolução, “luta” 91, 101-102, 104-108 • MI 201-202

negócios tribais (circos e outros) 60-75, 78, 112, 146-176 • MI 206-208

a Tribo do Corvo 140, 145 • MI 192-193, 196

Disque-tribo

A Nova Revolução Tribal não é nada além de um grande experimento *educativo*, que só pode dar certo se disseminarmos a nossa sabedoria, experiências e descobertas a respeito de ganhar a vida de forma tribal. Felizmente, temos um meio incrível para fazer exatamente isso por intermédio da internet. No endereço www.newtribalventures.com você pode entrar em contato com milhares (e, com o passar do tempo, milhões) de leitores que pensam como você e estão prontos para se lançar nessa próxima grande aventura.

Os que não estão *on-line* podem entrar em contato comigo em Beyond Civilization, P. O. Box 66627, Houston Tx 77266-6627. Suas cartas serão recebidas com prazer e sempre lidas com interesse, mas entenda, por favor, que não posso responder a todas elas individualmente.